



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Aline Fernanda Alves Dias

**O sujeito pronominal nas tiras da Mafalda: uma análise contrastiva do
sujeito nulo nas gramáticas do português brasileiro e do italiano.**

Rio de Janeiro

2008

Aline Fernanda Alves Dias

**O sujeito pronominal nas tiras da Mafalda: uma análise contrastiva do
sujeito nulo nas gramáticas do português brasileiro e do italiano.**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Joseh Lima

Rio de Janeiro

2008

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

D541 Dias, Aline Fernanda Alves.
O sujeito pronominal nas tiras da Mafalda: uma análise constrativa do sujeito nulo nas gramáticas do português brasileiro e do italiano / Aline Fernanda Alves Dias. – 2008.
120 f.

Orientador: Ricardo Joseh Lima
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa – Gramática comparada – Italiano – Teses. 2. Gramática comparada e geral – Sujeitos – Teses. 3. Gramática comparada e geral – Tempos verbais – Teses. 4. Gramática comparada e geral – Morfologia – Teses. I. Lima, Ricardo Joseh. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90-52:805.0

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação

Assinatura

Data

Aline Fernanda Alves Dias

**O sujeito pronominal nas tiras da Mafalda: uma análise contrastiva do
sujeito nulo nas gramáticas do português brasileiro e do italiano.**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração Linguística.

Aprovado em 27/03/2008

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ricardo Joseh Lima (Orientador)
Faculdade de Letras da UERJ

Profa. Dra. Carmem Lúcia Praxedes
Faculdade de Letras da UERJ

Profa. Dra. Maria Eugênia Lamoglia Duarte
Faculdade de Letras da UFRJ

DEDICATÓRIA

Ao amor de minha vida, Sérgio Henrique, pelo constante apoio em todos os momentos e pelo companheirismo,

e

ao meu orientador, Ricardo Joseh Lima, pela incomensurável dedicação e por tudo o que me ensinou até aqui.

AGRADECIMENTOS

Foi fundamental para a realização deste trabalho a presença de pessoas com que compartilhei os mais diversos momentos deste percurso. É com muita satisfação, portanto, que expresso os meus agradecimentos àqueles cujo apoio foi, de alguma maneira, indispensável para que eu finalizasse essa importante etapa de minha vida.

Inicialmente, agradeço aos meus amigos da graduação em italiano, Carolina Olivieri, Mariéli Olivieri e Guilherme Cardoso, que sempre me incentivaram e com os quais dividi bons momentos. Também agradeço à Andréia Brandão, com quem tive o prazer de conviver no Programa Surdez, pelas palavras de amizade e confiança.

À minha querida amiga Elaine Brito, com quem a caminhada ultrapassou a graduação. Não obstante os caminhos diferentes, ela na Literatura Brasileira, eu na Lingüística, sempre encontramos uma na outra referência para discussões acerca de nossas pesquisas, nossos anseios e nossos objetivos.

Ao meu caríssimo amigo Helder Rio, com quem compartilhei importantes momentos da aprendizagem e do ensino da língua italiana, cujas lembranças permanecerão para sempre guardadas em nossa memória. Agradeço, ainda, pela ajuda na leitura de parte deste trabalho.

Aos meus amigos René Foster e Clara Villarinho, que compartilharam comigo desde a graduação e os preparativos para a seleção do mestrado até os momentos mais ansiosos da redação desta dissertação. Por todas as experiências, pelas horas de estudo, por dividirem comigo o gosto pelo estudo da língua.

Aos meus caros amigos Adriano, Amália, Ana Paula, Douglas, Ilton, Marcos César, Rafael, Ricardo e Valéria, pelos encontros “mensais”, em que os laços de amizade se consolidam e as experiências vividas, compartilhadas.

Agradeço às professoras da Universidade dos Estudos da Basilicata, Monica Dell’Aglia, com quem aprendi tanto sobre os mais variados aspectos da língua italiana, e Patrizia Del Puente, de cujas aulas de lingüística e dialetologia italiana jamais me esquecerei.

Agradeço ao professor Helênio Oliveira do Departamento de Língua Portuguesa da UERJ, com quem aprendi tanto sobre o português, à professora Carmem Praxedes do Departamento de Letras Neolatinas, pela ajuda na aquisição de parte do material utilizado para análise nesta pesquisa, e à professora Gisele de Carvalho, pelas aulas da disciplina Metodologia de Pesquisa em Lingüística.

Às professoras do Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ, Márcia Machado e Silvia Vieira, com as quais vi aspectos importantes da Sociolinguística Variacionista, que foram fundamentais para a realização da pesquisa.

Agradeço especialmente à professora Maria Eugênia do Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ, pelas indicações bibliográficas, pelas aulas sobre a sintaxe do português brasileiro e pelo indescritível carinho com que trata os seus alunos.

À professora Silvia Cavalcante da UFF, pela disciplina ministrada com tanto empenho junto à professora Maria Eugênia.

Agradeço ainda aos professores do Departamento de Linguística da UFRJ, Celso Novaes, pelas aulas de sintaxe, e à professora Christina Gomes, pela atenção dispensada.

Não poderia também deixar de agradecer à FAPERJ, pelo apoio financeiro dado a este trabalho.

Finalmente, à minha mãe, Rinalva, meu irmão Fábio e minha irmã Cristiane, dos quais sempre recebi incentivo e compreensão nos mais diferentes momentos da caminhada até aqui.

A todos aqueles que foram citados os meus mais sinceros agradecimentos!

Da una parte si dice che la lingua è un sistema chiuso, fermo, dove tutto si tiene, dall'altra sappiamo che la lingua muta nel tempo e che il mutamento è la condizione del suo esistere (una lingua che non muta è una lingua morta).

Dardano & Trifone

RESUMO

DIAS, Aline Fernanda Alves. *O sujeito pronominal nas tiras da Mafalda: uma análise contrastiva do sujeito nulo nas gramáticas do português brasileiro e do italiano*. 2008. 120 f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Pesquisas vêm sendo realizadas com o escopo de se comprovar a distância do português falado no Brasil e aquele falado em Portugal, as quais têm apontado para o comportamento diferenciado do português brasileiro em relação ao sujeito nulo. Acredita-se que o motivo desse comportamento seja a redução de formas flexionais no paradigma verbal por que este passou, levando-o a expressar foneticamente o pronome. Desse modo, este trabalho tem por objetivo analisar o comportamento do sujeito pronominal de referência definida no português brasileiro, confrontando-o com o italiano, língua prototípica de sujeitos nulos, a fim de confirmar as estruturas que os distanciam, bem como aquelas que ainda permitem o licenciamento do pronome nulo em posição de sujeito. Para tanto, utilizou-se como base teórica e procedimental a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981) associada aos princípios teórico-metodológicos da Sociolingüística Variacionista (Weinreich, Labov & Herzog, 1968), visto que essa associação tem se apresentado como uma escolha satisfatória no que diz respeito à coleta e análise de dados. Foram utilizadas, como fonte dos nossos *corpora*, as sentenças estruturalmente semelhantes das histórias em quadrinhos da personagem Mafalda em português brasileiro e italiano. O alto índice de nulos apresentado pelo italiano confirma a distância entre este e o PB. Por outro lado, a estrutura do Sintagma Complementizador revelou ser um fator significante não só para o PB, mas também para o italiano.

ABSTRACT

Proof of the sundering of Portuguese as spoken in Brazil and Portugal has been the subject of several investigations, which point out that Brazilian Portuguese displays a particular Null Subject behavior. This behavior is presumably due to a reduction of inflected forms in the inflectional paradigm that has led BP to phonetically express pronouns. Accordingly, this paper means to analyze the behavior of subject pronouns in Brazilian Portuguese by comparing it with Italian - the null subject language by excellence – in order to confirm those structures which set them apart as well as those which still allow for licensing null pronouns as subjects. To achieve this we have used the Theory of Principles and Parameters (Chomsky, 1981) as a procedural and theoretical basis in association with theoretical-methodological principles from the Variationist Theory (Weinreich, Labov & Herzog, 1968), since this association has been proven satisfactory for collecting and analyzing data. The sources for our corpora were structurally similar sentences in Brazilian Portuguese and Italian found in the fictional character Mafalda's comics. The high rates of Nulls found in the Italian version confirms the distance between it and BP. On the other hand, the syntactic structures of Complementizer Phrases have proven themselves to be significant factors not only for BP but for Italian as well.

Key words: Null Subject Parameter; null subject in Brazilian Portuguese; parametric variation.

RIASSUNTO

Studi vengono realizzati allo scopo di confermare il differenziamento tra il portoghese parlato in Brasile e quello parlato in Portogallo, segnalando l'atteggiamento diverso presentato dal portoghese brasiliano per quanto riguarda il pronome personale soggetto davanti al verbo. Si ritiene che il motivo di tale atteggiamento sia la semplificazione della morfologia verbale che gli è successa. In questo modo, il presente lavoro ha come obiettivo analizzare l'atteggiamento del pronome personale soggetto in portoghese brasiliano attraverso un confronto con l'italiano, prototipo di lingua che elimina il pronome personale soggetto, affinché si confermino le strutture che li distinguono, oltre a quelle che ancora permettono l'eliminazione del pronome soggetto. A tal fine, fu utilizzata come base teorica e come procedura la Teoria dei Principi e Parametri (Chomsky, 1981) associata ai principi teorico-metodologici della Sociolinguistica (Weinreich, Labov & Herzog, 1968), visto che questa associazione si presenta soddisfacente nel cogliere i dati ed analizzarli. Furono utilizzate per la composizione dei *corpora* le proposizioni che si assomigliavano nella struttura nei fumetti in portoghese brasiliano e in italiano del personaggio Mafalda. L'elevato percentuale di soggetto nullo presentato dall'italiano conferma la distanza tra questo e il PB. Da un'altra parte, la struttura del Sintagma Complementatore rivelò essere un importante fattore non solo per il PB, ma anche per l'italiano.

Parole-chiave: Parametro del Nullo Soggetto; il soggetto nullo nel portoghese brasiliano; variazione parametrica.

LISTA DE FIGURAS, TABELAS E QUADROS

FIGURAS

Figura 1.1 - Estágios da Aquisição da Linguagem	19
Figura 2.1 - Hierarquia Referencial de Cyrino, Duarte e Kato (2000)	37
Figura 3.1 - Tira nº. 388, p. 84, Toda Mafalda	51
Figura 3.2 - Tira nº. 495, p. 106, Toda Mafalda	52

QUADROS

Quadro 1.1 - Paradigmas flexionais do italiano e do inglês	22
Quadro 2.1 - Paradigma flexional do PB em três tempos	35
Quadro 2.2 - O presente e o imperfeito do subjuntivo no italiano	45
Quadro 3.1 - Paradigma pronominal do PB e do italiano	57
Quadro 3.2 - Tempos verbais encontrados em PB e italiano	58
Quadro 3.3 - Personagens de acordo com a faixa etária	72
Quadro 4.1 - O modo condizionale em italiano	77

GRÁFICOS

Gráfico 4.1 - Sujeitos nulos e plenos no italiano e no PB	75
Gráfico 4.2 - Sujeitos nulos em espanhol, italiano, PE e PB	106

TABELAS

Tabela 4.1 - Resultado geral de sujeitos pronominais nulos e plenos	74
Tabela 4.2 - Grupo de fatores sem variação no Italiano	76
Tabela 4.3 - Pospostos por pessoa gramatical	78
Tabela 4.4 - Resultado sem nocautes para o italiano	80
Tabela 4.5 - A Significância dos fatores selecionados no italiano	80
Tabela 4.6 - Plenos e nulos no presente do subjuntivo em relação à pessoa gramatical	82
Tabela 4.7 - Grupo de fatores sem variação no PB	87
Tabela 4.8 - Resultado sem nocautes para o PB	88
Tabela 4.9 - Nulos em PB de acordo com a pessoa gramatical	89

Tabela 4.10 - Nulos e plenos de primeira pessoa do singular em contextos especiais	90
Tabela 4.11 - Nulos em PB de acordo com o tempo verbal	94
Tabela 4.12 - Nulos em PB de acordo com a transitividade Verbal	96
Tabela 4.13 - Nulos em PB de acordo com a transitividade verbal	97
Tabela 4.14 - Nulos em PB de acordo com as condições de referência	99
Tabela 4.15 - Nulos em PB de acordo com o traço semântico do sujeito	101
Tabela 4.16 - Nulos e plenos no espanhol, italiano, PE e PB	103
Tabela 4.17 - Distribuição de plenos e nulos em espanhol, italiano, PE e PB	104
Tabela A1 - Nulos em PB de acordo com o modo verbal	116
Tabela A2 - Nulos em PB de acordo com a forma verbal	116
Tabela A3 - Nulos em PB de acordo com a presença de material entre o especificador de IP e I	116
Tabela A4 - Nulos em PB de acordo com a função sintática da oração	116
Tabela A5 - Nulos em PB de acordo com o tipo de oração	116
Tabela A6 - Nulos em PB de acordo com a faixa etária do personagem	117
Tabela B1 - Nulos em italiano de acordo com a pessoa gramatical	118
Tabela B2 - Nulos em italiano de acordo com o modo verbal	118
Tabela B3 - Nulos em italiano de acordo com a forma verbal	118
Tabela B4 - Nulos em italiano de acordo com a transitividade verbal	118
Tabela B5 - Nulos em italiano de acordo com a presença de material entre o especificador de IP e I	118
Tabela B6 - Nulos em italiano de acordo com a função sintática da oração	119
Tabela B7 - Nulos em italiano de acordo com as condições de referência	119
Tabela B8 - Nulos em italiano de acordo com o tipo de oração	119
Tabela B9 - Nulos em italiano de acordo com a faixa etária do personagem	119

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	14
INTRODUÇÃO.....	16
Capítulo 1- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
1.1- A Teoria Gerativa: a linguagem geneticamente determinada	19
1.1.1 Competência e Desempenho	21
1.1.2- Princípios e Parâmetros	21
1.1.3- O parâmetro <i>pro-drop</i>	22
1.1.4- Hipóteses sobre o parâmetro <i>pro-drop</i>	26
1.2- A Sociolingüística e a Teoria da Variação	28
1.2.1- O caráter social da língua	28
1.2.2- Variação e Mudança.....	30
1.3- A Teoria Gerativa de Princípios e Parâmetros e a Sociolingüística.....	33
Capítulo 2- O SUJEITO NULO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO ITALIANO	35
2.1- O sujeito nulo no português brasileiro	35
2.1.1- A perda do <i>Princípio Evite Pronome</i> e suas conseqüências	38
2.2- O sujeito nulo no italiano e as suas propriedades.....	43
Capítulo 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	50
3.1 - A escolha do italiano	50
3.2 – Objetivos e hipóteses	51
3.3 - A escolha do <i>corpus</i>	51
3.4 - A tradução	53
3.5 – Procedimentos metodológicos: seleção e exclusão de dados	55
3.6 – Grupos de fatores para a classificação do sujeito pronominal.....	57
3.6.1 – A variável dependente: sujeito nulo ou pleno	57
3.6.2 – Os fatores morfológicos.....	57
3.6.2.1 - A pessoa gramatical	58
3.6.2.2 - O Tempo Verbal.....	59
3.6.2.3 – O Modo Verbal	59
3.6.2.4 – A Forma Verbal	60
3.6.3 – Os fatores sintáticos.....	61
3.6.3.1 – A transitividade verbal	61
3.6.3.2 – A posição do sujeito pleno	62
3.6.3.3 – A estrutura do sintagma complementizador	63
3.6.3.4 – Os elementos em adjunção ao sintagma flexional.....	65
3.6.3.5 - Material entre o especificador de IP e I.....	65
3.6.3.6 – As funções sintáticas das orações	67
3.6.4 – As condições de referência	68
3.6.5 – O traço semântico do sujeito	71
3.6.6 – Os tipos de oração	72
3.6.7 – A faixa etária	73
3.7 – Varbrul.....	73
Capítulo 4 - ANÁLISE DOS RESULTADOS	75
4.1 – Resultados Gerais	75
4.2- Os resultados para o Italiano	77
4.2.1- Os dados categóricos.....	77
4.2.2 – Os sujeitos pronominais pospostos.....	79
4.2.3- A significância dos fatores em Italiano	81
4.3 – Os resultados para o PB.....	87

4.3.1 - Os dados categóricos.....	87
4.3.2- A significância dos fatores em PB	89
4.3.2.1- A pessoa gramatical	90
4.3.2.2- Tempo Verbal.....	94
4.3.2.3- Transitividade Verbal.....	97
4.3.2.4- Estrutura do Sintagma Complementizador	98
4.3.2.5- As condições de referência.....	100
4.3.2.6- Traço semântico do sujeito.....	102
4.4- O original espanhol e a versão em português europeu: observações gerais.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	113
APÊNDICE A – Grupos de fatores não selecionados para o português brasileiro	117
APÊNDICE B – Grupos de fatores não selecionados para o italiano	119

INTRODUÇÃO

Uma alteração em determinado ponto da gramática de uma determinada língua é fatalmente sentida por outras partes do complexo sistema lingüístico que a compõem. Não haveria, portanto, possibilidade de se concluir uma mudança lingüística sem que, simultaneamente e gradativamente, as gerações de falantes não sentissem os reflexos desse processo.

Sabemos que as características do português do Brasil ganham cada vez mais espaço nos diversos estudos lingüísticos que procuram estabelecer as suas particularidades. Em meio a esses inúmeros estudos, encontram-se os que se destinam à análise do *status* do sujeito pronominal nulo, que passou por mudanças juntamente às que ocorreram nas formas do paradigma verbal.

De acordo com uma abordagem gerativista, o sujeito nulo foneticamente configura um parâmetro do princípio de que todas as línguas possuem uma posição na sentença para o sujeito (Chomsky, 1981). Seria, portanto, uma opção da gramática mental a realização do sujeito nulo ou pleno, a qual marcaria o parâmetro positivamente para aquele e negativamente para este. Acredita-se que a riqueza flexional esteja relacionada ao licenciamento do pronome nulo, uma vez que é possível, por meio da flexão, identificá-lo sem a necessidade de que ele seja expresso, o que estaria de acordo com os pressupostos de economia lingüística.

Baseados nessa concepção, os estudos sobre o Parâmetro do Sujeito Nulo (Chomsky, 1981) no português brasileiro (PB) demonstram que este não vem apresentando, significativamente, sujeitos pronominais nulos e que isso pode estar, portanto, ligado à redução nas suas marcas flexionais. A variedade brasileira do português estaria, portanto, deixando de ser uma língua de sujeitos nulos e, conseqüentemente, acentuando sua distância do português europeu (PE) e das demais línguas românicas, tais como o espanhol e o italiano, que optam majoritariamente por pronomes nulos na posição de sujeito.

Entretanto, por ainda ser possível observar sujeitos nulos em PB, trabalhos como o de Duarte (1993, 1995, 2003), Cyrino, Duarte & Kato (2000), Figueiredo Silva (1996, 2000) Barbosa, Duarte & Kato (2005) entre outros vêm investigando quais são os mecanismos do sistema lingüístico brasileiro que permitem ainda a sobrevivência desses pronomes nulos em sua gramática. Nesse sentido, compreender os contextos em que ainda são consentidos é necessário para a compreensão do fenômeno em questão.

Dessa forma, o presente trabalho pretende investigar as estruturas em que ainda estejam sendo admitidos pronomes nulos em posição de sujeito no português brasileiro, a fim de que se possam oferecer contribuições para os estudos do Parâmetro do Sujeito Nulo nessa variedade do português. Escolhemos, para tanto, analisar também o italiano, língua prototípica de sujeito nulo, com o objetivo de confrontar o seu comportamento em relação ao preenchimento pronominal com o do PB, bem como verificar se existe algum contexto que, mesmo no italiano, favoreça o preenchimento, para, então, observar como se manifesta no PB a mesma estrutura.

Nossas expectativas são as de que o índice de sujeitos nulos na língua italiana seja muito superior ao do PB, para o qual esperamos confirmar o comportamento diferenciado em relação às línguas românicas de sujeitos nulos, os contextos que já evidenciam essa distância, bem como os que estejam sendo responsáveis pela resistência dos pronomes nulos. Imaginamos, outrossim, não obstante a provavelmente pequena quantidade de plenos que viremos a nos defrontar no italiano, poder encontrar os contextos em que, de alguma forma, o pleno tenha tido espaço.

Para a realização do presente trabalho, foram desenvolvidos cinco capítulos. No primeiro, mostraremos a fundamentação teórica através da qual nos embasamos para a realização deste. Assim sendo, abordaremos o arcabouço teórico da Teoria Gerativa (Chomsky, 1981) juntamente ao modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov & Herzog, 1968). Desse modo, acreditamos estar utilizando um modelo satisfatório de coleta e análise de dados para a compreensão do referido fenômeno, como demonstram trabalhos anteriores que também o utilizaram (Cf: Duarte 1993, 1995, 2003).

No segundo capítulo, mencionaremos trabalhos relevantes sobre o Parâmetro do Sujeito Nulo no PB e algumas das principais considerações no âmbito das propriedades que este venha apresentando hoje que estejam relacionadas à mudança na marcação do parâmetro. Na seção 2.2, apresentaremos as principais características do italiano e suas propriedades associadas à sua postura de língua de sujeitos pronominais nulos.

O capítulo três mostrará todo o percurso traçado para a elaboração da pesquisa. Apresentaremos, desse modo, os *corpora* utilizados, nossas escolhas metodológicas, nossos objetivos, nossas hipóteses e os critérios adotados para a coleta e análise dos dados do PB e do italiano. Em seqüência, no quarto capítulo, apresentaremos os resultados quantitativos para as duas amostras, brasileira e italiana, seguidos de uma análise teórica dos mesmos, a fim de que se entenda satisfatoriamente o que estará sendo apresentado. Acrescentamos, ainda, ao

quarto capítulo uma breve análise realizada das mesmas sentenças em PB e em italiano contrastadas com as da versão original em espanhol e as da versão portuguesa.

Por fim, nas considerações finais, retomaremos alguns dos principais momentos do trabalho, fazendo uma espécie de balanço de tudo aquilo que foi apresentado. Demonstraremos, ainda, as principais considerações a serem feitas acerca dos resultados obtidos para o fenômeno do sujeito nulo no português brasileiro.

Capítulo 1- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No presente capítulo, serão apresentados os modelos teóricos que serão os pilares da nossa pesquisa. Dessa forma, na seção 1.1, iniciaremos com os pressupostos básicos da Teoria Gerativa que serão fundamentais para o desenvolvimento do presente trabalho e, em seguida, veremos, na seção 1.2, o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística, igualmente importante.

Se pensarmos que, muitas vezes, o lingüista lança mão de caminhos até então considerados opostos a fim de compreender certos fenômenos, entenderemos que o uso de uma determinada teoria junto ao procedimento metodológico da outra caracteriza uma tentativa incessante de se explicar os fatos lingüísticos. Veremos, então, na seção 1.3, alguns trabalhos que procuraram dar conta do fenômeno do sujeito nulo no PB à luz dessa perspectiva.

1.1- A Teoria Gerativa: a linguagem geneticamente determinada

No cenário dos estudos lingüísticos, a Teoria Gerativa (Chomsky, 1957) surge com a proposta de estudar a língua a partir do ponto de vista mental. Dessa maneira, propôs-se que a capacidade de possuir uma língua é uma característica inata aos seres humanos:

As línguas naturais (com as propriedades que os lingüistas e filósofos lhes têm reconhecido) são adquiridas e faladas espontaneamente apenas pelos membros da espécie humana, isto é, por organismos com um determinado tipo específico de estrutura e organização mental. Parece pois difícil escapar à conclusão de que as propriedades essenciais da linguagem são diretamente determinadas por propriedades mentais dos seres que as falam, e que estudar a linguagem humana consiste em estudar determinadas propriedades da mente humana, radicadas em última instância na organização biológica da espécie (Raposo, 1992:26)

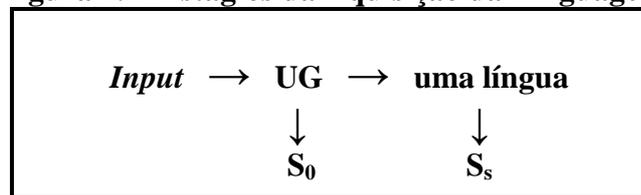
Compreende-se, assim, por que a tarefa de adquirir uma língua é realizada pela criança naturalmente, visto que, se ela já nasce com informações que lhe servirão no processo de aquisição da linguagem, não deverá fazer grandes esforços para que complete esse curso e, conseqüentemente, adquira uma língua.

Um bebê, por exemplo, é capaz de distinguir, dentre tantos sons, as informações lingüísticas que precisa para desenvolver sua língua. Deve-se considerar, portanto, como evidência da existência de um aparato genético próprio para desenvolver língua, o fato de a

criança receber dados lingüísticos truncados e desordenados como *input*, mas, ainda assim, sem correções sistemáticas dos erros cometidos por ela, adquirir uma língua. Os fenômenos conhecidos como *pobreza de estímulo* - dados fragmentados que servem de estímulo – e *ausência de evidência negativa* – ausência de correção sistemática da produção lingüística – são evidências de que os seres humanos nascem com uma capacidade específica para desenvolver língua e, por isso, esse processo ocorre em um curto período de tempo.

Para compreendermos melhor os principais pressupostos da Teoria, é importante conceituarmos o que, dentro dos estudos gerativistas, ficou conhecido por *Gramática Universal* (doravante GU). Esta, tal como foi definida por Chomsky (1981), corresponde ao conjunto de informações lingüísticas inatas a toda espécie humana. De acordo com essa visão, o ser humano possui um aparato genético que o torna capaz de adquirir uma língua. A GU seria, portanto, o estado inicial de aquisição da linguagem, “um órgão biológico, que evolui no indivíduo como qualquer outro órgão. O resultado dessa evolução é a gramática final que caracteriza os conhecimentos lingüísticos do falante adulto” (Raposo, 1992:47). Observemos a ilustração abaixo¹, que representa essa evolução:

Figura 1.1- Estágios da Aquisição da Linguagem



A crença na existência da GU está relacionada também à perspectiva de que exista um órgão mental responsável pela língua, visto que a Teoria respalda-se na visão modular da mente, segundo a qual a mente é dividida em órgãos, que são responsáveis por mecanismos específicos, em contraposição a uma visão de mente estruturalmente uniforme, defendida por Piaget (Piatelli-Palmarini, 1983). Muito provavelmente, existe uma interação entre os diferentes sistemas, contudo, acredita-se que para se estudar de maneira adequada tal processo, é necessário que primeiro se estude cada um separadamente e, posteriormente, seria, então, possível compreendermos a interação que existe entre eles (Fodor, 1993).

¹ Esquema extraído de MIOTO, FIGUEIREDO SILVA & LOPES (2005)

1.1.1 Competência e Desempenho

Os termos *Competência e Desempenho* foram também propostos por Chomsky (1965), a fim de que se entendesse que, dado o estágio final de aquisição da linguagem, em que, como vimos acima, o falante possui uma gramática particular, de um lado, estaria o conhecimento lingüístico que ele tem de sua língua, ou seja, a sua gramática interna; do outro, o Desempenho, que seria o emprego que o falante faz desse seu conhecimento, o uso particular que cada um faz de seu conhecimento sobre determinada língua. Entendemos, dessa forma, por que há usos diferentes dentro de uma mesma comunidade de fala, pois, se mais de um falante possui o mesmo conhecimento lingüístico, não significará que eles deverão ter o mesmo Desempenho, fazer o mesmo uso da língua.

À Teoria interessa, portanto, estudar a Competência, visto que, de acordo com os seus objetivos de compreender o conteúdo mental de uma língua, interessa aquilo que há de sistemático e psicológico. Para que isso seja possível, o lingüista deve abstrair-se das diferenças, tais como as culturais e as individuais, e olhar somente para as semelhanças, pois, assim, poderá analisar sem restrições o que há de regular dentro do sistema lingüístico. É, portanto, completamente compreensível o conceito de *falante-ouvinte-ideal*, que foi empregado pela Teoria para simbolizar esse conhecimento “homogêneo”.

1.1.2- Princípios e Parâmetros

As informações que compõem a GU foram denominadas Princípios e seriam responsáveis pelo que há em comum entre as línguas. Por outro lado, existem também as informações que variam, os Parâmetros, os quais, portanto, seriam os responsáveis pela diferenciação entre elas (Chomsky, 1981). Os Parâmetros não são aleatórios, eles também são definidos pela GU, mas, como possuem valores, que são denominados paramétricos, os quais são marcados pela gramática de forma binária, ou seja, positiva ou negativa, poderão variar de uma língua para outra. Essa marcação é feita a partir dos dados lingüísticos aos quais o falante é exposto no processo de aquisição da linguagem.

A aquisição da linguagem, segundo a Teoria Gerativa, consiste, pois, na exposição do aprendiz ao *input*, processo que lhe permite acionar a GU – que até esse momento é igual para toda a espécie humana - e, selecionando as pistas oriundas desse *input*, formar, então, a sua

gramática com as características próprias de sua língua, conforme visto no esquema da seção anterior. Desse modo, a tarefa da criança é a de apenas marcar os parâmetros, que, como já dissemos, também são definidos pela GU, nas palavras de Lightfoot (1998): “*So language acquisition proceeds as children set the parameters defined by Universal Grammar (UG), i.e. those genotypical principles and parameters defined which are relevant for the emergence of language in an individual*”.

A marcação paramétrica é, por assim dizer, responsável pelo comportamento de cada língua frente a um princípio específico. Por isso, residiriam exatamente nos parâmetros as características diferenciadoras de cada língua. Pode-se pensar, por exemplo, no princípio de que toda língua tem, na representação sintática, uma posição destinada ao sujeito e, a partir desse pressuposto, considerar-se que as línguas se apresentam de maneira diferente em relação a ele, pois podem ocupar tal posição com um sujeito foneticamente expresso ou foneticamente nulo.

1.1.3- O parâmetro *pro-drop*

O Parâmetro do Sujeito Nulo, conhecido como parâmetro *pro-drop*, corresponde à característica mencionada na seção anterior das línguas que, em relação ao princípio de que toda língua possui uma posição estrutural para o sujeito, realizam-no através de um sujeito foneticamente nulo. Esse parâmetro vem sendo alvo de muitos trabalhos (cf. Chomsky 1981, Rizzi 1982, 1986, 1988), e tal fato se deve à importância que existe em se descobrir como as línguas se comportam de acordo com determinado Parâmetro, nesse caso, o que se refere ao preenchimento do sujeito pronominal e todas as características a ele associadas.

Nas línguas românicas, a realização do sujeito nulo parece estar bastante relacionada à questão da riqueza morfológica do paradigma verbal. Dentro dos pressupostos estabelecidos por Chomsky (1981), tal relação se sustenta, já que, segundo o autor, um princípio seria o de não dizer mais do que o necessário, logo, uma língua que possua um sistema flexional rico licenciaria o sujeito nulo, pois não precisaria, necessariamente, informar duas vezes – através da flexão e do pronome – o sujeito. O não preenchimento do pronome em função da falta de necessidade ficou conhecido como o *Princípio Evite Pronome* (Chomsky, 1981). As línguas que contêm um paradigma verbal diversificado que seja capaz de dispensar o uso do pronome “obedecem”, portanto, a esse princípio. Por outro lado, as línguas que apresentam um sistema

flexional pobre não podem obedecê-lo, pois preenchem, preferencialmente, o sujeito, dado que as informações contidas na desinência verbal não são suficientes para a sua identificação.

Assim sendo, línguas como o inglês e o francês, nas quais o preenchimento do sujeito pronominal é muito comum (I speak English; Je parle français), caracterizam-se como [-*pro-drop*], pois, na maioria das vezes, não permitem deixar uma versão nula no lugar do pronome, já que este desempenha uma grande função morfológica, que é exatamente a de distinguir a pessoa à qual o verbo se refere². Já as línguas como o italiano e o espanhol são [+*pro-drop*], porque licenciam a versão nula do sujeito (Ø parlo italiano; Ø hablo español), que é, a princípio, identificado através da flexão verbal.

De acordo com essa abordagem, o Parâmetro do Sujeito Nulo, por conseguinte, diferencia línguas como o inglês e o italiano, pois estas possuem marcações distintas para o parâmetro em questão. O que indicaria, portanto, qual o valor na marcação paramétrica, nesse caso, seria a diversificação de formas do paradigma verbal. Se por um lado temos o inglês, que possui um paradigma verbal praticamente uniforme, com apenas duas desinências, por outro, temos o italiano, que possui um paradigma verbal flexionado diversamente para cada pessoa, apresentando seis desinências distintas:

Quadro 1.1 - Paradigmas flexionais do italiano e do inglês

italiano		inglês	
1 ^a - amo	} Singular	1 ^a - love	} Singular
2 ^a - ami		2 ^a - love	
3 ^a - ama		3 ^a - loves	
1 ^a - amiamo	} Plural	1 ^a - love	} Plural
2 ^a - amate		2 ^a - love	
3 ^a - amano		3 ^a - love	

Para Rizzi (1988), em línguas como o italiano, a realização fonética do sujeito se torna redundante, já que funcionalmente a desinência já se encarrega da distinção entre as pessoas verbais, não sendo, portanto, necessário o pronome. No inglês, no entanto, como pudemos verificar acima, a realização fonética do sujeito desempenha um papel fundamental na distinção entre as pessoas verbais exatamente porque as desinências não dão conta de distingui-las, não havendo, assim, um acúmulo de informações desnecessárias. Dessa forma, o preenchimento do sujeito, segundo o autor, numa língua como o italiano, aconteceria somente para expressar ênfase ou contraste, visto que nesses casos não há outra opção que não o

² É importante ressaltar, no entanto, que mesmo nessas línguas existem contextos mais restritos e limitados pragmaticamente em que se apresentam sujeitos pronominais nulos, é o caso, por exemplo, da primeira pessoa nos diários.

preenchimento mesmo, o que esclareceria o fato de observarmos, mesmo no italiano e no espanhol, por exemplo, a ocorrência de sujeitos pronominais expressos.

Dardano e Trifone (2003), autores de uma gramática tradicional do italiano, também relacionam a omissão do sujeito pronominal à diversificação de formas flexionais do paradigma verbal, apresentando, portanto, o mesmo raciocínio proposto pela Teoria de Princípios e Parâmetros, ainda que não a tenham mencionado. Segundo os autores, no que se refere ao uso do pronome pessoal diante do verbo, o italiano se distingue de outras línguas européias, pois, tendo em vista que possui um paradigma verbal bastante diversificado, poucos são os casos em que a omissão do pronome irá gerar confusão, ou seja, quase sempre permite eliminar o pronome pessoal. Quando há a presença do pronome, deve-se a fatores de cunho expressivo, em consonância com o que foi também alegado por Rizzi (1988). Para os autores, há uma relação muito estreita entre o uso do pronome pessoal e o sistema flexional de cada língua:

In generale si può dire che le lingue che fanno uso dei pronomi personali soggetto davanti al verbo hanno una morfologia verbale semplificata (l'inglese ha praticamente due sole forme per ciascun tempo verbale); al contrario, le lingue che fanno a meno di tali pronomi (per esempio, l'italiano e il latino) hanno una morfologia verbale ricca di forme. Quindi c'è una correlazione stretta tra l'uso dei pronomi personali soggetto e la morfologia verbale. (Dardano & Trifone, 2003: 185)

O *Princípio Evite Pronome*, que corresponde, conforme visto, ao não preenchimento dos pronomes, se estes não forem necessários para designar o sujeito ou em casos de natureza expressiva, é um princípio que obedece a um critério de economia, em que as opções de preenchimento ou não do pronome, uma vez postas, são escolhidas pela gramática particular de acordo com o que é imprescindível para a compreensão da sentença. Desse modo, em línguas como o italiano o cumprimento desse princípio será, conseqüentemente, muito mais rígido que em inglês, por exemplo, em que preferencialmente opta-se pelo sujeito pronominal pleno.

Há ainda algumas características das línguas de sujeito nulo que estão associadas à marcação positiva do parâmetro. Abaixo apresentamos sete propriedades lingüísticas das línguas [+ *pro-drop*] citadas por Raposo (1992:482), que contrasta o português com o inglês:

a) Sujeitos pessoais foneticamente nulos

- (1) Comemos bolo.
- (2) * Ate the cake.

b) Sujeitos expletivos foneticamente nulos

- (3) Parece que as crianças comeram o bolo.
- (4) * Seems that the children ate the cake.
- (5) Chove.
- (6) *Rains.

c) Inversão livre do sujeito

- (7) Comeram o bolo [as crianças]!
- (8) *Ate the cake [the children]!

d) Posição pós-verbal do objeto direto em orações passivas

- (9) Foi convidado [um estudante] para a festa.
- (10) *Was invited [a student] to the party.

e) Atribuição de caso nominativo à direita

- (10) Sou eu.
- (11) * It is I.

f) Infinitivo Pessoal (presente no português, não necessariamente em todas as línguas de sujeito nulo)

- (12) Vai ser difícil [tu saíres mais cedo]
- (13) * It will be difficult [you to leave early]

g) Ausência do efeito *that -t*

- (14) Quem (é que) tu pensas [que [*t* viu esse filme]]?
- (15) * Who do you think [that [*t* saw the movie]]?

Retomaremos algumas dessas propriedades na seção destinada às características gerais do italiano, no capítulo 2, visto que, como já dissemos, é considerado uma língua prototípica de sujeito nulo. Também observaremos, no mesmo capítulo, o que alguns resultados vêm apresentando sobre o comportamento do PB em relação a algumas dessas propriedades.

1.1.4- Hipóteses sobre o parâmetro *pro-drop*

Vimos na seção, anterior, que as línguas podem apresentar marcação positiva ou negativa em relação ao parâmetro *pro-drop*, o que as caracteriza, portanto, como línguas que dispensam o preenchimento fonético da posição destinada ao sujeito, [+ *pro-drop*], e línguas que necessitam preencher tal posição, [- *pro-drop*]. Vimos, ainda, que os estudos apontaram para uma estreita relação entre a riqueza do paradigma verbal e a realização fonética do sujeito pronominal.

Contudo, algumas propostas feitas inicialmente por Huang (1984, 1989), com base no chinês, passaram a questionar se seria somente a riqueza do paradigma verbal a responsável pelo licenciamento do sujeito nulo. A partir de então, os estudos sobre o parâmetro *pro-drop* passam a considerar também outros fatores.

O autor apresentou o fato de o chinês ser uma língua que apresenta o sujeito nulo, embora não possua nenhuma marca flexional, ou seja, o chinês não tem concordância, mas obedece ao Princípio “Evite Pronome”. Para ele, tal fenômeno ocorreria porque existem línguas que, assim como o chinês, são orientadas para o discurso, e línguas que são orientadas para a sentença, como o inglês. Por isso, o chinês poderia conter uma anáfora ligada ao discurso, enquanto o inglês deveria tê-la ligada à sentença, decorrendo, portanto, dessa condição a exigência de preenchimento do sujeito nesta língua.

Rizzi (1986) argumenta que o pronome nulo tem de ser licenciado e identificado, o que explicaria o porquê de, em italiano, não poder ocorrer em todos os casos uma versão nula, uma vez que o licenciamento ocorreria por meio de uma relação formal e a identificação, por meio de uma relação semântica. Por exemplo, uma categoria vazia nas respostas do italiano em que o objeto é identificado pelo contexto não é permitida, pois, embora o objeto seja identificado semanticamente, essa sentença em italiano não é possível por questões formais, ou seja, nesse caso, a versão nula não é licenciada, embora seja identificada. O italiano permitiria a identificação pela categoria vazia *pro*, mas não licenciaria em todos os casos.

Portanto, um *pro* nas respostas em que o objeto é identificado pelo contexto, não é permitido em italiano:

(16) Hai visto Paolo? *Sì, ho visto *pro*.

Para que essa sentença seja licenciada, deve-se fazer uso do pronome *lo*, que é o pronome objeto direto equivalente ao pronome oblíquo *o* do português, respeitando, assim, restrições formais do idioma:

(17) Hai visto Paolo? Sì, l'ho visto.

A ocorrência de um *pro*, em italiano, é, portanto, possível apenas com os pronomes sujeitos, mas não com os pronomes objetos. Nessa língua, a identificação é licenciada pela concordância, nos termos da Teoria, por AGR³, mas nem sempre pelo contexto, enquanto que o chinês a faz pelo contexto antecedente, mas não pelo AGR.

Mais tarde, outras considerações são feitas por Jaeggli e Safir (1989) acerca do sujeito, os quais abordam que, para uma língua licenciar o sujeito nulo, são necessários paradigmas verbais morfologicamente uniformes, ou seja, sendo todas as formas flexionadas, a identificação do sujeito ocorreria via AGR ou, não sendo todas flexionadas, a identificação do sujeito ocorreria pela correferência nominal com um elemento mencionado anteriormente no discurso. Para os autores, nas línguas em que o paradigma verbal é misto, não se permite o licenciamento do sujeito nulo.

No entanto, exemplos do francês antigo não seriam explicados à luz dessa perspectiva, visto que se trata de uma língua que licenciava o sujeito nulo, mas possuía uma desinência zero na primeira pessoa, o que desafiava a uniformidade do sistema. Para o entendimento do sujeito nulo no francês antigo, Roberts (1993) procurou explicar que uma língua que possua um paradigma verbal rico pode licenciar o sujeito nulo, e essa riqueza funcional seria compatível com uma desinência zero e um sincretismo, ou seja, uma mesma forma que se refere a pessoas diferentes, desde que as outras pessoas fossem distintas. Sabe-se que o francês antigo conviveu com o sujeito nulo durante um certo período, até que sua marcação mudasse, definitivamente, de [+ *pro-drop*] para [-*pro-drop*].

³ Agreement = marca flexional responsável pela concordância

Esse período por que passou o francês antigo, em que uma única forma era “disputada” por mais de uma pessoa verbal, caracteriza-se, para muitos, como um marco inicial de uma possível mudança na língua. A nosso ver, a redução das marcas flexionais no paradigma verbal, representa uma barreira para a omissão do sujeito, principalmente nas línguas românicas, em que desempenham a importante tarefa de diferenciação da pessoa verbal. Sabemos, outrossim, que há estruturas que devem ser mais resistentes ao preenchimento do sujeito pronominal, ainda que nessas circunstâncias de AGR enfraquecido. Essa resistência caracterizaria uma fase quase que obrigatória na passagem de qualquer língua [+*pro-drop*] a [-*pro-drop*], pois seriam os resíduos do sistema anterior. Veremos que, de acordo com a Teoria da Variação e Mudança, na seção a seguir, a existência de variantes pode representar, de fato, uma mudança vindoura no sistema de uma língua.

Cabe esclarecer aqui que foram apresentadas, nesta subseção, de maneira geral, algumas hipóteses consideradas relevantes sobre o parâmetro *pro-drop*, o que não significará, contudo, o nosso compromisso com nenhuma dessas vertentes. Dessa maneira, o termo *pro-drop*, associado a uma determinada fase da Teoria Gerativa, deixará de ser empregado e cederá lugar apenas à nomenclatura *Parâmetro do sujeito Nulo* (PSN). Quanto às línguas [+*pro-drop*], utilizaremos *língua de sujeito nulo* (LSN) ou *línguas marcadas positivamente em relação ao PSN* e, quanto às línguas [- *pro-drop*], utilizaremos *línguas marcadas negativamente em relação ao PSN* ou *línguas de sujeito pleno*.

1.2- A Sociolingüística e a Teoria da Variação

A breve exposição que será feita, nesta seção, das principais características do modelo sociolingüístico caracteriza uma preocupação do presente trabalho em mostrar em que a Sociolingüística se fundamenta, para que, assim, possamos, ao apresentar alguns de seus princípios básicos, compreender em que medida poderão ser tomados e aplicados juntamente à Teoria Gerativa. Conforme já foi dito ao início do presente capítulo, a utilização das duas teorias pareceu-nos uma importante ferramenta para a análise do fenômeno lingüístico em questão, visto que trabalhos anteriores a este utilizaram o mesmo critério teórico-metodológico e obtiveram êxito.

1.2.1- O caráter social da língua

Com base em estudos realizados nos anos precedentes a 1968, Weinreich, Labov e Herzog (WLH) apresentam no texto intitulado *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística* as idéias iniciais de um novo olhar sobre a lingüística moderna, baseadas na Sociolingüística, que surgiu no início da década de 1960 e que viria, mais tarde, a ser consolidada por Labov (1972).

A Sociolingüística é considerada uma das subáreas da Lingüística que tem a língua em situação real de uso como objeto de estudo, correlacionando, assim, a língua com os fatos sociais. Essa inter-relação é bastante complexa, se pensarmos que a variação poderá ocorrer nos dois níveis, tanto no lingüístico, quanto no social, e até mesmo simultaneamente. Sendo assim, esse seria mais um desafio para os estudos lingüísticos.

Temos aqui, portanto, uma concepção de língua diferente da que vimos na Teoria Gerativa. Enquanto a esta importa a língua internalizada, a competência lingüística, à Sociolingüística importa a língua compreendida de um ponto de vista social, inserida num determinado contexto. O seu principal objetivo não é dar conta do funcionamento mental da linguagem, como o é nas análises gerativistas, mas compreender como funcionam os mecanismos lingüísticos no seio da sociedade e as forças atuantes do social sobre a linguagem.

Considerando o fato de que a língua encarada como fenômeno social está bastante ligado àqueles valores fixados pela sociedade, não é difícil entender a “complexidade do efeito de indicadores sociais sobre o perfil sociolingüístico dos falantes” (Mollica, 2004: 29). Basta pensarmos no prestígio, difundido, principalmente, pela mídia, que um determinado dialeto considerado *standard* tem sobre os demais.

Nesse aspecto, as considerações feitas pelos estudos sociolingüísticos contribuiu para que se entendesse que alguns usos lingüísticos considerados pela tradição gramatical como “errados” pertencem, na verdade, à fala espontânea e é compartilhado, muitas vezes, pelos falantes como um todo, e não somente por aqueles que não são escolarizados. Nesse sentido, ajuda-nos a compreender melhor os fenômenos sociais aos quais a língua está submetida.

Pelo que vimos até o momento, é bastante justificável compreender que o empirismo sugerido pelas propostas de análises da Sociolingüística seja, portanto, um dos pontos de partida da Teoria, já que se encaixa perfeitamente dentro dos seus princípios fundamentais. Observamos, por exemplo, que WLH (1968:126), em uma de suas assertivas, colocam-se claramente a favor de os dados serem retirados da experiência:

Fatores lingüísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança lingüística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos **estudos empíricos** do comportamento lingüístico.⁴

1.2.2- Variação e Mudança

A variabilidade lingüística é entendida pela Sociolingüística como inerente a todas as línguas humanas; logo, todas são heterogêneas. Tal conceito é um princípio básico do estudo da variação, visto que o seu foco consiste, exatamente, nas diversas formas alternativas – as variantes- de se dizer a mesma coisa. Para o novo modelo, a variação não é apenas mais um conceito, mas sim uma condição de estudo.

A variabilidade pode estar presente em eixos diversos, tais como o geográfico, *variação diatópica*, o social, *variação diastrática*, e mesmo de natureza expressiva. Dessa forma, podemos observar que a proposta da Sociolingüística, nesse momento, contrapunha-se aos modelos vigentes até então, os quais manifestavam maior preocupação pelo lado homogêneo da língua.

Um fenômeno variável se caracteriza pela existência de duas ou mais formas alternativas com significados iguais. Esse fenômeno pode ser observado nos seguintes exemplos: “Assisti um filme muito bom”, “eu vi ela” e “a escola que eu estudava era boa”. Essas são formas que existem no PB, mas que alternam com “Assisti a um filme muito bom”, “eu a vi”, “a escola em que eu estudava”, embora as últimas formas correspondam a situações artificiais em que o falante, conscientemente, opta pela forma de prestígio, recomendada pelas Gramáticas Tradicionais.

Devemos, a essa altura, esclarecer aqui um outro conceito muito importante, que diz respeito à *heterogeneidade ordenada*. Quando WLH (1968) propuseram que se deixasse de pensar na língua como homogênea, para compreendê-la como heterogênea, os autores buscavam, na verdade, apontar para o fato de que há uma variação própria de qualquer língua humana, mas essa variação não ocorre de maneira desordenada, mas sim estruturada. Acreditavam que a sistematicidade não era incompatível com a heterogeneidade. Nessa visão, a estrutura permanece mesmo durante o processo de mudança, pois para que uma língua funcione de maneira eficiente, deve haver, de fato, uma determinada ordem.

⁴ Grifo nosso.

O desafio, àquela época, era saber como uma língua funcionaria durante o processo de mudança de sua estrutura. Essa questão deveria ser, então, na visão dos autores, intrigante para qualquer pesquisador que quisesse formular uma teoria da mudança e que merecia, por isso, uma atenção especial.

Nesse sentido, a mudança lingüística é vista como o resultado final de um período de variação, em que duas ou mais formas competiam, mas não comprometiam de nenhuma maneira o bom funcionamento do sistema. Não significa dizer, no entanto, que toda variação resultará obrigatoriamente em mudança, mas que toda mudança será o resultado de um período de variação (WLH, 1968: 126). Dessa maneira, seria possível prever uma mudança em progresso na variação que venha a ser observada em um determinado período de tempo.

Interessa, para o presente trabalho, saber o que WLH (1968) propuseram como algumas das questões fundamentais que deveriam ser tratadas por qualquer teoria da mudança. É o caso do *Problema dos Fatores Condicionantes*, do *Problema do Encaixamento* e do *Problema da Implementação*.

O problema dos fatores condicionantes remete ao fato de que os estudos sobre a mudança devem definir em que contextos e quais condições restringem ou favorecem a mudança lingüística. À Sociolingüística interessam, então, além dos fatores lingüísticos, os extralingüísticos também, tais como gênero/sexo, idade, escolaridade e classe social, tudo aquilo que estivesse, de alguma forma, agindo sobre a língua. Na análise de um fenômeno variável numa língua, como o do sujeito pronominal no PB, uma abordagem sociolingüista procuraria delimitar os fatores condicionantes e os contextos em que os sujeitos nulos ainda ocorrem e quais já são os preferenciais do sujeito preenchido.

Em relação ao problema do encaixamento, o qual prevê que qualquer mudança se encaixa no sistema como um todo, ou seja, tanto no sistema lingüístico quanto no social, interessa-nos saber quais as conseqüências, para todo o sistema, de o PB ter passado por mudanças em seu paradigma verbal. Segundo Duarte (1999), os efeitos das mudanças ocorridas no PB em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo podem ser observados, por exemplo, na representação do sujeito de referência arbitrária e no surgimento de estruturas com sujeito deslocado à esquerda, sendo ambos os casos evidências do encaixamento da mudança.

Quanto ao problema da implementação da mudança, a importância reside em procurar compreender o percurso percorrido e por que uma determinada mudança ocorreu em um momento e não em outro. De acordo com os pressupostos de WLH (1968), os motivos para a consolidação de uma mudança podem estar ligados a valores sociais:

O avanço da mudança lingüística rumo à completção pode ser acompanhado de uma elevação no nível de consciência social da mudança e do estabelecimento de um estereótipo social. Por fim, a completção da mudança e a passagem da variável para o *status* de uma constante se fazem acompanhar pela perda de qualquer significação social que o traço possuía.

Se pensarmos que os problemas acima descritos foram expostos em meio a um período em que predominava a visão estrutural da língua, talvez seja possível entender a preocupação dos autores em afirmar, por exemplo, o caráter “ordenado” do sistema lingüístico e o “problema das restrições”. No entanto, o esforço para se descobrir fatores condicionantes não condizia com a proposta sociolingüista, pois “a busca formal por tipos e restrições universais embutida no problema das restrições acaba por se confundir com a concepção psíquico-biológica do objeto de estudo da lingüística” (Lucchesi, 2004: 174). O autor ainda afirma que “não é sem razão, portanto, que o problema das restrições, que é descartado por Labov, em seu balanço de 1982, vem a se constituir no principal problema enfrentado pelos estudos diacrônicos realizados pela Gramática Gerativa”. Considera também a abordagem causal do problema do encaixamento da mudança, através da qual alguns sociolingüistas tentam fazer predições sobre a produção lingüística do falante individual, como “descabida”⁵, já que provoca uma confusão entre sistema da comunidade de fala e competência lingüística do falante individual.

Ainda assim, acreditamos que, num trabalho como o presente, que parte do pressuposto de que o PB apresenta uma variação no quadro de preenchimento dos sujeitos pronominais, ora nulos, ora preenchidos, a Teoria da Variação e Mudança pode contribuir positivamente para a compreensão do período por que estamos passando. Ainda que alguns dos seus postulados “problemas” tenham sido estabelecidos em meio a uma preocupação estrutural com a língua, não significa que a compreensão dos mesmos seja contraditória à nossa proposta, pelo contrário, conforme acabamos de ver, interessa-nos também saber os contextos em que a variação ocorre, quais são as conseqüências do fenômeno e em que momento a mudança será concluída.

Por fim, não poderíamos esquecer de mencionar a importância dos procedimentos metodológicos dos estudos sociolingüísticos. Labov (1972) propôs que estes mereciam uma atenção especial do pesquisador. O modelo quantitativo, o tratamento estatístico e o empirismo utilizados são, portanto, importantes para o desenvolvimento da pesquisa sociolingüista, segundo o autor. A exemplo da importância da ferramenta estatística:

⁵ Termo utilizado pelo autor (2004:177)

A metodologia da Teoria da Variação constituiu uma ferramenta poderosa e segura que pode ser usada para o estudo de qualquer fenômeno variável nos diversos níveis e manifestações lingüísticas.

As suas limitações são as do próprio lingüista, a quem cabe a responsabilidade de descobrir quais são os fatores relevantes, de levantar e codificar os dados empíricos corretamente, e, sobretudo, de interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua. O progresso da ciência lingüística não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas. (Naro, 2004:25)

O interesse do presente trabalho na Sociolingüística deve-se, portanto, em grande parte, aos modelos metodológicos propostos por ela. A nosso ver, a análise quantitativa de dados, o tratamento estatístico e o empirismo colaboram para uma pesquisa que almeje compreender a sistematicidade de um determinado fenômeno lingüístico e verificar o que os dados quantitativos podem nos oferecer para análise mental de uma língua.

1.3- A Teoria Gerativa de Princípios e Parâmetros e a Sociolingüística

Conforme dissemos, a utilização dos dois modelos, Gerativista e Sociolingüista, que a princípio têm objetos de estudo, concepção de língua e até mesmo de mudança diferentes, pode trazer benefícios para os estudos lingüísticos, caracterizando, dessa maneira, um novo modo de se estudar a língua. Algumas discussões envolvendo o arcabouço teórico da Teoria Gerativa e os procedimentos teórico-metodológicos da Sociolingüística Variacionista (Cf. Tarallo, 1987 & Kato & Tarallo, 1989) procuraram, então, demonstrar que essa representaria uma escolha viável para análise dos fatos lingüísticos.

Em seguida, alguns trabalhos (Duarte, 1999, Ramos 1999 entre outros) visaram à demonstração dos benefícios decorrentes da utilização do modelo gerativista e sociolingüista para a análise lingüística. A abordagem variacionista pode, portanto, segundo Duarte (1993:107), “contribuir para o tratamento formal das questões lingüísticas”, demonstrando, dessa forma, que os modelos em questão podem vir a ser utilizados em um único estudo e, até mesmo, complementarem-se:

(...) a utilização de dois modelos, em princípio tão incompatíveis e irreconciliáveis, pode trazer imensos ganhos um para o outro (...) a Sociolingüística, se preocupar com a língua em uso, enquanto para a Teoria Gerativa interessa a competência do falante. A questão é que, a partir de “Princípios e Parâmetros” (Chomsky, 1981) e das conseqüentes preocupações com a aquisição e mudança lingüística, o interesse pela análise diacrônica que implica trabalhar com dados reais, e, mais que isso, trabalhar quantitativamente, fez cair qualquer tipo de restrição que se poderia fazer a essa associação. (Duarte, 1999)

Outra característica também presente em estudos que procuram “casar” os dois modelos é a preocupação em analisar os dados levando em consideração as possíveis conseqüências de uma determinada variação nas demais partes do sistema. Ou seja, visa estabelecer pontos de contato que interliguem uma determinada variação à outra, procurando entender até que ponto uma pode ter contribuído para que a outra acontecesse. Busca-se, portanto, compreender o problema do *encaixamento da mudança*, proposto por WLH (1968) como um passo indispensável para qualquer estudo da mudança lingüística. Dessa maneira, muitos estudos que utilizam essa visão teórica tentam dar conta de mudanças estruturais que estejam influenciando outras, as quais estejam sendo responsáveis por modificações ainda maiores no sistema lingüístico de determinada língua.

A escolha por esse modelo teórico de análise lingüística, a nosso ver, contribui, portanto, para o entendimento do fenômeno do sujeito nulo no PB. Cremos que essa pode ser uma opção satisfatória, pois, à medida que analisamos os dados coletados, que configuram situações reais de uso, procuramos explicar com base na Teoria dos Princípios e Parâmetros os resultados obtidos. Concordamos, portanto, quando Ramos (1999:92) considera essa maneira de analisar os dados como um “salto qualitativo”:

(...) refiro-me ao uso de uma metodologia não indutiva, que usa dados reais, assumindo que, através da sistematicidade – quantitativamente demonstrada – se manifestam propriedades abstratas da gramática, gramática essa entendida como um certo tipo de conhecimento: uma faculdade da mente”.

Capítulo 2- O SUJEITO NULO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO ITALIANO

Mencionaremos, neste capítulo, trabalhos relevantes que tratam do comportamento do PB frente ao preenchimento do sujeito pronominal. Veremos, dessa forma, na seção 2.1, os resultados que apontam para as prováveis causas da preferência pelo sujeito pleno e também, na subseção 2.1.1, quais as conseqüências, para o sistema como um todo, da redução das marcas flexionais do paradigma verbal.

Em seguida, na seção 2.2, abordaremos as considerações sobre o italiano, língua tipicamente de sujeito nulo, e as propriedades associadas ao Parâmetro do Sujeito Nulo que esta língua apresenta, para que, então, de acordo com o escopo do presente trabalho, possamos averiguar se essas mesmas propriedades se manifestam também em PB.

2.1- O sujeito nulo no português brasileiro

O sujeito nulo no PB há algum tempo vem sendo bastante discutido entre os pesquisadores (cf. Duarte, 1993, 1995, 2003; Cyrino, Duarte & Kato, 2000; Figueiredo Silva, 1996, 2000; Barbosa, Duarte & Kato, 2005 entre outros), visto que este vem apresentando freqüentemente uma preferência por sujeitos plenos. Acredita-se que a perda do paradigma verbal diversificado tenha sido a provável causa do fenômeno.

O PB possuía um paradigma verbal rico, assim como o PE, mas, acredita-se que, com a redução de formas flexionais do seu paradigma verbal, a concordância tenha deixado de desempenhar o papel fundamental de diferenciação das pessoas do discurso e tenha passado, portanto, a ser insuficiente para a recuperação do sujeito. Como conseqüência, o PB passou a não “obedecer” mais ao *Princípio Evite Pronome*, que requer o não preenchimento do sujeito pronominal quando a identificação for possível, e a obrigatoriedade do sujeito nulo tem cedido cada vez mais espaço ao sujeito pronominal pleno (Duarte, 1995). Será possível observar mais abaixo as modificações sofridas pelo paradigma verbal do PB.

Duarte (1993) verificou, a partir de um *corpus* constituído de peças teatrais de cunho popular em diferentes épocas, que, no PB houve um declínio do uso de nulos do fim do século XIX ao fim do XX. Constatou-se que, em um primeiro paradigma, coincidindo com a segunda pessoa do singular e do plural havia uma dupla possibilidade de flexão: a forma direta *tu* e *vós*

e a indireta *você* e *vocês*. Nesse período, a ocorrência de sujeitos nulos ainda era alta, 75% em 1918, embora já houvesse as duas formas de tratamento em competição.

Num segundo momento, equivalente ao 2º paradigma, aproximadamente nos anos 30, as 2^{as} pessoas diretas desapareceram, restando apenas as indiretas. Os percentuais de nulos passam, então, a ocupar a casa dos 50%.

Por fim, a primeira pessoa do plural *nós*, por volta dos anos 70, passou a concorrer com uma nova forma, o *a gente*. Mas a dupla possibilidade para primeira pessoa do plural reduz-se, pois vem prevalecendo, principalmente entre os jovens, a preferência pelo *a gente*, e, então, temos um 3º modelo de paradigma, o qual é bastante simplificado, com apenas três flexões. O percentual de nulos, conseqüentemente, cai ainda mais, chegando aos 25% nos anos 90 do século passado. Exemplificamos com o quadro abaixo as variações que ocorreram no paradigma verbal do PB, tal como apresentado por Duarte (1993):

Quadro 2.1 - Paradigma flexional do PB em três tempos

Pessoa	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
1ª singular	Fal-o	Fal-o	Fal-o
2ª singular	Fala-s	-----	-----
2ª singular-indireta	Fala-0	Fala-0	Fala-0
3ª singular	Fala-0	Fala-0	Fala-0
1ª plural	Fala-mos	Fala-mos	Fala-0 (a gente)
2ª plural	Fala-is	-----	-----
2ª plural-indireta	Fala-m	Fala-m	Fala-m
3ª plural	Fala-m	Fala-m	Fala-m

Segundo Duarte (1993,1995), o PB estaria passando, portanto, por uma fase de mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo, em função dessa diminuição de formas no paradigma verbal. Tal fato acarretaria, conseqüentemente, na remarcação do PSN, que passaria de positivo para o negativo.

Duarte (1993) ressalta o fato de que ainda existe a possibilidade de se omitir o pronome em PB, embora já haja uma preferência pelo sujeito pronominal pleno, fenômeno justificável, segundo a autora, visto que nenhuma língua muda instantaneamente, mas sim em um certo espaço de tempo. Portanto, o que acontece hoje no PB estaria de acordo com a fase por que este passa, um momento de transição de língua de sujeito nulo para língua de sujeito pleno.

Segundo os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, baseada nos Princípios teóricos de Labov (1972), as variantes podem permanecer em um sistema lingüístico durante um determinado período de tempo, havendo, assim, a coexistência de duas ou mais formas

distintas, que possuem o mesmo significado, dentro de um único sistema. Quando uma das formas desaparece ou é substituída por outra, restando apenas uma, caracteriza-se, então, o fenômeno da mudança lingüística.

Essa fase de transição seria responsável, pois, pela ocorrência ainda de sujeitos nulos na gramática do PB, porém, com essas modificações, ele estaria perdendo gradualmente a categoria vazia do sujeito, que até então era identificada pela flexão verbal. Acredita-se, com isso, que o emprego de determinada estrutura vai sendo cada vez menos utilizado, até que é remarcado o valor do parâmetro, conforme explicitou Duarte (1995):

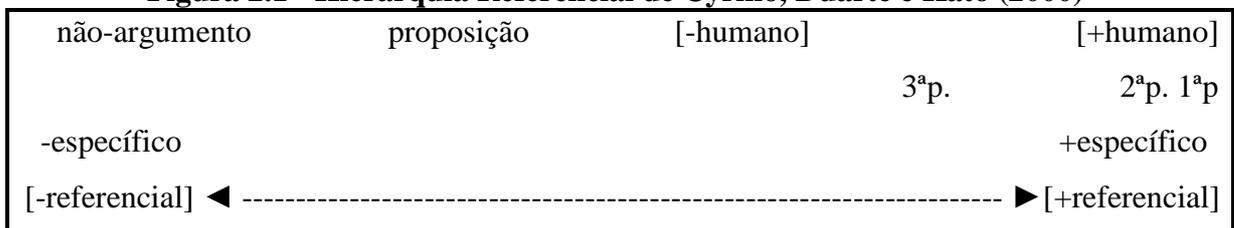
Em consequência, os dados lingüísticos relativos a essa propriedade, aos quais a criança tem acesso durante a aquisição, já não são “robustos ou salientes” (Lightfoot, 1991) e tendem, com o tempo, a desaparecer ou se limitam a registros estilísticos ou marcadores de construções cristalizadas (Rizzi, 1988). Nesse ponto chegaríamos a uma *mudança paramétrica*, ou seja, a refixação de um determinado parâmetro.

Segundo a autora, o que se verifica no PB está de acordo com a tese de Roberts (1993), o qual alegou que a ausência de “uniformidade funcional” em um paradigma verbal de determinada língua afeta todo o paradigma, o que explicaria, portanto, o fato de o fenômeno não só ter atingido as formas que perderam o caráter distintivo, mas também todas as demais. O percentual de sujeitos nulos constatado por Duarte (1995) para a primeira pessoa do singular (fala culta), por exemplo, a qual ainda possui em determinados tempos verbais formas distintivas, foi de apenas 28 %, enquanto que o PE havia apresentado o percentual 60% em um estudo à parte. Embora o índice de nulos para o português europeu, caracterizado como LSN, não pareça muito alto, é compreensível, visto que, muitas vezes o preenchimento de cunho expressivo recai principalmente sobre a primeira pessoa, fato que deve, portanto, ser considerado.

Os resultados de Duarte (1993) já apontavam para primeira pessoa como sendo a que obtinha o menor índice de nulos. Segundo a autora, isso decorre do fato de a segunda e a terceira pessoas contarem com um reforço, que vem, respectivamente, do contexto pragmático e de um sintagma nominal a que a categoria vazia faz referência, reforço este não existente para a primeira pessoa, correspondendo, portanto, a um contexto mais propício ao estágio mais avançado da mudança em direção à língua negativamente marcada no PSN. Os percentuais obtidos das amostras de fala popular (Duarte, 2003) também demonstraram baixos índices de nulos para a primeira e segunda pessoas, confirmando, dessa forma, a hipótese de Duarte (1995) de que a mudança afetaria o sistema como um todo.

Uma outra proposta através da qual pode se entender o alto índice de sujeitos plenos para a primeira pessoa foi a da hierarquia de referencialidade apresentada por Cyrino, Duarte & Kato (2000). Tal proposta consiste em uma escala que vai do [- específico] e [- referencial] ao [+específico] e [+referencial], da qual ocupam os lugares mais altos os pronomes de primeira e segunda pessoas, que contêm sempre os traços [+ humano] e [+ específico], enquanto que a terceira pessoa possui traços [+ ou - humano] e [+ ou - específico], ocupando uma posição mais à esquerda da escala, ou seja, mais próxima do ponto [- referencial]. Observemos a disposição dessa escala abaixo na figura 2.1:

Figura 2.1 - Hierarquia Referencial de Cyrino, Duarte e Kato (2000)



Postos, portanto, tais pronomes numa hierarquia, aqueles que são mais referenciais, no caso os de primeira e segunda pessoas, sofreriam primeiramente a mudança, preenchendo o sujeito nessas condições, pois quanto mais referencial maior a possibilidade de um pronome pleno. Por outro lado, aqueles que são menos referenciais resistiriam por mais tempo, o que explicaria o fato de os sujeitos de terceira pessoa em PB preencherem menos o pronome do que os demais. O que ocorre com a 3^a pessoa no PB explicaria também o fato de ainda termos a possibilidade de nulos no lado esquerdo da escala, dado que, segundo as autoras, a resistência ao pleno em um ponto específico da escala implica uma versão nula na parte mais à esquerda da hierarquia referencial.

2.1.1- A perda do *Princípio Evite Pronome* e suas conseqüências

A mudança na marcação paramétrica de uma determinada língua provoca não só a alteração no valor do parâmetro, como também modificações em outras propriedades relacionadas a este. Com isso, acredita-se que a perda do *Princípio Evite Pronome* (Duarte, 1995) tenha causado modificações em diversas estruturas do PB.

Como observamos no capítulo 1, subseção 1.1.3, a inversão livre do sujeito é uma das características das línguas positivamente marcadas no Parâmetro do Sujeito Nulo, considerada

essencial por Rizzi (1982); logo, se o PB não apresenta mais essa construção, tal fato se deve à perda de uma propriedade que está relacionada à marcação positiva do parâmetro (Duarte, 1995: 30, entre outros), e isso poderia ser encarado como um dos reflexos na estrutura sentencial do PB. Ficamos, portanto, segundo Duarte, com a ordem SV, e a ordem VS ficou restrita a poucos casos de sentenças apresentativas e de deslocamento à direita.

Além da preferência por sujeitos plenos, os resultados de Duarte (1995) sobre amostras de falantes do PB com nível superior apontaram que as alterações no paradigma verbal e, conseqüentemente, o comportamento diferenciado das LSN estaria levando a outras mudanças em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo, como, por exemplo:

- Os sujeitos correferentes⁶:

(18) Porque **eu** não ‘tava certo se **eu** ia querer fazer escola técnica ou se **eu** queria continuar fazendo o científico.

- O pronome *você* representando o sujeito indeterminado e os sujeitos não referenciais nulos:

(19) Aqui **você** sai, **você** vê muito concreto na tua frente, **você** esbarra com isso.

- Sujeitos preenchidos com traço [- animado], os quais, embora ainda apresentem uma certa resistência ao pleno, vêm sendo cada vez mais preenchidos, o que não ocorre em línguas [+*pro-drop*], o que significaria, portanto, uma “clara evidência da perda gradual de uma importante propriedade *pro-drop*” (Duarte, 1995: 78):

(20) Por que você não aprontou o **almoço**_i na hora?
Ele_i está pronto.

- O sujeito duplo, deslocado à esquerda, que só ocorre em línguas que não admitem sujeito nulo e está se tornando muito usual no PB, caracterizando, assim, uma das implementações causadas pela mudança na representação do sujeito pronominal:

⁶ Os exemplos de 18 ao 22 foram extraídos de Duarte (1995), exceto o 20, retirado de Cyrino, Duarte & Kato (2000).

- (21) Então você acredita que **a prisão do PC ela** só vai acontecer por acaso?
 (22) **Eu, eu** sinto demais isso, né?

Para Galves (2001), atua como característica fundamental do PB o fato de ser uma língua de tópico. Segundo a autora, a sentença do PB teria como estrutura NP⁷ [NP V (NP)], o que não ocorre em PE, nem na maioria das línguas românicas, como italiano, as quais têm como estrutura sentencial NP [V(NP)]. Observemos:

- (23) **Maria** fez a janta.
 (24) **Maria, ela** fez a janta.

A primeira sentença apresenta Maria (NP) como referência a uma pessoa e, ao mesmo tempo, sujeito da oração e, na segunda, temos Maria (NP) como referência a uma pessoa, mas o pronome ela (NP) é que faz o papel de sujeito, o qual retoma Maria. Na segunda frase, Maria é o tópico, é o elemento sobre o qual se vai fazer menção. Segundo Galves, a estrutura sintática do PB corresponde à apresentada em 24.

Uma evidência para o encaixamento da estrutura com deslocamento à esquerda em PB, segundo Duarte (1995), é a representação da primeira pessoa do plural, que passou a ser representada também por *a gente*, perdendo, assim, a desinência distintiva *-mos*, pois é conjugada na terceira pessoa do singular. Os exemplos apontados pela autora demonstram que o falante, sobretudo os jovens, ao utilizar um sujeito composto em que se inclui a primeira pessoa, é inevitável o uso do *a gente*, visto que, de outra forma, deveria lançar mão da desinência *-mos* para que a sentença fosse gramatical:

- (25) **Eu junto com o pessoal do escritório, a gente** criou uma tabela.
 (26) **Eu e a “Marisa”, a gente** quer te ver muito mais bonita do que você já é

Para Kato (1999), o que ocorre atualmente na gramática do PB é que este possui um paradigma de pronomes fracos, enquanto no PE, por exemplo, a concordância pronominal é que é a forma fraca. Ou seja, o papel desempenhado pela desinência nas línguas de sujeito nulo passa a ser desempenhado pelo pronome fraco nas línguas de sujeito pleno. Desse modo,

⁷ Nominal Phrase = Sintagma Nominal

quando ocorre o pronome forte em PB, a forma fraca permanece, assim como no PE ocorre o pronome forte junto à concordância. Observemos exemplos do PB e PE⁸, respectivamente:

(27) [Você]_i [IP (vo)cê_i não me pega]

(28) [Você]_i [IP não me pega-Ø_i]

Embora tenhamos demonstrado até o momento que os resultados de pesquisas prévias tenham apontado para uma preferência por sujeitos plenos por parte do PB, é possível encontrar ainda contextos de resistência ao preenchimento do sujeito no PB, como por exemplo:

(29) Você vai à faculdade? **ec**⁹ Vou.

(30) O diretor_i disse que **ec**_i vai fazer uma visita às salas amanhã.

(31) Todo mundo_i pensa que **ec**_i vai conseguir um bom emprego.

Para Duarte (1995) essas situações em que ainda é possível a ocorrência de um nulo acontecem porque contam com um contexto anterior capaz de identificar as categorias vazias, mas não porque haja a identificação pela flexão. Dessa forma, se as circunstâncias correspondem a uma pergunta feita diretamente a uma pessoa, e somente ela pode responder, então, este representará um contexto linguístico bastante marcado em PB, em que a resposta afirmativa consiste apenas na repetição do verbo, sem a expressão fonética do sujeito pronominal. O mesmo ocorre nos demais exemplos acima, em que já tinham sido mencionados os sujeitos (diretor e todo mundo, respectivamente) e que, por isso, foi possível a ocorrência na oração subordinada do sujeito nulo correferente.

De acordo com Calabrese (1986), quando o referente não é esperado, ou seja, existe outro candidato para a referência do sujeito, prefere-se a expressão fonética do pronome. Caso o sujeito venha como correferente, a opção será pelo nulo. Isso explicaria, portanto, as subordinadas de sujeitos correferentes apresentarem nulos e, segundo Duarte (1995), serem, juntamente às estruturas independentes que têm um referente esperado, um dos contextos de maior resistência do nulo no PB.

Em línguas como o espanhol, segundo Fernández Soriano (1999), nos contextos em que se tem um sujeito correferente ao da oração não haverá variação, pois, nesse caso,

⁸ Exemplos retirados de BARBOSA, DUARTE & KATO (2005)

⁹ A sigla **ec** corresponde à empty category = categoria vazia.

ocorreria o nulo obrigatoriamente. É interessante, portanto, também observar que hoje no PB não é rara a ocorrência de construções em que, embora o sujeito da subordinada seja correferente ao da principal, opta-se apelo pronome pleno (Duarte, 1995):

(32) Mas **eu** acho muito engraçado quando **eu** lembro o modo que **eu** fui criada.

A hipótese de que um referente esperado propicia a ocorrência do nulo prevê, no entanto, que, sempre que houver algum elemento interrompendo o sujeito do contexto antecedente, o sujeito nulo não ocorrerá. Isso explicaria, por exemplo, o provável preenchimento do sujeito no caso em que, em vez de “Você vai à faculdade? **eu** Vou.”, tivéssemos “Você vai à faculdade? À UERJ, eu vou.”

Nas análises do espanhol de Madri e de Buenos Aires, por exemplo, Soares da Silva (2006) obteve o menor peso relativo de sujeitos nulos nos casos em que, entre o sujeito e o seu correferente, havia uma ou mais orações intervenientes e quando o correferente do sujeito tinha outra função sintática, confirmando, assim, a afirmação de Calabrese (1986) de que, sempre que um antecedente estiver em outra função sintática ou quando há oração entre o sujeito e o seu antecedente, o preenchimento do sujeito é favorecido.

Soares da Silva (2006) observou que as duas variedades do espanhol apresentam comportamento muito condizente com a marcação positiva no Parâmetro do Sujeito Nulo, tais como preferência pelo sujeito nulo e ausência de sujeito pronominal pleno com o traço [-animado]. Portanto, a prevalência, nessas variedades do espanhol, do sujeito pronominal nulo nos contextos em que no PB já há uma quantidade significativa de plenos acentua a distância entre este e as línguas positivamente marcadas no PSN.

Nesse sentido, trabalhos que visem a analisar o comportamento do sujeito pronominal no PB estabelecendo um confronto entre este e as línguas típicas de sujeito nulo, a nosso ver, podem apresentar resultados positivos, uma vez que ajudam a compreender o fenômeno em questão, observando, além do sujeito nulo, todas as propriedades relacionadas à marcação positiva do parâmetro. Dessa maneira, será também possível verificar se, mesmo nas línguas de sujeito nulo, existe algum contexto sintático favorecedor do pleno que corresponda a uma estrutura em que a mudança em direção ao pleno esteja avançada no PB. Poderemos, com esse confronto, verificar também o contrário, analisando contextos em que, nas LSN, a não realização fonética do sujeito pronominal é praticamente categórica, para que, assim, seja observado como o PB realiza o sujeito nesses casos. Deve-se, portanto, a esse motivo o nosso

interesse pelo italiano para o contraste e análise dos sujeitos pronominais das sentenças deste e do PB.

2.2- O sujeito nulo no italiano e as suas propriedades

Como vimos no capítulo 1, o italiano se inclui no grupo das línguas de sujeito nulo. O seu sistema flexional permite a não expressão fonética do sujeito pronominal, que é recuperado a partir da flexão. Rizzi (1988) propõe que o AGR forte, ou seja, concordância capaz de identificar o sujeito, permite que a língua apresente o sujeito nulo, por isso, em línguas como o italiano, o conteúdo da flexão verbal é, por assim dizer, suficiente para a identificação e o licenciamento dessa categoria vazia, conforme o exemplo abaixo:

(33) **ec** Vuoi un caffè?
Você quer um café?

Juntamente à possibilidade da omissão do sujeito, o italiano apresenta também propriedades associadas à marcação positiva do Parâmetro do sujeito Nulo, conforme apresentado no capítulo 1, subseção 1.1.3. Ilustramos abaixo algumas delas:

- A livre inversão do sujeito, forte característica de línguas de sujeito nulo:

(34) Ha telefonato **sua moglie**.
Sua mulher telefonou.

- A ausência do efeito *that -t*, característica também destacada na relação de Raposo (1992):

(35) **Chi** credi **che** abbia telefonato?¹⁰
Quem você acha que tenha telefonado?

- Sujeito nulo com os verbos de fenômenos da natureza:

(36) **ec** Piove.
Chove.

¹⁰ Os exemplos de 34 a 37 foram retirados de Haegeman e Guerón (1999: 597-599).

- Sujeito nulo nas sentenças que são deslocadas:

(37) **ec/** *Ciò è chiaro che Gianni tornerà a casa.
È claro que Gianni voltará para casa.

Serianni (2006) também ressalta que, diferentemente de outras línguas européias, no italiano, o uso do pronome pleno é geralmente facultativo. Também declara, assim como Rizzi, que de uma frase do tipo “*vengo domani*”(venho amanhã), pode-se inferir, por meio da desinência, a informação de que pessoa do verbo *venire* (vir) se trata, pois o verbo flexionado traz consigo a noção de que é a primeira pessoa do singular. Por isso, segundo o autor, seria supérflua a presença do pronome antes do verbo e, então, conclui “*il soggetto è quindi, per così dire, implicito nel verbo*”¹¹ (2006:239).

Sabemos, no entanto, que dizer que uma língua se caracteriza por apresentar sujeitos pronominais nulos não significa dizer que não haja a ocorrência de plenos em nenhum contexto, pois além dos casos de ênfase e contraste já apresentados, parece haver em italiano algumas estruturas que quererem o sujeito preenchido foneticamente. Desse modo, apresentamos abaixo alguns dos casos apontados por Serianni (2006: 239) em que, segundo ele, o pronome deve ser expresso mesmo no italiano:

- Quando o pronome vem seguido de um aposto:

(38) Che ho mai fatto **io, servo inutile**, pastore sonnolento perché...¹²
O que fiz eu, servo inútil, pastor sonolento porque...

- Quando é o mesmo de uma oração relativa:

(39) O **tu** che dormi là su la fiorita/ collina tósca.¹³
Oh você que dorme lá sobre a florida colina toscana.

- Nas enumerações ou em frases com diversos sujeitos:

(40) **Tu** esci, **lui** studia e **io** devo lavorare per tutti.
Você sai, ele estuda, e eu tenho de trabalhar para todos.

¹¹ “O sujeito está, portanto, por assim dizer, implícito no verbo”.

¹² MANZONI, Alessandro. *I Promessi Sposi*, XXIII 19

¹³ Carducci, *Funere mersit acerbo*, 1-2.

(41) **Loro** corrono i cento metri piani, **noi** i cento metri a ostacoli.
Eles correm os cem metros rasos, nós os cem metros com obstáculos.

- Em expressões enfáticas e todas as vezes em que se queira acentuar a participação que uma dada pessoa tem na ação:

(42) **Io** solo / combatterò, procomberò sol **io**.¹⁴
Eu sozinho combaterei, somente eu padecerei.

- Em frases constituídas por uma só oração, em que é normal pospor o pronome ao verbo:

(43) Ci penso **io**.
EU penso nisso.

- Quando o pronome é seguido por *anche* (também), *neanche* (nem, nem mesmo) ou outra conjunção aditiva:

(44) Vengo *anch'* **io**. No tu no.¹⁵
Eu também venho. Não, você não.

- Por exigências de clareza, quando uma mesma forma verbal valha para mais de uma pessoa. Por exemplo, no tempo presente do *congiuntivo* (subjuntivo), em que as três primeiras pessoas são idênticas, pode ser necessário exprimir o pronome:

(45) Bisogna che (**io, tu, lui o lei**) sappia la verità.
É necessário que (eu, você, ele, ela) saiba a verdade.

Como pudemos observar, alguns dos exemplos destacados pelo autor tratam também de valor expressivo, ênfase e contraste, o que é justificável independente da marcação paramétrica da língua. Entretanto, há ainda o caso das estruturas que solicitam determinados tempos verbais, cujas formas são as mesmas empregadas para mais de uma pessoa e, que, portanto, configuram um contexto, a princípio, de prevalência do sujeito pronominal pleno.

O instigante é observar que, numa língua prototípica de sujeito nulo, a obediência ao *Princípio Evite Pronome* (Chomsky, 1981) pode ser interrompida à medida que haja um

¹⁴ Leopardi, *All'Italia*, 37-38.

¹⁵ Canção de Enzo Janacci, de 1968: cfr. Borgna 1985: 178

determinado tempo verbal que apresente uma mesma forma flexional para mais de uma pessoa. Esse dado do italiano está em consonância com a hipótese de que há, ao menos nas línguas românicas, realmente uma relação estreita entre sujeito nulo e riqueza flexional do paradigma verbal.

O italiano, como foi dito, apresenta no presente e no pretérito imperfeito do subjuntivo, para o singular, a mesma desinência para mais de uma pessoa, ocorrendo, normalmente, com esses tempos, a escolha pelo preenchimento do sujeito pronominal, que funciona como desambiguador. Observemos o quadro 2.2:

Quadro 2.2 - O presente e o imperfeito do subjuntivo no italiano

Presente do Subjuntivo		Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	
1 ^a - ami	} Singular	1 ^a - amassi	} Singular
2 ^a - ami		2 ^a - amassi	
3 ^a - ami		3 ^a - amasse	
1 ^a - amiamo	} Plural	1 ^a - amassimo	} Plural
2 ^a - amiate		2 ^a - amaste	
3 ^a - amino		3 ^a - amassero	

Segundo Fernandes Soriano (1999), como a flexão, nesse caso, não distingue o sujeito, o pronome deverá ser preenchido. No entanto, poderia ser questionado o fato de que, não raro, observamos falantes nativos do italiano, mesmo nos contextos em que se emprega o subjuntivo, mais especificamente o imperfeito, utilizando o sujeito nulo, como a sentença abaixo encontrada no *corpus*:

(46) “Allora la percentuale di quelli che danno sempre fastidio è ancora più bassa di quanto **ec pensassi**”. (M) (745 p-157, It)

Então o percentual daqueles que estão sempre aborrecendo é menor do que eu imaginava.

O que poderia explicar esse comportamento, mesmo nesses tempos, seria o caso de essa estrutura corresponder a um contexto marcado no italiano, em que não importa o tempo que está sendo utilizado, que a escolha pode ser, ainda assim, pelo nulo. À parte essas particularidades, quando esses tempos vêm empregados, normalmente, observamos a opção pelo sujeito foneticamente expresso.

Numa análise diferenciada das que atribuem ao subjuntivo uma certa obrigatoriedade do emprego do pleno, Oliveira (2000) aponta para o fato de que em línguas como o italiano o preenchimento pronominal ocorre em virtude de fatores sintáticos e pragmáticos, que

possibilitam a ocorrência do sujeito nulo ou pleno. Isso significa que não necessariamente o preenchimento ou não do sujeito seja apenas por razões morfológicas, como a riqueza do paradigma verbal.

A autora pesquisou em um *corpus* do italiano, oral e escrito, e comparou os resultados com os de Duarte (1995). Para Oliveira, embora Duarte alegue que o empobrecimento do paradigma do PB seja o responsável pelo crescente preenchimento dos pronomes sujeitos, deve ser levado em consideração que mesmo no italiano, que possui um paradigma verbal rico, os resultados mostraram a maior taxa de preenchimento para a primeira pessoa, assim como no PB. Tal fato questionaria, portanto, se realmente se deve, nessas línguas, somente a questões morfológicas o preenchimento sujeito pronominal.

A autora nos apresenta que há o uso de plenos em italiano e o preenchimento do sujeito pronominal dependerá do tipo de discurso. Considera, por exemplo, que a obrigatoriedade do sujeito preenchido para a segunda pessoa do singular, em alguns momentos, tem a ver com a estrutura da sentença e não com a ambigüidade que no presente do subjuntivo pode ocorrer devido às formas serem iguais para as três primeiras pessoas, como vimos acima. Por isso, teríamos as seguintes sentenças em italiano:

- (47) Quanto a me/ lui/ *te pensano che **ec** debba partire.
Quanto a mim/ ele/ você pensam que **ec** deva partir.
- (48) Se **ec** avessi lasciato la macchina nel Box, nessuno l'avrebbe toccata.
Se você tivesse deixado o carro na garagem, ninguém o teria tocado.

No exemplo 47, não foi suficiente um tópico para que o uso do pronome pleno fosse licenciado na sentença encaixada. No entanto, no exemplo 48, em que é empregado o imperfeito, no qual há a mesma forma para a primeira e segunda pessoas, foi possível a categoria vazia. Segundo Oliveira, isso sugere que o sujeito pleno sirva para desfazer a ambigüidade entre os pronomes de segunda e terceira pessoas, o que não é o caso da primeira. Por isso, nas sentenças encaixadas em que o verbo da matriz é um verbo epistêmico, tem-se:

- (49) **ec** Credo di conoscerlo.
Acredito connhecê-lo.
- (50) **ec** Credo che **tu** lo conosca.
Acredito que você o conheça.

Em 50, há a necessidade do pleno de segunda pessoa, a fim de distingui-lo da terceira. No PB, segundo a autora, numa estrutura com o sintagma complementizador selecionado, ocorreria a obrigatoriedade do pleno:

- (51) **Eu** acho que **eu** o conheço.
- (52) **Eu** acho que **você** o conhece.
- (53) **Eu** acho que **ela** o conhece.

Para Oliveira, é bastante complexo comparar o sujeito pleno do PB com o nulo em italiano. Ela considera que, em PB, o sujeito pronominal é um pronome fraco¹⁶, o que caracteriza a carência de concordância pronominal, enquanto que, em italiano, o sujeito preenchido é um pronome forte que pode ocorrer junto à concordância pronominal. Esse fato explicaria o resultado de sua pesquisa, que apontou para um percentual de 39% de sujeitos preenchidos em italiano, visto que esse índice alto de plenos seria os pronomes fortes, que desempenham papel enfático.

Ainda segundo a autora, a grande diferença entre o PB e o italiano seriam, portanto, as construções com duplo sujeito, em que há uma adjacência entre um NP e o pronome, pois essa seria uma estrutura que favorece o pronome fraco em PB. No italiano, por outro lado, a falta de adjacência entre o duplo sujeito evita que ocorra um pronome nominativo fraco.

Oliveira (2000) conclui que, segundo os dados analisados, nada prevê que o sujeito lexicalmente visível em contextos em que a obrigatoriedade do nulo é prevista nas línguas de sujeito nulo signifique que há uma complementaridade na distribuição de nulos e plenos nessas línguas e que se possa classificar, conseqüentemente, o PB como uma língua que não licencia sujeito nulo.

O que sabemos de antemão é que o italiano apresenta, de fato, essa especificidade no presente e no pretérito perfeito do subjuntivo, o que merece, por isso, atenção diferenciada, a fim de que se possa confirmar se as ocorrências de plenos devem-se realmente à flexão verbal ou a fatores de natureza sintática e pragmática, conforme justificou Oliveira (2000). Olhar, no entanto, para a questão da riqueza da flexão verbal é importante, em particular para o presente trabalho, porque se o italiano, língua românica de sujeitos nulos, apresenta comportamento sintático diferenciado, coincidentemente, nos tempos em que não há diversidade nas

¹⁶ Ver KATO, Mary A. "Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter". *PROBUS* 11 (1): 1-37.

desinências verbais, é de se esperar, portanto, que o PB sofra uma forte modificação em sua estrutura em função da redução de formas no seu paradigma verbal.

Capítulo 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, serão apresentados todos os procedimentos metodológicos definidos para o presente trabalho. Faremos, portanto, a exposição de nossas escolhas, de nosso material de análise, de nossos objetivos e do método de coleta e de análise de dados.

Dessa forma, apresentaremos, na seção 3.1, as nossas motivações para a escolha do italiano como língua a ser comparada com o PB. Em seguida, na seção 3.2, apresentaremos os nossos objetivos e hipóteses, a partir da decisão de analisar o sujeito pronominal nas duas línguas nas tiras da Mafalda.

Esclareceremos, na seção 3.3, os nossos motivos para a escolha do *corpus* e abordaremos, na seção 3.4, alguns aspectos da tradução de textos escritos, visto que estamos lidando com um *corpus* traduzido do seu original argentino para o PB e para o italiano.

Por fim, na seção 3.5, explicitaremos quais foram os caminhos metodológicos trilhados para a composição do presente trabalho, listaremos na seção seguinte, 3.6, os grupos de fatores escolhidos por nós para a codificação dos dados e, em 3.7, informaremos qual o programa estatístico utilizado para a análise dos dados.

3.1 - A escolha do italiano

Observamos, nos capítulos precedentes, que, de acordo com Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), o italiano é considerado uma língua prototípica de sujeito nulo. Nas abordagens apresentadas especificamente no capítulo 2, seção 2.2, acerca do comportamento desse idioma em relação ao sujeito pronominal, verificamos que o mesmo apresenta freqüentemente a opção pelo não pronunciamento fonético do sujeito, visto que se trata de uma categoria vazia que pode ser facilmente identificada pela desinência verbal (Chomsky, 1981; Rizzi, 1988; Dardano e Trifone, 2003; Serianni, 2006). Com isso, a língua italiana também apresenta uma série de propriedades, apresentadas no mesmo capítulo, que estão ligadas à marcação positiva do parâmetro.

A nossa escolha pelo italiano decorreu, portanto, da possibilidade de poder comparar o PB, o qual vem apresentando comportamento bastante diferenciado no que se refere à omissão do sujeito pronominal (Duarte, 1993, 1995, 2003, Figueiredo Silva 1996, 2000 entre outros), com uma língua, conforme já dissemos, de sujeito nulo. Assim, poderemos além de

comparar o preenchimento pronominal nas duas línguas, acrescentando os nossos resultados às pesquisas prévias que se destinaram à investigação do sujeito pronominal em PB, verificar se existe algum contexto no italiano em que o sujeito pleno seja favorecido. Caso venha a se confirmar algum, e este também seja significativo no PB, poderá ser um indício de que há alguma propriedade da qual o PB possa ter se apropriado e espreado para o restante do sistema. Dessa forma, estaremos traçando uma ponte entre os nossos resultados e os de Duarte (1995:61) nas análises das relativas em PE e PB, quando a autora propôs que essa era a única estrutura favorecedora do pleno em PE e que, portanto, era o ponto através do qual o PB deve ter iniciado a implementação do sujeito pleno.

3.2 – Objetivos e hipóteses

Pretendemos observar o preenchimento do sujeito pronominal em PB de maneira a confirmar os contextos em que o pleno já esteja sendo preferencial e aqueles em que ainda prevaleça a opção pelo nulo. A nossa expectativa é, no entanto, que haja, em virtude de se tratar de um material escrito, uma quantidade de nulos no *corpus* do PB superior ao que realmente corresponde à língua oral, mas, ainda assim, acreditamos que os nulos não se destacarão em relação aos plenos.

Esperamos, por outro lado, que o italiano comporte-se frente ao preenchimento do sujeito pronominal como uma língua prototípica de sujeito nulo, ou seja, que o número de nulos seja muito superior ao de plenos. Sabemos, no entanto, que deverá haver, em algumas ocasiões, o sujeito foneticamente expresso. Por essa razão, investigaremos se nessas ocasiões a força da desinência, principalmente no modo subjuntivo, em que há a mesma forma para mais de uma pessoa verbal, conforme visto na seção 2.3, será determinante para essa escolha, bem como se a presença de um outro candidato à referência do sujeito determinará a expressão fonética deste, conforme previsto por Calabrese (1986). Pretendemos observar, ainda, se existe alguma estrutura sintática em que o pleno seja, de algum modo, favorecido.

3.3 - A escolha do *corpus*

O *corpus* foi constituído a partir das traduções para o PB e para o italiano de parte das histórias em quadrinhos *Toda Mafalda*, do escritor argentino Quino¹⁷. Seleccionamos as histórias em italiano da coletânea “*Mafalda la contestataria*” e o seu correspondente em PB “*Toda Mafalda*”.

As tiras de Quino são quase que na sua maioria constituídas por abordagens de problemas sociais, com um tom de ironia e crítica. Mafalda, a personagem principal, é uma menina de aproximadamente seis anos de idade, filha de pais de classe-média. Seu comportamento é bastante marcado por sua insatisfação com a problemática mundial, tais como a guerra, a pobreza, a política etc. Escolhemos a tira abaixo como ilustração das histórias analisadas, que compõem os nossos *corpora*:

Figura 3.1- Tira n°. 388, p. 84, Toda Mafalda



Embora se tratasse de uma produção escrita, a escolha desse material deveu-se ao fato de que as histórias em quadrinhos procuram, em geral, reproduzir marcas do registro informal da língua, sobretudo as da Mafalda, porque se apresentam diálogos dos personagens em sua maioria infantis. Conforme ilustração acima, é possível observar esses traços de informalidade do português brasileiro. O uso de “eles” como objeto direto no lugar do pronome “o”, por exemplo, caracteriza o ambiente informal em que se desenvolve a história, soma-se ainda a esse fato a alternância entre “a gente” e “nós”, ambos utilizados para a 1ª pessoa do plural, em que se emprega, principalmente, o “a gente” na língua coloquial.

Outro fator também motivador de nossa escolha foi que, na história em quadrinhos, há, de fato, uma conversa entre os personagens¹⁸, diferentemente da entrevista, em que o entrevistador se limita a poucas perguntas e o entrevistado é quem se pronuncia o tempo inteiro. Dessa maneira, através dos diálogos das histórias, temos a possibilidade de analisar

¹⁷ Informamos que as histórias em quadrinhos da personagem Mafalda foram traduzidas para diversas línguas, tais como espanhol, italiano, chinês etc. Na tradução para o português, houve duas versões, uma para o europeu, outra para o brasileiro, o que possibilitou, portanto, a presente proposta de pesquisa.

¹⁸ Foram excluídas de nossa análise as tiras mudas, ou seja, que não apresentavam falas.

estruturas muito próximas de uma situação real de uso da língua. Esse tipo de material, por ser inédito em pesquisas anteriores sobre o português do Brasil, na abordagem adotada no presente trabalho, também colaborou para o nosso interesse em elegê-lo como fonte de nossa amostra.

Contribuiu ainda para a eleição das tiras da Mafalda como nosso *corpus* de análise a possibilidade de podermos comparar estruturas sintáticas semelhantes tanto no PB, quanto no italiano, possibilitando-nos, dessa forma, analisar os mesmos contextos em que ocorrem o sujeito pronominal pleno e nulo em ambas as línguas, como podemos observar nos exemplos abaixo:

(54) “Meu pai_i não quer comprar a televisão porque **ele_i** acha que deforma a mente das crianças” (M) (t.9-D, p.6, br)¹⁹

(55) “Papà_i non vuol comprare la tele perché **ec_i** dice che deforma la mente infantile.”(M) (t5, p.8, it)

Levamos, portanto, em consideração todos esses fatores apresentados acima no momento da escolha do *corpus*. Acreditamos, pelos motivos descritos, que essa decisão corresponda a uma escolha satisfatória para a análise do fenômeno em questão.

3.4 - A tradução

Figura 3.2 - Tira n°. 495, p. 106, Toda Mafalda



A tirinha acima demonstra, de maneira descontraída, o que vem a ser o exercício de um tradutor. Quando a personagem nos diz que vai traduzir exatamente o contrário do que foi

¹⁹ Esses códigos significam, respectivamente, a personagem, o número da tira, o número da página e a língua.

dito no original, a comicidade está, entre outros, no exercício nada comprometido de sua função como tradutora, sua única preocupação é evitar o conflito entre os países, ainda que, para isso, ela tenha que abrir mão de sua ética profissional.

Embora saibamos que esse episódio não passa de mais uma história humorística, ele nos faz pensar no que realmente significa a tradução, até onde vai a autonomia do tradutor em relação ao original, quais são os mecanismos que devem ser utilizados, quais os desafios enfrentados pelo tradutor etc. Sabemos que esse profissional não deve fazer livres escolhas lexicais que resultem na distorção do conteúdo original e também sabemos que a tradução não é a simples substituição de palavras da língua original para a língua a que essas estão sendo traduzidas. O tradutor deve ser alguém capacitado a produzir os efeitos de uma língua na outra o máximo possível, ainda que, para isso, ele recorra a adaptações.

Segundo Rónai (1981: 28), “o tradutor deve conhecer a língua estrangeira o bastante para desconfiar de cada vez que a compreensão insuficiente de uma palavra ou de um trecho obscurece o sentido do conjunto” e deve ter “o conhecimento ótimo do próprio idioma, a posse pelo menos razoável do idioma-fonte e uma boa dose de bom senso”. O tradutor deve ser aquele que seja sensível não só às questões lingüísticas, mas também a todas aquelas que interfiram na mensagem, tal como o contexto em que ela está sendo realizada. Deve conhecer, pois, não apenas os aspectos lingüísticos e as idiossincrasias do “idioma-fonte”, mas também os aspectos sociais, culturais que façam parte do ato comunicativo. Um tradutor fiel, nas palavras de Rónai, “seria aquele que, graças a uma capacidade excepcional, estivesse em condições de esquecer as palavras da mensagem original e, logo depois, de lembrar-se de seu conteúdo, para reformulá-la na sua própria língua, da maneira mais completa” (Rónai, 1981:126).

Essas questões relacionam-se, de certa forma, com o presente trabalho, devido ao fato de analisarmos, como já dissemos, um *corpus* traduzido. Por essa razão, interessa-nos saber como se desenvolvem as atividades de um tradutor, para que possamos atribuir autenticidade aos dados analisados.

O tradutor de história em quadrinhos, por exemplo, deve considerar além de todas essas condições descritas acima, o espaço físico dos balões, o gênero narrativo, sobre o qual deve possuir um certo grau de conhecimento, os mecanismos da história em quadrinhos e, portanto, ser também, de certa maneira, um “autor de história em quadrinhos” (ROTA, 2003). Rota acrescenta que, como o texto não é um simples comentário da imagem, mas sim parte integrante desta, ambos devem estar em perfeita harmonia, visto que uma possível ambigüidade seria contraditória àquilo proposto pelo desenho. Isso sugere que, de certa

maneira, o tradutor de história em quadrinhos deve estar ainda mais atento ao conteúdo a ser traduzido.

O que pudemos perceber nos quadrinhos analisados, confrontando os brasileiros com os italianos, é que havia modificações de natureza sócio-cultural, como, por exemplo, quando o tradutor italiano fala em “*epifania*”, festa dos Reis Magos, e na “*Befana*”, velhinha que traz presente na noite do dia de Reis, enquanto que o tradutor brasileiro opta apenas por falar em Reis Magos, visto que a lenda da “*Befana*” não é uma realidade entre as crianças brasileiras. No campo lingüístico, por que se interessa o presente trabalho, também foram feitas essas modificações, a fim de se produzir uma linguagem o mais próximo possível do idioma em questão. Observamos isso nos usos lingüísticos característicos do PB presentes nas histórias.

A esse ponto, poderíamos, então, nos perguntar se as estruturas não eram diferentes em função dessas adaptações nas formas lingüísticas. No entanto, lembramos que o material selecionado para a análise de dados correspondeu somente àquelas sentenças em que as estruturas foram projetadas de modo semelhante em ambas as línguas, no PB e no italiano, como já dissemos.

Talvez tenha sido possível trabalhar dessa forma, dado que estamos tratando de línguas românicas, tanto a original, espanhol, quanto aquelas para que esta foi traduzida, o PB e o italiano, o que, de alguma forma, colaborou para que fosse encontrado um número significativo de sentenças semelhantes, mas que, ainda assim, apresentavam suas características próprias. Por todos esses motivos, acreditamos que não invalidava a proposta desses *corpora* como fonte de nossa pesquisa o fato de serem uma tradução.

3.5 – Procedimentos metodológicos: seleção e exclusão de dados

Primeiramente, foram digitalizadas as tiras do *corpus* “*Mafalda la contestataria*” da versão italiana, que correspondem à metade da versão original “*Toda Mafalda*”. As tiras da versão brasileira já se encontravam digitalizadas²⁰. Posteriormente, foram selecionadas, em ambas as amostras, somente as estruturas semelhantes sintaticamente com tempo finito e com sujeitos de referência definida.

A decisão de privilegiar somente as tiras com estruturas semelhantes resultou em um menor número de dados. Contudo, acreditamos que, se o objetivo era verificar os mesmos

²⁰ As tiras do português brasileiro já haviam sido digitalizadas pelos alunos da graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro Clara Villarinho, Daniele Kazan e Vitor Bouças.

contextos nas duas línguas, essa era uma escolha que deveria ser feita. Foram, com isso, descartados, por exemplo, os seguintes dados que apresentaram estruturas diferentes:

(56) “Claro!... Eu sou uma boba, mesmo!” (M) (t.39, p.14, br)

(57) “Certo, perché **ec** son schema!”(M) (t39, p.16, It)

Como podemos observar, a presença do “*perché*” na sentença italiana não nos permite analisar as duas estruturas como semelhantes, dado que se acionou o sitagma complementizador, cujas propriedades veremos mais adiante, enquanto que na sentença do PB não, tornando, portanto, as duas estruturas diferentes.

Além das tiras com estruturas diferentes, não foram considerados os seguintes dados:

- Casos em que o sujeito pronominal se encontrava posposto à palavra “anche”, que requer em italiano a presença do pronome, sendo, portanto, também excluído o seu correspondente em PB:

(58) “Talvez **eu também** devesse planejar a minha vida” (F) (t.129, p.37, br)

(59) “**Forse anch’io** dovrei pianificare la mia vita”(F) (129, p.34, It)

- Os sujeitos pronominais seguidos de aposto:

(60) “A função das relações públicas é mostrar às pessoas que **nós, empresários**, somos humanos...” (Mn) (t.153, p.43, br)

(61) “La funzione delle relazioni pubbliche è di mostrare alla gente che **noi commercianti** siamo umani...”(Mn) (153 p.39, It)

- Respostas curtas afirmativas, visto que também é categórico o nulo no PB à medida que se emprega a repetição do verbo utilizado na pergunta (Kato e Tarallo, 1993, apud Duarte, 1995) e, em italiano, é empregado somente “sì”:

(62) “Teu pai te deu mesmo um jogo de xadrez?” (M) (t.74, p.23, br)

“**ec Deu**” (F) (t.74, p.23, br)

(63) “Davvero tuo papà ti ha regalato gli scacchi?”(M) (74, p.23, It)

“**Si**”(F) (74, p.23, It)

- Sujeitos contrastivos, que, de acordo com Rizzi (1988), revelam ênfase e contraste, não podendo, portanto, ser representados por um pronome nulo:

(64) “**Você** sabia, mas ela não!” (F) (t.689, p.148, br)

(65) “**Tu** lo sapevi, ma lei no!”(F) (684 p-145, It)

Por fim, também foram excluídas de nossa análise as orações coordenadas não iniciais com sujeito correferente ao da oração anterior, pois o uso do nulo, nesses casos, não parece ser uma propriedade apenas das línguas positivamente marcadas no Parâmetro do Sujeito Nulo (Duarte, 1993):

(66) “Uma lenda diz que, quando Deus_i estava fazendo o mundo, ele_i se sentou para descansar aqui e **acabou_i** dormindo.” (Ma) (t.657, p.141, br)

3.6 – Grupos de fatores para a classificação do sujeito pronominal

3.6.1 – A variável dependente: sujeito nulo ou pleno

Dado que pretendemos controlar como ocorre o preenchimento do sujeito pronominal no PB e no italiano, a nossa variável dependente foi a realização do sujeito, que se dividiu nas variantes plena e nula. De acordo com Naro (2004:11), “uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupo de fatores”, com base nessa assertiva, consideramos como as variáveis independentes os fatores descritos abaixo. Baseamo-nos, para tanto, nos fatores também controlados por Duarte (1995) e Soares da Silva (2006).

3.6.2 – Os fatores morfológicos

3.6.2.1 - A pessoa gramatical

Os sujeitos foram classificados de acordo com a pessoa gramatical, obtendo a seguinte divisão para o PB e para o italiano:

Quadro 3.1 - Paradigma pronominal do PB e do italiano

PB		ITALIANO	
1ª pessoa do singular	Eu	1ª pessoa do singular	Io
2ª pessoa do singular	Você	2ª pessoa do singular	Tu
3ª pessoa do singular	Ele/Ela	2ª pessoa indireta do singular	Lei
1ª pessoa do plural	Nós	3ª pessoa do singular	Lui/Lei
1ª pessoa do plural coloquial	A gente	1ª pessoa do plural	Noi
2ª pessoa do plural	Vocês	2ª pessoa do plural	Voi
3ª pessoa do plural	Eles	3ª pessoa do plural	Loro

Lembramos que não foram encontradas no *corpus* italiano ocorrências de sujeito com a segunda pessoa indireta do plural, que corresponde à forma *Loro*, usada para tratamento de cortesia, assim como o *Lei* no singular. Por isso, esse pronome não fez parte do quadro exposto acima.

Os estudos de Duarte (1993, 1995, 2000) nos mostraram que os índices de preenchimento do sujeito pronominal são maiores para a primeira pessoa, enquanto que os mais baixos são para a terceira pessoa. Conforme vimos no capítulo anterior, seção 2.1, a terceira pessoa parece ser mais resistente à mudança por contar, normalmente, com um reforço do contexto anterior. Por esse motivo, também consideramos importante controlar, em nosso trabalho, essa distribuição, a fim de verificarmos se os mesmos resultados obtidos por Duarte irão se confirmar e verificar se, em italiano, há uma significativa preferência pelo preenchimento em uma determinada pessoa.

Recordemo-nos de que, segundo os resultados de Oliveira (2000) para o italiano, as maiores taxas de preenchimento do sujeito também coincidiram na 1ª e 2ª pessoas. Tal fato fez com que a autora contestasse se realmente os contextos em que nas línguas [+*pro-drop*] é esperado o sujeito nulo, esse ocorrerá previsivelmente, devendo-se, portanto, verificar se a distribuição complementar (Calabrese, 1986) pode ser utilizada para diferenciar o PB do italiano.

Verificaremos, dessa forma, se há em alguma pessoa, tanto no italiano, quanto no PB, a preferência pelo pronome pleno e, se positivo, verificaremos juntamente a outros fatores quais seriam as prováveis razões da escolha. Será importante observar também se os sujeitos

de terceira pessoa que contam com um antecedente no discurso são de fato ainda um contexto de resistência no PB, conforme as hipóteses de Duarte.

3.6.2.2 - O Tempo Verbal

Dentro dos critérios morfológicos, consideramos também relevante classificar os dados de acordo com o tempo verbal, a fim de averiguar se aqueles em que há maior distinção entre as desinências seriam responsáveis por um menor índice do uso de sujeitos plenos, em contrapartida aos tempos em que tal distinção é menor, resultando, conseqüentemente, em uma resistência ao sujeito nulo. Desse modo, consideraremos os dados de acordo os tempos do presente, pretérito e futuro.

Sabemos que Duarte (1995) obteve o maior índice de nulos para o pretérito perfeito, 39%, enquanto que, para o pretérito imperfeito, obteve 27%, e para o presente, 26%, o que demonstra que o tempo, embora a prevalência ainda tenha sido do pronome pleno, pode estar influenciando na opção das formas pronominais, plenas ou nulas. Deve-se, portanto, também a esses resultados o nosso interesse em analisar os dados conforme os tempos verbais em que eles estejam sendo empregados, em especial no PB. Apresentamos abaixo o quadro 3.2 com os tempos verbais encontrados em nossa análise para o PB e os respectivos em italiano:

Quadro 3.2 - Tempos verbais encontrados em PB e italiano

PB	ITALIANO
Presente	Presente
Pretérito Perfeito	Passato Prossimo
Pretérito Imperfeito	Imperfetto
Futuro	Futuro
Futuro do Pretérito	Presente (modo condizionale)

3.6.2.3 – O Modo Verbal

Sabemos, no entanto, que não seria suficiente considerar somente os tempos verbais, por isso iremos averiguar os demais fatores que também possam corroborar o nulo junto aos tempos verbais. Dessa maneira, um outro fator considerado foi o modo verbal, para verificar se os tempos se comportam da mesma maneira independentemente do modo, ou se esse também é um fator atuante. A classificação foi, então, dividida entre o modo indicativo,

subjuntivo e *condizionale*, sendo esse último somente para a língua italiana, o qual corresponde em PB ao futuro do pretérito do indicativo, conforme ilustração abaixo:

(67) “**ec Sarei** antisemita!” (S) (232 p.55, It)

(69) “**ec Seria** anti-semita!” (S) (t.233, p.52, br)

No italiano, esperamos que o pronome nulo seja preferido em todos os tempos. Contudo, controlaremos se ocorrerá o previsto preenchimento no modo subjuntivo (Serianni, 2006; Soriano, 1999), em que, no pretérito imperfeito, há a mesma desinência para a primeira e a segunda pessoas do singular e, no presente, há a mesma desinência para a primeira, segunda e terceira pessoas do singular.

3.6.2.4 – A Forma Verbal

A forma verbal foi também um dos fatores utilizados em nossa classificação. Pretendemos com isso verificar se pode estar exercendo influência sobre a escolha pronominal, principalmente em PB, os casos em que se emprega a forma complexa.

No português brasileiro, por exemplo, a forma complexa pode corresponder ao futuro perifrástico, em que se usa o auxiliar “ir” no presente do indicativo e o verbo principal no infinitivo, ou ainda a forma em que se emprega o verbo “estar” no presente do indicativo e o principal no gerúndio, conforme os exemplos abaixo:

(70) “**ec Vou ser** engenheiro!” (F) (t.126, p.36, br)

(71) “Pois é...e então nós **vamos ter** a idade que nossos pais têm agora!”(S) (t.218, p.48, br)

(72) “**ec Não estou brincando** de ioiô!” (Mn) (t.56, p.19, br)

(73) “O que você **está fazendo** sentado aí, Miguelito?” (M) (t.488, p.105, br)

Em italiano também observamos o uso de formas complexas, embora não se espere desse fator alguma influência. Destacamos abaixo os casos em que se empregou o *passato prossimo*, que corresponde ao nosso pretérito do indicativo e utiliza o verbo “*avere*” (haver) no presente do indicativo e o particípio do principal, e as construções com auxiliar no presente do indicativo e principal no infinitivo, também utilizados em PB:

- (74) “**ec Ho saputo** che quando qui è mezzogiorno...”(M) (143 p.37, It)
Eu soube que quando aqui é meio-dia...
- (75) “Non **ec posso dormire**”(M) (214 p.51, It)
Não posso dormir

Verificados os fatores morfológicos, devemos ainda observar os condicionamentos sintáticos, para que entendamos se há também estruturas atuantes na opção do preenchimento do sujeito pronominal. A seguir iremos, então, expor os fatores sintáticos utilizados para a classificação dos dados.

3.6.3 – Os fatores sintáticos

3.6.3.1 – A transitividade verbal

A transitividade verbal foi um dos fatores sintáticos também controlados no presente trabalho, segundo a qual, dividimos os verbos em três grupos:

- Os transitivos:

- (76) “Você **estragou** minha viagem de estudos ao Japão!” (M) (t.128, p.36, br)
- (77) “**ec Hai rovinato** il mio viaggio di studio in Giappone!”(M) (128, p.34, It)

- Os intransitivos:

- (78) “Você **trabalha** como uma escrava na cozinha!” (M) (t.170, p.47 br)
- (79) “**ec Lavori** come una negra in cucina!” (M) (170 p.42, It)

- Os de ligação:

- (80) “**ec Sou** um presidente” (M) (t.23, p.10, br)
- (81) “**ec Sono** il capo del governo! (M) (t23, p.13, It)

Embora saibamos que os verbos de ligação não se limitam aos verbos **ser** e **estar**, por termos obtido em nossos *corpora* uma quantidade ínfima de ocorrências com outros verbos

também considerados da mesma categoria, motivamo-nos a concentrar nossa atenção somente nesses dois. O interesse também foi motivado pelos resultados de Duarte (1995), segundo os quais, as construções com esses verbos demonstram exercer influência na escolha do sujeito, caracterizando, assim, um contexto em que ainda há uma preservação do nulo.

Bravin dos Santos (2006) destacou ainda a importância de separar o verbo **ser** dos demais verbos de ligação, tais como o **parecer**, **ficar** e **estar**, pois, a opção pelo nulo com o verbo **ser** pode estar relacionada muito mais às características intrínsecas deste, do que à questão da transitividade verbal. Com base nisso, decidimos também verificar se há diferença entre os índices de sujeito nulo com o verbo **ser** em comparação com os demais verbos de ligação.

3.6.3.2 – A posição do sujeito pleno

Um das propriedades das línguas de sujeito nulo apontadas por Raposo (1992), mencionada no presente trabalho no capítulo 1, subseção 1.1.3, é a da livre inversão do sujeito. Dessa forma, o sujeito pode vir anteposto ou posposto ao verbo nas LSN. Esclarecemos, para tanto, que esse foi o único fator aplicado apenas à variável dependente plena, por razões bastante claras, pois só há meio de controlar a posição do sujeito quando este é realizado foneticamente.

Para os dados do italiano, por exemplo, esperamos encontrar nas interrogativas com pronome interrogativo somente a opção de sujeitos nulos ou plenos pospostos. Esse é um contexto em que é obrigatória a inversão do sujeito em italiano, segundo Figueiredo Silva (2000). No PB, no entanto, esse não é uma estrutura de posposição, como podemos observar nos exemplos abaixo:

(82) “Onde **nós** estamos?” (M) (t.15, p.8, br)

(83) “Dove siamo **noi**?” (M) (t15, p.11, It)

Baseada nas propostas de Rizzi (1991), a autora demonstra que, nas interrogativas que acionam o CP, o verbo sobe para C para satisfazer o princípio que, segundo Rizzi, é um resíduo de posição V2. Nesse caso, o sujeito, no italiano, deve ocupar uma posição pós-verbal para receber o Caso Nominativo, já que este é assinalado sobre regência. No PB, no entanto, somente a configuração especificador/núcleo poderia atribuir Caso Nominativo, explicando

por que o sujeito, quando o sintagma complementizador encontra-se preenchido, deve ser anteposto ao verbo.

Segundo Tarallo (1993), o PB passou por modificações nas estratégias de pronominalização, o que acarretou no preenchimento do sujeito e nos objetos nulos. Essas modificações refletiram, conseqüentemente, “no enrijecimento do padrão de ordem de constituintes, SV(0)” (Tarallo, 1993:92).

Nosso interesse é, portanto, verificar se essa característica, associada à marcação positiva do parâmetro, está presente de maneira significativa no italiano e se ainda é possível de ser verificada em PB.

3.6.3.3 – A estrutura do sintagma complementizador

A camada funcional rotulada de sintagma complementizador (CP) é aquela responsável pelos traços [+/- QU]. Ocupam a posição de especificador de CP, por exemplo, as palavras interrogativas e os pronomes relativos:

(84) “**O que** você trouxe?” (M) (t.720, p.154, br)

(85) “**Cos’ ec** hai portato?”(M) (715, p.151, It)

(86) “É incrível! Todas as pessoas **pra quem** eu faço essa pergunta respondem SIM...” (M) (t.122, p.35, br)

(87) “È sorprendente! Tutti quelli **cui ec** chiedo se sono buoni rispondono di sì...”(M) (122, p.33, It)

O CP pode ainda ser ativado quando há conjunções, as quais ocuparão a posição de núcleo. Sabemos, por exemplo, que, a depender da seleção categorial, há verbos que podem selecionar um nome ou uma oração como argumento, neste caso, a oração encaixada ativará o CP e a conjunção integrante ocupará a posição de núcleo dessa camada funcional, conforme exemplificação abaixo:

(88) “Meu pai não quer comprar televisão porque ele acha **que ec deforma a mente das crianças**” (M) (t.9-D, p.6, br)

(89) “Papà non vuol comprare la tele perché dice **che ec deforma la mente infantile.**”(M) (t5, p.8, It)

De acordo com o proposto por Rizzi (1997), a camada flexional CP é cindida em partes, sendo, portanto ativada também com a presença de outros elementos, tais como:

- Tópico, categoria que abriga a informação a que será feita a referência, ainda que tenham sido raras as ocorrências em nossos *corpora*. Podemos observar essa construção nos exemplos 90 e 91:

(90) “**E os gatos**, que setor da democracia eles representam?” (M) (t.20, p.10, br)

(91) “**I gatti**, qualle forza politica **ec** rappresentano?” (M) (t20, p.12, It)”

- Elementos à esquerda²¹:

(92) “**Hoje** eu quero viver sem saber de nada”(M) (t.611, p.131, br)

(93) “**Oggi ec** voglio vivere senza rendermi conto”. (M) (606, p.130, It)

De acordo com os critérios acima descritos, classificamos os nossos dados a partir da presença de material em especificador ou núcleo do CP. Visto que há também os dados em que o CP não foi ativado, classificamos esses como 0, ou seja, que não ativaram essa camada funcional:

(94) “A gente vive de cabeça para baixo? (F) (t.16, p.9, br)

(95) “**ec** Viviamo a testa in giù? (F) (t16, p.12, It)

Tem se observado que, em PB (Duarte 1995, 2003), é um contexto de resistência do nulo as estruturas em o CP está vazio e, quando o especificador está preenchido, tem se observado a preferência pelo pronome expresso. A finalidade dessa classificação decorre, portanto, do interesse em verificar se a ausência/presença de material em CP determina a escolha do sujeito pronominal. Supomos que, mesmo para o italiano, esse possa também ser um contexto em que, de alguma forma, ocorram mais nulos e, dessa maneira, esse corresponderia a um fator fortemente atuante em PB, baseados nos resultados de Duarte (1995) para as orações relativas em PE.

²¹ Exceto alguns adjuntos adverbiais, conforme veremos na seção seguinte.

3.6.3.4 – Os elementos em adjunção ao sintagma flexional

Outra classificação também adotada foi em relação a elementos adjuntos ao sujeito, ou seja, ao sintagma Flexional (IP). Codificamos de maneira a rotular as orações que continham e as que não continham material nessa posição, baseados nas expectativas de que quando está preenchida favorece o preenchimento do sujeito, que, por outro lado, é desfavorecido quando não há elementos nessa posição.

Ocupam essa posição alguns adjuntos adverbiais, conforme exemplos abaixo:

- (96) “**Simplesmente ec** vivem há mais tempo do que nós de cabeça pra baixo” (M) (t.18, p.9, br)
- (97) “**Semplicemente ec** vivono a testa in giù da più tempo di noi” (M) (t18, p.12, It)

3.6.3.5 - Material entre o especificador de IP e I

Os dados foram ainda controlados de acordo com a presença ou ausência de elementos entre o especificador de IP e o seu núcleo, I. Ocupam essa posição as palavras que, de maneira geral, estão entre o verbo e o sujeito, tais como advérbios de negação, clíticos e os advérbios *já, nunca, ainda, só e sempre*, estes últimos destacados por Duarte (1995) como sendo de alta frequência.

Lembramos que, nas análises feitas pela autora do PB, embora não se tenha destacado em percentuais altos, o sujeito nulo, nos casos em que há elementos dessa natureza, parece ser favorecido até mesmo por questões prosódicas, como se a posição do sujeito fosse, de alguma forma, compensada por esse elemento clítico ao verbo.

- (98) “**ec Não** quero que a Mafalda se torne uma telemaníaca idiota!” (P) (t.9-F, p.7, br)
- (99) “**ec Non** voglio che Mafalda diventi una stupida telemaniaca!” (P) (t7, p.8, It)
- (100) “**ec Já** falei para vocês dos filhinhos...” (S) (t.807, p.173, br)
- (101) “**ec Vi ho già** parlato di tutti i figliolini ...” (S) (802 p.169 It)

A esse ponto, esclarecemos que, conforme o que foi informado ao início do presente capítulo, a decisão de privilegiar as tiras idênticas estruturalmente acarretou um corte bastante

grande de dados, principalmente, em função da estrutura de IP. Dentre esses, encontraram-se como sendo responsáveis pela diferenciação das estruturas do PB e do italiano algumas sentenças que, em italiano, apresentavam elementos entre o spec de IP e I, em função, principalmente dos pronomes clíticos, bastante presentes na língua, enquanto que em PB a posição encontrava-se vazia. Observemos alguns dados descartados em decorrência da diferença estrutural quanto ao IP:

(102) “Diz uma coisa, Filipe, você __ tem televisão?” (M) (t.9-C, p.6, br)

(103) “Di’, Filipe, **ec ce l’** hai la televisione?” (M) (t4, p.7, It)

A preferência em PB por construções do tipo “verbo + para você/ pra ele/ela ” em lugar de “ te/lhe + verbo” também foi responsável pela diferenciação entre as duas línguas:

(104) “Adivinha o que eu trouxe **pra v...**” (P) (t.9-E, p.6, br)

(105) “Indovina cosa **ec ti** ho portat...” (P) (t6, p.8, It)

(106) “Se **eu** disser **para ela** ver menos televisão vai acabar me odiando.” (P) (t.12, p.8, br)

(107) “Se **ec le** dico che non guardi troppo la tv finisce che mi odia. (P) (t12, p.11, It)

Em italiano, por exemplo, é muito comum o pronome objeto direto realizar-se mesmo quando o objeto ainda será dito. Embora as gramáticas (Dardano & Trifone, 2003) digam que “às vezes” possa ocorrer tal pronome como maneira de antecipar e reforçar o que está para ser dito, o que se observa na língua, em particular na oral, é uma preferência pelos pronomes expressos, mesmo quando o objeto ainda está por vir. Deve-se considerar também que, em PB, há uma preferência pelos pronomes objetos nulos e, em italiano, a ausência de um pronome objeto resulta na agramaticalidade da sentença. Esse fato foi sensivelmente sentido por nós no *corpus* italiano, o que, como já dissemos, provocou a principal diferença entre as estruturas deste e do PB:

(108) “De onde você foi tirar essa bobagem?” (F) (t.16, p.9, br)

(109) “Da dove **ec l’**hai tirata fuori questa schiocchezza?” (F) (t16, p.12, It)

(110) “Eu sei...” (M) (t.9-B, p.6, br)

(111) “**ec Lo** so ...”(M) (t2, p.7, It)

(112) “Você sabia que ...” (F) (t.70, p.22, br)

(113) “**ec Lo** sapevi che ...”(F) (70, p.22, It)

Não obstante o desperdício de dados de análise somente em função da estrutura de IP, achamos coerente com os nossos objetivos não utilizá-los, ao menos a princípio, para confronto das sentenças nas duas línguas.

3.6.3.6 – As funções sintáticas das orações

As orações dos *corpora* também foram classificadas de acordo com as suas funções sintáticas. Dividimos, então, nos seguintes grupos:

- O das orações independentes, absolutas e coordenadas iniciais que não se encontravam subordinadas a uma outra oração:

(114) “Boooooomm... **ec** vou fazer minha liçãããã...” (F) (t.48 p.17, br)

(115) “Beeee... **ec** andrò a far coooompiti....”(F) (t48, p.18, It)

- O das orações principais:

(116) “Porque, se a minha geração puxar a sua, **ec estamos fritos!** Buááá!...” (M) (t.55, p.18, br)

(117) “Perché se la mia generazione finisce come la tua, **ec siamo fritti!** BUAAAAAA!”(m) (t55, p.19, It)

- O das orações substantivas:

(118) “**ec** Tenho que reconhecer **que ela foi viva!**” (M) (t.23, p.10, br)

(119) “Bisogna riconsocere **che ec è stata astuta**”(M) (t23, p.13, It)

- O das orações relativas:

(120) “Papai! Elas estão carregando o formicida **que você colocou!**” (M) (t.87, p.26, br)

(121) “Papà! Stanno portando via l’insetticida **che hai messo tu!**”(M) (87, p.26, It)

- O das orações adverbiais antepostas:

(122) “**Porque se ele fosse daqui**, quando apertassem a barriga dele, gritaria ‘GREVE!’”
(M) (t.97, p.29, br)

(123) “**Perché se ec fosse del paese**, a toccargli la pancia, griderebbe “SCIOPERO!” (M)
(97, p.28, It)

- E o das orações adverbiais pospostas:

(124) “Eu não posso tomar sopa **porque ec sou uma velhinha** que treme e derrama tudo”(M) (t.365, p.79, br)

(125) “Non posso mangiare la minestra, **perché ec sono una vecchia**, mi trema la mano e mi cade tutta.”(M) (363 p. 81, It)

A importância da classificação das orações se deve não só ao fato de, assim, podermos testar se há alguma estrutura favorecedora do nulo ou do pleno, mas também compreender se um determinado tipo de oração somado a outro fator atua sobre uma ou outra escolha. Para isso, selecionamos ainda como fator a ser observado as condições de referência do sujeito, que serão esclarecidas a seguir.

3.6.4 – As condições de referência

Vimos que, de acordo com a proposta de Calabrese (1986), mencionada no capítulo 2, subseção 2.1.1, no italiano, estando o referente do sujeito em uma posição sintaticamente acessível, ou seja, sendo o único candidato à referência, opta-se pelo pronome nulo. Caso tal referência esteja comprometida por haver outros candidatos ou mesmo termos intervenientes, opta-se pelo pronome preenchido a fim de que seja esclarecido quem é o sujeito. Dessa forma, a realização do pronome, mesmo no italiano, parece ser influenciada por um complexo estrutural de posição do sujeito e do seu referente. No PB, por exemplo, têm sido levantadas como um possível contexto de resistência do nulo as condições de referência do sujeito (Barbosa, Duarte & Kato, 2005).

Considera-se, portanto, um fator importante para a escolha da realização do sujeito a localização do seu referente no discurso. Nas análises de Barbosa, Duarte & Kato (2005), em que se analisaram entrevistas em jornais e revistas, considerou-se como fator relevante para distinguir a distribuição de pronomes de terceira pessoa nulos e plenos no PB e no PE a

posição do antecedente, dividindo-a em quatro estruturas discriminadas abaixo, as quais também utilizamos para a classificação de nossos dados:

(a) O antecedente do sujeito em análise é o sujeito da oração principal ou matriz, estão no mesmo período;

(126) “**Você_i** já pensou no que **ec_i** vai ser quando for grande?” (M) (t.13, p.8, br)

(127) “**ec_i** Hai pensato cosa **ec_i** farai da grande?” (M) (t13, p.11, It)

(b) O antecedente do sujeito em análise é o sujeito da oração imediatamente anterior, mas em outro período;

(128) “Pronto! E o que **eles_i** são? Árabes ou israelitas?” (M) (t.939, p.201, br)

“**Eles_i** sempre se *mantiveram* acima dessa questão, filhinha” (Ma) (t.939, p.201, br)

(129) “Ammazza! E cosa **ec_i** sono: arabi, ebrei?” (M) (934 p.195 It)

“**Loro_i** si *sono* sempre *tenuti* al di sopra di quel problema, cara” (Ma) (934 p.195 It)

(c) O antecedente do sujeito está na oração anterior, mas com outra função;

(130) “Se as idéias de desenvolvimento **do pai_i** do Manolito tivessem caído, **ele_i** não *teria* um armazém tão próspero!” (F) (t.17, p.9, br)

(131) “Se **al papà** di Manolito gli cadessero giù le idee, non **ec** *avrebbe* un negozio così ben avviato.”(F) (t17, p.12, It)

(d) O antecedente do sujeito em análise tem função de sujeito, mas há uma ou mais orações intervenientes entre ele e seu antecedente;

(132) “O Miguelito tem medo de que eu goste menos dele quando chegar **o meu irmãozinho_i**. Na verdade eu também tenho medo de que vocês gostem menos de mim quando **ele_i** *chegar*” (M) (t.911, p.195, br)

(133) “Miguelito ha paura che io non gli voglia più bene quando arriverà **il fratellino_i**. In realtà anch’io ho paura che tu non mi voglia più bene quando **lui_i** *arriverà*”(M) (906 p.190 It)

Além dessas condições, consideramos também a formulada por Soares da Silva (2006):

(e) O antecedente tem outra função e há oração ou orações intervenientes;

(134) “**Papai_i**! Elas estão carregando o formicida que **você_i** colocou!” (M) (t.87, p.26, br)

(135) “**Papà_i**! Stanno portando via l’insetticida che hai messo **tu_i**!”(M) (87, p.26, It)

Na classificação dos dados, no entanto, chamou a nossa atenção o fato de o referente do sujeito, em alguns casos, encontrar-se na fala do outro falante, foi então que decidimos também verificar se a mudança de falantes, de algum modo, também atuaria sobre a escolha de preenchimento. Escolhemos, por essa razão, para cada fator acima detalhado, acrescentar a opção “falante igual/diferente”, o que resultou na duplicação da quantidade desses fatores. Essa decisão deve-se mais uma vez às características dos *corpora* analisado, pois, por se tratar de história em quadrinhos, constitui-se basicamente de diálogos, em que, não raro, o antecedente do sujeito que analisávamos encontrava-se na fala do falante anterior. Acreditamos, assim, que seria viável controlar os dados também sob essa perspectiva.

Por fim, um outro critério utilizado para a classificação da referência, foi em relação às estruturas em que havia correferência entre o sujeito e o vocativo. Acreditamos que, de alguma forma, principalmente em PB, a presença de um vocativo antes do sujeito, por acionar o CP, possa ser um contexto favorável ao preenchimento, enquanto que, vindo o vocativo depois do sujeito analisado, viabilizaria um pronome nulo em função de sua referência ser facilmente identificada. Por essa razão, incluímos mais dois fatores:

(f) O antecedente é um vocativo;

(136) “**Mafalda_i**, você_i não é mais filha de uma mulher medíocre!”(Ma) (t.209, p.46, br)

(137) “**Mafalda_i**, non **ec_i** sei più la figlia di una donna mediocre!”(Ma) (209 p-50, It)

(g) O vocativo vem logo após o sujeito;

(138) “**ec_i** Está vendo, Felipe_i?”(M) (18, p. 9, Br)

(139) “**ec_i** Vedi, Felipe_i?”(M) (18, p. 12, It)

3.6.5 – O traço semântico do sujeito

Sabemos que, na Teoria Chomskiana (1995), os traços interpretáveis, semânticos, não desempenham função na sintaxe, não recebem, por isso, marcação paramétrica como os traços formais, que possuem papel na derivação sintática. No entanto, Lopes (2006) propõe que existem traços semânticos intrínsecos a itens lexicais, como a animacidade, mas outros que são computados composicionalmente a partir de um complexo de diferentes traços presentes na sentença. Essa visão pressupõe que determinadas estruturas sintáticas possuem uma relação com traços semânticos, sendo essa uma possível justificativa para o estudo dos traços interpretáveis mesmo dentro de um estudo gerativista.

Contudo, pesquisas sobre o sujeito nulo no PB e no PE (cf. Duarte, 1995 e Barbosa, Duarte & Kato, 2005) nos mostram que a animacidade do referente, concebida por Lopes como um traço intrínseco ao item lexical e que, portanto, não deveria condicionar determinada estrutura sintática, influencia na realização do sujeito pronominal. Desse modo, embora não se trate de um fator estrutural, o traço semântico, por exercer, de alguma forma, tal influência sobre o sujeito pronominal, merece atenção, a nosso ver, de pesquisas que procurem, principalmente, identificar as principais diferenças do sujeito pronominal do PB em relação às demais línguas de sujeito nulo.

As línguas marcadas positivamente no Parâmetro do Sujeito Nulo, como o italiano, em geral, apresentam sujeitos pronominais nulos quando seus respectivos referentes possuem o traço semântico [-animado] (Duarte, 1995). Essa característica foi confirmada para o PE em Barbosa, Duarte & Kato (2005). Também considerado LSN, esperava-se que o índice de sujeitos nulos com o referente [-animado] fosse significativamente alto no português europeu, fato confirmado com o valor percentual de 97% de nulos, sendo o percentual de 3% uma única ocorrência. Para o PB, no entanto, foi obtido um percentual de apenas 43% no mesmo contexto, mostrando-nos que, de certa maneira, o PB está se comportando diferentemente das demais LSN.

Esses resultados confirmam, ainda, as hipóteses levantadas por Cyrino, Duarte & Kato (2000) de que quanto maior a referencialidade, maior a probabilidade de ocorrer um pronome pleno. Portanto, se o índice de plenos com traço [-animado] em PB ainda não alcançou os 50%, embora já se apresente um comportamento bastante particular, é resultado de os pronomes com traço [-animado] estarem mais à esquerda da escala (reproduzida no capítulo

2), resistindo por mais tempo ao preenchimento pronominal do que os que se encontram mais à direita, como é o caso da primeira e segunda pessoas.

Sabemos que a terceira pessoa é a única que pode apresentar traço [- animado], o que explicaria uma possível estratégia utilizada pelo PB na resistência ao pleno nesses casos. Os resultados poderiam também nos oferecer respaldo, principalmente se obtivermos para o italiano e o PB resultados similares aos obtidos por Barbosa, Duarte & Kato (2005) para o PE e para o PE, para a confirmação de que o índice de nulos com o traço [- animado] apresentado pelo PB vem demonstrando que o seu comportamento é bastante diferenciado em relação às demais LSN. Por esse motivo, classificamos os nossos dados de acordo com os traços semânticos [+/- animado].

3.6.6 – Os tipos de oração

Quanto aos tipos de orações, classificamo-las de acordo com os seguintes padrões:

- **Declarativa:**

(140) “**ec** Nunca imaginei que um chocolate pudesse ter gosto de fracasso” (P) (t.9-E, p.6, br)

(141) “**ec** Non avrei mai pensato che il cioccolato potesse sapere di fallimento.”(P) (t6, p.8, It)

- **Interrogativa:**

(142) “Por que **você** não vai para o jardim-de-infância, Manolito?” (M) (t.6, p.4, br)

(143) “Come mai **ec** non vai all’asilo, Manolito?” (M) (t6, p.10, It)

Pretendemos com essa classificação verificar se a simples mudança do tipo de oração exerce alguma influência sobre a realização do sujeito, ou se devem estar relacionados a esse fator outros, como, por exemplo, a estrutura do CP. Esperamos, principalmente, verificar se as interrogativas que ativam o CP apresentam o percentual de nulo menor tanto no italiano quanto no PB.

3.6.7 – A faixa etária

O último fator escolhido para a nossa análise refere-se à faixa etária dos falantes. No entanto, não seria possível determinar a idade precisa de cada personagem, por isso, a nossa intenção não foi a de verificar se há diferença de acordo com a idade exata, mas apenas se se tratava de um personagem adulto ou criança. Nos diálogos analisados, por exemplo, participaram substancialmente os seguintes personagens:

Quadro 3.3 - Personagens de acordo com a faixa etária

Personagem	Idade
Pai da Mafalda	Adulto
Mãe da Mafalda	Adulto
Mafalda	Criança
Felipe	Criança
Susanita	Criança
Manolito	Criança
Miguelito	Criança
Outros ²²	Adulto

Com esse fator acreditamos que poderia, em alguma medida, ter pesado tanto para o escritor da história em quadrinhos, quanto para o tradutor brasileiro e o italiano, a idade dos personagens. Pensamos que, principalmente em PB, o fato de ser um personagem adulto pudesse estar propiciando o tradutor a tolerar mais naturalmente o sujeito nulo. Essa é, portanto, a nossa justificativa para a escolha da última variável independente de nossa análise.

3.7 – Varbrul

Após a classificação dos dados de acordo com os critérios descritos nas seções precedentes, a próxima tarefa foi a de submetê-los ao instrumental de análise. Para tanto, utilizamos o pacote de programas estatísticos *VARBRUL*, para a análise quantitativa.

“Varbrul é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação lingüística” (Guy & Zilles, 2007). Dessa maneira, podemos analisar as situações em que a variável dependente esteja sendo influenciada por todas as variáveis independentes. A importância desse programa para

²² Esses se referem aos personagens momentâneos, como o locutor do rádio, o entregador, o jornaleiro etc.

análise de variáveis reside, principalmente, no fato de que podemos controlar todas as variáveis independentes simultaneamente, confrontando umas com as outras, e obtermos os pesos relativos em relação a cada fator, o que nos possibilita saber qual é o mais relevante e o menos de todos os fatores.

Capítulo 4 - ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nos dois primeiros capítulos tratamos das bases teóricas que fundamentaram o presente trabalho, enquanto que, no terceiro, demonstramos quais foram os procedimentos metodológicos adotados para a realização do mesmo. O presente capítulo se destina, conseqüentemente, à apresentação e discussão dos resultados obtidos na análise do sujeito pronominal nas sentenças brasileiras e italianas das histórias em quadrinhos *Toda Mafalda*, as quais constituíram o nosso *corpora*.

Assim sendo, na seção 4.1, apresentaremos os resultados gerais; em 4.2, os resultados para o italiano, cujas subseções se dividem em 4.2.1, 4.2.2 e 4.2.3, as quais tratam, respectivamente, dos dados categóricos, dos sujeitos pronominais pospostos e da significância dos fatores em italiano; em 4.3, apresentaremos os resultados para o PB, cujas subseções se dividem em 4.3.1 e 4.3.2, as quais apresentam, respectivamente, os dados categóricos encontrados para o PB e os fatores significantes para o mesmo. Por último, na seção 4.4, faremos uma breve exposição do contraste feito entre as sentenças do PB e do italiano com o espanhol e com o português europeu.

4.1 – Resultados Gerais

Após a submissão dos dados ao programa *VARBRUL*, esses totalizaram 851 sujeitos pronominais de referência definida para o português brasileiro e 851 para o italiano, somando 1702 dados analisados. Abaixo apresentamos a tabela 4.1 com o percentual de sujeitos pronominais nulos e plenos:

Tabela 4.1 - Resultado geral de sujeitos pronominais nulos e plenos

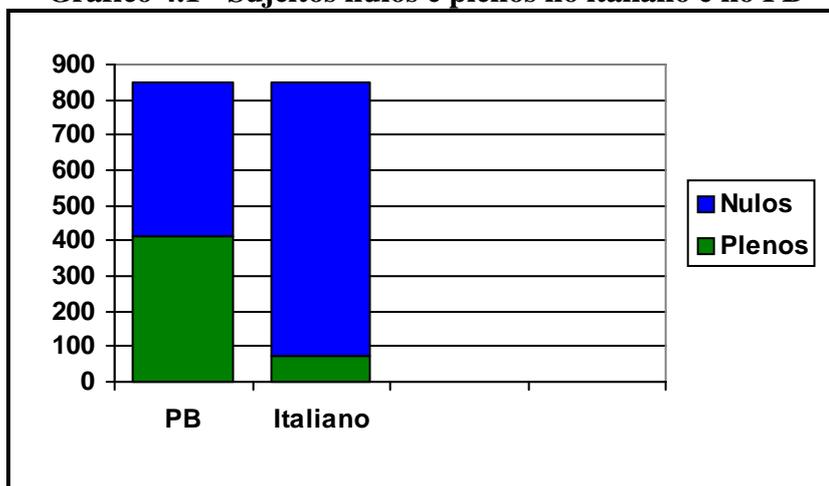
<i>corpus</i>	Sujeito Nulo	%	Sujeito Pleno	%	Total
português brasileiro	439	51,6	412	48,4	851
italiano	778	91,4	73	8,6	851
TOTAL GERAL:					1702

Inicialmente já é possível perceber que o percentual de nulos em italiano é muito superior ao de plenos, confirmando que se trata, realmente, de uma língua que apresenta comportamento, no que se refere ao preenchimento do sujeito pronominal, condizente ao de

LSN. A princípio, esse resultado sugere também que não há uma variação significativa em italiano, dado que o nulo é a opção preferida. Desse modo, com a análise proposta, é possível apenas verificar se há contextos em que, de alguma forma, o pleno em italiano se sobressaiu mais do que nos demais. Para o entendimento desse resultado, apresentaremos mais adiante a aplicação da análise de regra variável, em que é possível observar a significância dos fatores.

O português brasileiro, entretanto, apresentou 48,4% de preenchimento, o que indica haver indícios de uma “competição” entre os pronomes nulos e os pronomes plenos, confirmando, dessa maneira, as hipóteses de que o PB não se comporta mais como uma língua prototípica de sujeito nulo, pois, como pudemos observar, o percentual de nulos no italiano é muito superior, como ilustra o gráfico 4.1 abaixo:

Gráfico 4.1 - Sujeitos nulos e plenos no italiano e no PB



Contudo, ainda não é possível fornecer contribuições para a análise do fenômeno, sendo necessário antes analisar a significância dos fatores, para que se possa interpretar qualitativamente os resultados obtidos.

Recordemo-nos de que, ao apresentarmos nossos objetivos e hipóteses de trabalho, havíamos previsto uma provável quantidade de nulos, em PB, superior ao correspondente da língua oral. Duarte (1995), por exemplo, obteve um índice percentual de 71% de preenchimento (fala culta). Entretanto, consideramos, de início, o percentual de 48,4%, principalmente quando comparado com o percentual de 8,6% apresentado pelo italiano, bastante expressivo, pois confirma que o comportamento do português brasileiro não se assemelha com o de uma LSN e mostra, ainda, que já é possível, mesmo em um *corpus* escrito - embora saibamos que suas características são muito próximas da língua oral, como já

expusemos no capítulo de Metodologia, seção 3.3 -, obter uma quantidade significativa de sujeitos pronominais preenchidos no português do Brasil.

4.2- Os resultados para o Italiano

4.2.1- Os dados categóricos

Obtivemos, inicialmente, dados categóricos para alguns grupos de fatores em italiano, não caracterizando, conseqüentemente, uma variação, o que o programa *VARBRUL* denomina “nocaute”. “Um nocaute, na terminologia de análise do Varbrul, é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (Guy e Zilles, 2007:158). Convém, no entanto, analisar à parte, ainda assim, aqueles grupos de fatores excluídos em decorrência da falta de variação que possam nos fornecer informações sobre as propriedades do italiano. Informamos, desse modo, na tabela 4.2 esses grupos e a quantidade de dados que possuíam:

Tabela 4.2 - Grupo de fatores sem variação no Italiano

Grupos	Nulos	Plenos
Animicidade do Referente	43	0
Modo Condizionale	30	0

Como é possível observar, todas as sentenças que continham sujeitos pronominais inanimados em italiano apresentaram a opção pela variável dependente nula. Isso confirma as hipóteses de que numa LSN um pronome na posição de sujeito com essa característica não é foneticamente expresso. Os nossos resultados acrescentam-se, ainda, aos demais obtidos para outras línguas positivamente marcadas no PSN, tais como os obtidos para o português europeu, o qual apresentou 93% de nulos (fala) em Duarte (1995) e 97% (escrita) em Barbosa, Duarte & Kato (2005), e os obtidos para o espanhol de Madri e Buenos Aires (Soares da Silva, 2006), os quais apresentaram 100% de nulos. Como ilustra o exemplo (144) a seguir, é uma propriedade do italiano a opção pelo pronome nulo com o traço [-animado]:

(144) “La zia Clara ha **delle tazze da tè cinesi**, favolose! **ec**; Sono dei tempi in cui i cinesi facevano delle cose belle (...)”(S) (734 p-155, It)

A tia Clara tem **umas xícaras de chá chinesas**_i incríveis! Elas_i são do tempo em que os chineses faziam coisas lindas (...)

A hierarquia referencial proposta por Cyrino, Duarte & Kato (2000), reproduzida no capítulo 2, seção 2.1, também se mostrou atuante no italiano. Se um pronome contém um referente com traço [-humano] e, portanto, está mais à esquerda da escala hierárquica, em que as chances de ele ser representado por uma categoria vazia são maiores do que na posição mais à direita, em que se encontra o traço [+ humano], significa que, numa língua como o italiano, a possibilidade de um pronome pleno ser expresso fica restrita aos casos em que se apresentem referentes com o traço [+ animado]. O índice de 8,6 % plenos apresentado pela língua italiana se restringe, portanto, a sujeitos pronominais com traço [+ animado].

O modo *condizionale*, cujos tempos, presente e passado, equivalem, respectivamente, ao futuro do pretérito simples e futuro do pretérito composto do português, também demonstrou ser um grupo em que não se constataram pronomes plenos. Nesses tempos do italiano pode-se, portanto, intuir que, por suas marcas flexionais serem distintas em todo o paradigma verbal, esse é um contexto favorecedor dos nulos, o que é um dado importante, pois verificamos que a riqueza flexional está licenciando essa categoria vazia e, conseqüentemente, a importância dessa diversidade numa língua românica. Abaixo a quadro 4.1 mostra o modo *condizionale*, através da qual podemos perceber a saliência das flexões:

Quadro 4.1 - O modo *condizionale* em italiano

Condizionale Presente		Condizionale Passado	
1 ^a - parlerei	} Singular	1 ^a - avrei parlato	} Singular
2 ^a - parleresti		2 ^a - avresti parlato	
3 ^a - parlerebbe		3 ^a - avrebbe parlato	
1 ^a - parleremmo	} Plural	1 ^a - avremmo parlato	} Plural
2 ^a - parlereste		2 ^a - avreste parlato	
3 ^a - parlerebbero		3 ^a - avrebbero parlato	

No entanto, sabemos que há outros tempos verbais em italiano que também apresentam essa riqueza flexional. O modo indicativo, por exemplo, cujos tempos apresentam a mesma distinção nas formas flexionais, não se apresentou absolutamente favorecedor do nulo, o que nos leva a crer que os demais fatores (estrutura de CP, condições de referência, material entre IP e I^o etc) encontraram mais espaço com esse modo do que com o *condizionale*.

Lembramos, ainda, que, por ser o *condizionale* um modo verbal mais “polido”, não foram registradas tantas ocorrências como no indicativo, dada a característica informal do

corpus. Em italiano, é bastante difundido, nos períodos chamados “hipotéticos”, principalmente no registro informal da língua, o uso do pretérito perfeito do indicativo no lugar dos tempos do *condizionale* e mesmo do imperfeito do subjuntivo. A alternância entre períodos hipotéticos com subjuntivo + *condizionale* (146) e com imperfeito do indicativo + imperfeito do indicativo (145) pôde ser observada também em nosso *corpus*, como ilustram os exemplos abaixo:

(145) “Se io_i **ero** la cultura, ec_i **uscivo** di lì e ec_i mi **pigliavo** un altro mezzo”(M) (461 p-101, It)

Se eu era a cultura, (eu) saía dali e arranjava um outro meio

(146) “Mafalda, anche se ti **ec spiegassi** il problema del Vietnan, non lo **ec capiresti!**”(P) (t39, p-16, It)

Mafalda, mesmo que eu lhe explicasse o problema do Vietnã, você não o entenderia!

4.2.2 – Os sujeitos pronominais pospostos

Foram encontrados doze pospostos no italiano, conforme mostra a tabela 4.3, em que foram divididos de acordo com a pessoa gramatical:

Tabela 4.3 - Pospostos por pessoa gramatical

Pessoa	Pronome	Pospostos	%
1ª pessoa do singular	Io	1	8,4
2ª pessoa do singular	Tu	6	50
2ª pessoa indireta do singular	Lei	-	-
3ª pessoa do singular	Lui/Lei	-	-
1ª pessoa do plural	Noi	2	16,6
2ª pessoa do plural	Voi	2	16,6
3ª pessoa do plural	Loro	1	8,4
TOTAL		12	100

Como havíamos previsto, essa seria uma propriedade associada às línguas marcadas positivamente no PSN possivelmente presente em italiano. A ocorrência de doze pospostos é responsável por 16,4 % do total de setenta e três plenos encontrados na amostra.

Havíamos demonstrado que os sujeitos das interrogativas em italiano que apresentam um pronome interrogativo devem ser preenchidos após o verbo ou nulos, para que o verbo continue numa posição V2 (Cf. Figueiredo Silva, 2000, Rizzi, 1991). Os exemplos de (147) a (150) confirmaram esse comportamento do italiano perante a essa estrutura:

- (147) “**Dove** siamo **noi**?” (M) (t15, p-11, It)
 (148) “**A chi** vuoi più bene **tu**, alla mamma o al papà?” (S) (110, p-30, It)
 (149) “**In quale** direzione credete **voi** che vada l’umanità?” (M) (141 p-37, It)
 (150) “**A chi** vuoi più bene **tu**, alla mamma o al papà?” (O) (202 p-49, It)

No entanto, foi possível observar, ainda, que havia um caso em que se empregou o pronome interrogativo *perché* com o pronome anteposto ao verbo:

- (151) “(...) **Perché io** non posso avere la mia domanda?” (S) (374 p- 83, It)

Tal fato é encontrado, realmente, na língua italiana. Segundo Rizzi (1999:7), o pronome *Perché* e *come mai*, de mesma equivalência semântica, não requerem a inversão do sujeito. O autor propõe que esses pronomes ocupem a posição de especificador de INT (*interrogative*), que é intrinsecamente dotada do fator *Wh* (QU), não exigindo, portanto, a inversão do sujeito, como o fazem os demais pronomes que necessitam da inversão para produzir o efeito *Wh*.

Segundo Rizzi, por ocuparem lugar diferente, *perché* e *come mai* permitem que sejam seguidos por elementos focalizados: “*Perché QUESTO avremmo dovuto dirgli, non qualcos’altro?*” (Por que **isto** lhe deveríamos ter dito, e não qualquer outra coisa?). Essa seria a evidência de que ocupam lugares distintos na estrutura. Não foram encontradas, contudo, ocorrências com *come mai* que preenchessem o sujeito, apenas com o nulo (“*Come mai non vai all’asilo, Manolito?*”(M) (t6, p-10, It).

Sabemos, entretanto, que, se o sujeito nulo é a opção não marcada em italiano e, nessas estruturas interrogativas, não parece haver nenhuma restrição para a sua omissão, deve haver um motivo maior para que os pronomes apareçam foneticamente expressos. Verificamos, então, que, nesses casos, pode ser que esteja atuando um pronome enfático, já que seria uma maneira de chamar o interlocutor à causa. Por exemplo, “*A chi vuoi più bene tu*” seria uma maneira de reforçar o pedido da opinião de alguém específico e não de uma outra pessoa, tanto que a segunda pessoa do singular foi a que obteve o maior índice de plenos, 50% do total.

Foram ainda encontrados casos com vocativo (152) e orações relativas (153) e (154):

- (152) “**MAFALDA**, HAI PRESO **TU** IL GIORNALE D’OGGI?” (P) (179 p-44, It)

(153) “Papà! Stanno portando via l’insetticida **che** hai messo **tu!**”(M) (87, p-26, It)

(154) “Ciao, Manolito; la mamma vuol sapere se il Whisky **che** vendete **voi** è molto caro”(M) (886 p-186 It)

Especificamente no exemplo (152), é possível, pela configuração das letras em maiúsculo e pela expressão do pai da Mafalda (gritando), deduzir que esse é também um pronome enfático, pois é como se equivalesse à nossa estrutura clivada “Foi você que pegou o jornal de hoje?”.

A importância desse grupo de fatores reside no fato de que corresponde a uma propriedade das línguas de sujeito nulo considerada fundamental por Rizzi. Como foi possível observar, o italiano manifestou essa característica, agora, devemos confrontar com o PB, a fim de confirmar se neste essa propriedade já não se manifesta.

4.2.3- A significância dos fatores em Italiano

Após a exclusão dos nocautes, dos sujeitos pospostos e de fatores com muito poucos dados, o *VARBRUL* operou com os seguintes valores:

Tabela 4.4 - Resultado sem nocautes para o italiano

<i>corpus</i>	Sujeito Nulo	%	Sujeito Pleno	%	Total
italiano	675	92	60	8	735

Conforme exposto ao final do capítulo 3, o *VARBRUL* nos permite analisar as variáveis dependentes em uma relação simultânea com todas as demais, dando-nos, com isso, a significância que cada uma desempenha no fenômeno em questão. Abaixo apresentamos a tabela 4.5 com os grupos de fatores mais significantes selecionados para o italiano²³:

Tabela 4.5 - A Significância dos fatores selecionados no italiano (input 0,93)

Tempo Verbal	Nulo/total	%	Peso
Presente	413/446	93	0,50
Futuro	92/95	97	0,73

²³ Os grupos não selecionados para o italiano encontram-se no apêndice.

Pretérito Perfeito	125/136	92	0,47
Pretérito imperfeito	45/58	78	0,22
Estrutura de CP			
Vazio	342/362	94	0,59
Spec de C preenchido	258/286	90	0,44
Núcleo de C preenchido	75/87	86	0,34

A relevância do grupo relativo ao tempo verbal expressa que a escolha do pronome parece ser influenciada, em alguma medida, pela marcação morfológica de tempo. É sugestivo o fato de que o pretérito imperfeito tenha obtido o menor peso relativo, 0,22, comparado aos demais, apresentado um percentual de 22% de sujeitos plenos. Conforme previsto, no pretérito imperfeito do subjuntivo, as marcas flexionais não são distintivas entre a primeira e segunda pessoas do singular, o que possivelmente levaria a um número maior de plenos nesse contexto. Do total dos pronomes plenos no pretérito imperfeito, 31% pertenciam ao modo subjuntivo.

É importante ressaltar que de treze ocorrências com o pretérito imperfeito do subjuntivo, quatro foram plenas, uma com o pronome de primeira pessoa do singular e três com o pronome de segunda pessoa, sendo essas três as únicas vezes em que o sujeito foi empregado na segunda pessoa do singular, sugerindo que, diferentemente do que apontou Oliveira (2000), mencionado no capítulo 2, seção 2.2, mesmo que a desinência seja igual apenas para a primeira e a segunda pessoas do singular no imperfeito do subjuntivo (IO *parlassi*, TU *parlassi*), o pleno é favorecido, conforme os exemplos abaixo:

(155) “Ah! Che bello! Bel modo di amare gli amici! Se **tu amassi** gli amici...”(S) (274 p-63, It)

Ah! Que lindo! Belo modo de amar os amigos! Se você amasse os amigos...

(156) “Se **tu avessi visto**²⁴ Felipe!”(S) (587 p-126, It)
Se você tivesse visto, Felipe!

(157) “Se **tu avessi** un fegato...che epatite, eh?”(M) (741 p-157, It)
Se você tivesse um fígado...que hepatite, hein?

(158) “Se **io fossi** un gigante ...”(Mg) (774p-163, It)
Se eu fosse um gigante

Sabemos, no entanto, que o italiano, de fato, permite um nulo tanto na primeira pessoa do singular quanto na segunda no pretérito imperfeito do subjuntivo em algumas estruturas,

²⁴ Ressaltamos que os dados referentes ao *trapassato* do subjuntivo, *avessi visto*, que correspondem ao nosso pretérito mais-que-perfeito do mesmo modo, *tivesse visto*, foram classificados apenas como pretérito imperfeito composto, por apresentarem o verbo auxiliar no pretérito imperfeito do subjuntivo.

embora os nossos dados tenham apontado para a opção plena majoritariamente na segunda pessoa. Entretanto, talvez esses sejam os casos de estruturas já cristalizadas pelo uso ou como uma maneira mesmo de resistência por parte do italiano ao pleno desambiguador nesse caso, como mostra o exemplo (159):

- (159) **ec** Sapessi quanto ti **ec** voglio bene.
Se você soubesse o quanto eu o quero bem.

Com isso, o que podemos supor é que há uma “brecha” favorecedora do pleno quando se emprega o pretérito imperfeito do subjuntivo, demonstrando a insuficiência, nesse caso, da flexão. Tal fato, no entanto, ainda não significa uma total aderência ao preenchimento pronominal nesse tempo verbal, mas é muito expressivo à medida que representa a importância da flexão para as línguas românicas.

Por outro lado, ainda que o índice de dados com o presente do subjuntivo tenha sido menor, nesse tempo, em que há três desinências iguais para as três primeiras pessoas do singular, conforme apresentado no capítulo 2, seção 2.2, apresentaram-se dois pronomes preenchidos de um total de oito ocorrências, uma para a primeira pessoa e a outra para a segunda. Vejamos essa distribuição na tabela 4.6:

Tabela 4.6 - Plenos e nulos no presente do subjuntivo em relação à pessoa gramatical

Pessoa	Pleno	Nulo	Total
1ª pessoa	1	4 (80%)	5
2ª pessoa	1	0 (0%)	1
3ª pessoa	0	2 (100%)	2

Colocando à parte a única ocorrência de pleno com a primeira pessoa do singular, correspondente a uma oração relativa, a segunda pessoa do singular foi novamente preenchida na única vez em que foi empregada. Tal fato confirmaria as hipóteses de Oliveira (2000), pois a autora propõe que o pronome de segunda pessoa do singular é pleno, quando há uma disputa na interpretação referencial entre este e o pronome de terceira pessoa. Caso o pronome seja nulo, segundo Oliveira, a interpretação será para a terceira pessoa do singular. Encontramos, com efeito, o pleno para a segunda pessoa e o nulo para a terceira, conforme apresentados nas sentenças (160) e (161) respectivamente:

- (160) “Sta calmo, Manolito_i: qui nessuno crede che **tu_i** sia qualcosa!”(S) (501 p- 109, It)

Fique calmo, Manolito: aqui ninguém acredita que você seja alguma coisa!

(161) “Manolito_j pensa che nessuno ottiene nulla mettendosi a gridare con una chitarra, e **ec**_i penso che **ec**_j abbia ragione”(M) (943 p-197 It)

Manolito pensa que ninguém consegue nada se metendo a gritar com uma guitarra, e eu acho que ele tem razão.

O exemplo 161 demonstra que, mesmo sendo empregado o verbo no presente do modo subjuntivo, não houve necessidade do pleno, pois os candidatos a sujeito na sentença só poderiam ser a primeira pessoa do singular ou a terceira e, caso fosse a primeira, a sentença deveria ser “(...) *e penso di aver ragione*”, o que explica, portanto, que não haveria dúvidas de que o sujeito era a terceira pessoa do singular, Manolito. Tal ocorrência se deve a um princípio do italiano que determina que todas as vezes em que há uma oração principal com o mesmo sujeito da encaixada, a qual requer o emprego do subjuntivo, usa-se no infinitivo impessoal o verbo da encaixada, conforme ilustram os exemplos²⁵ abaixo:

(162) Piero crede di **parlare** molto bene l’inglese.

(163) *Piero_i crede che lui_i parli molto bene l’inglese.

(164) **ec**_i Vorrei **rimanere** ancora un po’.

(165) ***ec**_i Vorrei che **io**_i rimanessi ancora un po’.

A ambigüidade figuraria nessas estruturas, realmente, em relação às pessoas gramaticais que não fossem as mesmas do sujeito da oração principal. Seguindo a análise de Oliveira (2000), se na sentença 163 o pronome *lui* se referisse a uma outra pessoa que não a Piero, o pronome poderia ser nulo, pois o pleno ocorreria com a segunda pessoa. No entanto, não podemos afirmar que não haveria em nenhuma maneira a possibilidade de um pronome de terceira pessoa expresso nesse contexto. O que os nossos dados demonstram até aqui é que a terceira pessoa parece optar mais pelo nulo nesses casos e que o pronome de primeira e de segunda pessoas são mais vulneráveis ao preenchimento. Seria, no entanto, necessária uma análise mais acurada desse contexto.

Para verificar se aqueles dados descartados na seleção poderiam nos fornecer mais informações sobre o uso pronominal no presente do subjuntivo, recorreremos ao *corpus* integral italiano e, desse modo, encontramos os seguintes exemplos que não foram analisados por suas estruturas não serem compatíveis às do PB:

²⁵ Exemplos retirados de Nocchi (2006: 180).

- (166) “Miguelito ha paura che **io** non gli **voglia** più bene quando arriverà il fratellino”(M)
(906 p-190 It)
- (167) “Ma non è possibile, Susanita, che **tu voglia** essere soltanto mamma e padrona di casa!”(M)
- (168) “In realtà anch’io ho paura che **tu** non mi **voglia** più bene quando lui arriverà”(M)
(906 p-190 It)
- (169) “E che è la porcheria più imonda che **ec abbia assaggiato** in vita mia?”(M) (479 p-104, It)

Essas sentenças sugerem que a segunda pessoa do singular é preferencialmente plena devido à flexão verbal do presente do subjuntivo e a primeira pessoa (exemplo 166) é plena quando há uma possível ambigüidade, pois, nesse caso, havia um diálogo entre Mafalda e sua mãe e, portanto, dois candidatos a sujeito, a primeira e a segunda pessoa. No entanto, como já dissemos, esse é um contexto do italiano que merece uma análise mais acurada, não havendo espaço no presente trabalho para nos aprofundar nessa questão.

Foi possível perceber, no entanto, que o modo subjuntivo é um contexto em que a flexão verbal não parece ser o bastante e, por isso, a necessidade do italiano recorrer aos pronomes plenos. Deve-se, ainda, procurar entender quais são os mecanismos utilizados pela língua quando, mesmo com a insuficiência da flexão, permite uma versão nula do pronome sem que haja, contudo, ambigüidade na sua identificação.

Voltemo-nos, nesse momento, às ocorrências com pretérito imperfeito do indicativo, que correspondem a 69% do total de treze e obtiveram peso relativo de 0,47. O fato observado foi que duas ocorrências eram de primeira pessoa com o verbo *credere* (crer/achar) e as demais apresentavam o CP acionado. Como esse foi também um grupo de fator selecionado pela sua significância, acreditamos que talvez ele pudesse estar influenciando o preenchimento. Poderíamos, por outro lado, questionar, ainda, se não resultaria da natureza fônica da flexão do pretérito perfeito do indicativo, uma vez que nesse tempo, embora distintas, as desinências não se mostram tão salientes quanto nos demais tempos (amavo, amavi, amava, amavamo, amavate, amavano), explicando, assim, o número maior de plenos.

Passemos agora à análise do segundo grupo selecionado por sua significância: a estrutura do Sintagma Complementizador. Inicialmente, foi verificado que, dentro deste grupo, o peso menos significativo para o pleno foi para o fator 0 (ausência de material em CP), que obteve o peso relativo de 0,59. Olhamos, então, para esses dados, a fim de

interpretar melhor esse resultado. Averiguamos, desse modo, que das vinte ocorrências de plenos nesse contexto, apenas três não correspondiam a contexto inicial absoluto, o que propõe que, mesmo com ausência de material em CP, o pleno pode ser favorecido quando o contexto é início de frase, como ilustram os exemplos a seguir:

(170) “**Tu** non hai mai fatto il contratto, vero?”(M) (73, p-23, It)

(171) “**Io** penso che a Mafalda piacerà. **ec** Sai, salti mortali, botte, animali parlanti...”(P) (103, p-29, It)

(172) “**Loro** si sono sempre tenuti al di sopra di quel problema, cara”(Ma) (934 p-195 It)

Com material no especificador de CP, por outro lado, obtivemos o peso relativo de 0,44. O percentual foi de 10% (28/286) de plenos em relação aos demais dados com a mesma configuração. Esse resultado nos parece expressivo, uma vez que corresponde a 47% do total geral de plenos encontrados em italiano e submetidos à análise de regra variável. Quando consideramos a baixa ocorrência de plenos em italiano, percebemos que esse percentual é um importante resultado, para que compreendamos os contextos que favorecem o pleno nessa língua. A presença de um vocativo permite o preenchimento do pronome, como pode ser visto em (173), assim como as orações coordenadas sem sujeitos correferentes parecem ser também um contexto favorecedor do pleno, como podemos observar em (174) e (175):

(173) “**Papà, tu** hai fatto il milit..?”(M) (233 p-55, It)

(174) “(...) **e noi** non vogliamo estremisti in questa famiglia”(M) (831 p-175 It)

(175) “Papà_i dice che *quei castighi* sono punizioni a lunga scadenza, come gli assegni...**E lui_i** preferisce dargli schiaffi in contanti”(Mn) (192 p-46, It)

Um pouco mais relevante se mostraram as sentenças em que o núcleo do CP continha material. Com a quantidade de doze plenos de um total de oitenta e sete que apresentavam a mesma estrutura, estes corresponderam a um percentual de 14% de preenchimento, ficando com o peso relativo mais significativo no grupo, 0,34. A maioria das ocorrências se refere a orações completivas, cujos sujeitos são diferentes daqueles expressos na oração principal. Isso confirma, portanto, a afirmação de Calabrese (1986) de que havendo um outro candidato à referência, a interpretação é comprometida e, com isso, o pronome deve ser preenchido, conforme demonstrado nos exemplos (165), (166) e (167):

- (176) “Un libro, sì!...**ec_i** Sta a vedere **che io_j** sono scemo!”(Mn) (873 p-183 It)
- (177) “Per questo **ec_i** ho pensato **che tu_j** potevi risolverlo meglio di chiunque altro.(...)”(Mn) (769p-162, It)
- (178) “(...) nessuno_i sembra accorgersi spontaneamente **che io_j** sono un bravo ragazzo”(Mg) (909 p-190 It)

As orações relativas, no entanto, obtiveram índice alto de sujeitos nulo. Estruturas que acionam o CP, as relativas em PE, segundo análise de Duarte (1995), mostraram ser um contexto favorecedor do pleno, por isso, achamos que em italiano elas também pudessem atuar sobre a escolha do sujeito pleno. De um total de trinta e uma orações relativas analisadas, entretanto, obtivemos apenas dois²⁶ dados com preenchimento, como mostram os exemplos (179) e (180):

- (179) “È la domanda più stupida **che io** abbia mai sentito!”(M) (374 p- 83, It)
- (180) “Perché tuuuuutto ciò **che essi**²⁷ fabbricano, gli eserciti lo ropono subito in guerra!”(Mg) (839 p-176 It)

Por fim, lembramos que, ao apresentarmos nossas motivações para a escolha do italiano como LSN a ser confrontada com o PB, pretendíamos verificar se há algum contexto favorecedor do nulo nessa língua através do qual o português do Brasil, pertencente também ao grupo das línguas românicas, possa ter desencadeado o preenchimento e disseminado para outras partes do sistema, de acordo com a hipótese de Duarte (1995) para as relativas do português europeu. Como pudemos apenas observar, as relativas não se confirmaram um contexto favorecedor do pleno em italiano, mas, por outro lado, a estrutura de CP sim. Portanto, se obtivermos essa mesma estrutura atuante também em PB, isso será um indício de que se trata de um mesmo contexto favorecedor tanto para o italiano quanto para o PB.

4.3 – Os resultados para o PB

4.3.1 - Os dados categóricos

²⁶ Lembramos, no entanto, que havia dentre as ocorrências com posposição, as quais foram eliminadas, duas relativas.

²⁷ O Pronome *essi* tem o mesmo valor de *loro*=eles, mas é menos usual na língua oral.

Antes de passarmos aos resultados para o português brasileiro em relação aos fatores selecionados pelo *VARBRUL*, mostramos na tabela 4.7 os fatores que não apresentaram variação:

Tabela 4.7 - Grupo de fatores sem variação no PB

Fator	Nulos	Plenos
1ª pessoa do plural coloquial – <i>a gente</i>	0	25
Grupo de fatores	Antepostos	Pospostos
Posição do sujeito	412	0

Pelas informações acima, apresentamos que a forma *a gente*, das vinte e cinco ocorrências em todo o *corpus* brasileiro, apresentou 100% de sujeitos plenos. Esse fato demonstra que, ao utilizar a mesma desinência da terceira pessoa do singular (ele) e da segunda pessoa do singular (hoje representada pelo você²⁸), a expressão que compete com o pronome *nós*, necessita, a princípio, ser preenchida foneticamente, revelando ser a flexão verbal ou mesmo qualquer outro fator, nesses casos, insuficientes para a recuperação da informação necessária para o reconhecimento do sujeito.

É importante, no entanto, ressaltar que, se o papel desempenhado pela flexão nas línguas românicas permite uma categoria vazia no lugar do sujeito, uma vez que um paradigma verbal sofre mudanças ao longo do tempo, caminhando em direção à simplificação, conforme demonstrado por Duarte (1993), o resultado obtido para *a gente* sugere que o preenchimento é uma resposta a essa mudança. O fato de o PB ter sido uma LSN que licenciava o sujeito pronominal nulo em função do seu sistema flexional sugere que a simplificação no paradigma verbal tenha feito com que a opção pelo pleno fosse uma solução para a identificação do sujeito. Abaixo apresentamos os exemplos (181) e (182) para ilustrar esses dados:

(181) “Susanita, você não acha que **a gente** vive num mundo muito complicado?” (M)
(t.100, p.30, br)

(182) “Se **a gente** fosse formiga, essa pocinha ia ser para nós como o Canal da Mancha” (M)
(t.773, p.166, br)

²⁸ Sabe-se que o pronome *tu* ainda é utilizado na língua coloquial, mas com a flexão da terceira pessoa do singular, o que significa que apenas a forma pronominal permaneceu, mas a flexão é a mesma empregada por *você*. Esse fenômeno deve ser controlado à parte, pois foge ao escopo deste trabalho, visto que não foi observado em nossa amostra nenhum dado dessa natureza.

Foi possível verificar o emprego de *a gente*, mesmo quando o referente era o nós, mostrando que há uma expressiva variação, ainda que o pronome *nós* tenha predominado com sessenta ocorrências na amostra brasileira, como podemos ver no exemplo (183) abaixo:

(183) “Onde **nós** estamos?” (M) (t.15, p.8, br)

“Aqui, olha!” (P) (t.15, p.8, br)

“Mas então **a gente** está de cabeça para baixo!” (M) (t.15, p.8, br)

No que se refere aos sujeitos pospostos, os resultados demonstram que a ausência da inversão livre do sujeito já não é uma característica sobressalente na língua portuguesa do Brasil. Essa ausência de dados com posposição do sujeito representa a perda de uma propriedade, como assinalou Rizzi (1982), essencial das línguas marcadas positivamente no parâmetro do sujeito nulo, como o italiano, para o qual foram encontrados sujeitos pospostos. Tal fato nos fornece evidências de que uma mudança paramétrica vem acompanhada de outras modificações que se espalham pelo resto do sistema. Os nossos resultados reforçam, ainda, as hipóteses de que a ordem sentencial do PB é do tipo SV.

4.3.2- A significância dos fatores em PB

Assim como para o italiano, também foram retirados da amostra do PB os nocautes e os fatores com muito poucos dados, sendo operado pelo *VARBRUL* os seguintes valores:

Tabela 4.8 - Resultado sem nocautes para o PB

<i>corpus</i>	Sujeito Nulo	%	Sujeito Pleno	%	Total
PB	431	53	377	47	808

Apresentaremos nesta subseção os fatores selecionados pelo *VARBRUL* por apresentarem significância na opção da variável dependente nula ou plena. Como se trata de seis grupos de fatores, optamos por mostrar os resultados de cada um junto à análise qualitativa separadamente, assim, veremos primeiro os resultados para o grupo de fator pessoa gramatical.²⁹

²⁹ Os grupos que não foram selecionados para o português brasileiro encontram-se no apêndice.

4.3.2.1- A pessoa gramatical

No que se refere à pessoa gramatical, os resultados demonstraram que a primeira pessoa do plural e a primeira do singular foram as que obtiveram o maior índice de nulos, com peso relativo de 0,88 e 0,75, respectivamente. As demais formas pronominais foram desfavorecedoras do nulo, uma vez que obtiveram pesos relativos de 0,25 para a segunda pessoa do singular, 0,24 para segunda pessoa do plural, 0,19 para a terceira pessoa do plural e 0,15 para a terceira pessoa do singular. Abaixo apresentamos a tabela 4.9 com essas informações e os devidos percentuais:

Tabela 4.9 - Nulos em PB de acordo com a pessoa gramatical (input 0,63)

Pessoa Gramatical	Nulo/total	%	Peso
1ª pessoa do singular	262/360	73	0,75
2ª pessoa do singular	64/230	28	0,25
3ª pessoa do singular	45/118	38	0,15
1ª pessoa do plural	49/60	82	0,88
2ª pessoa do plural	4/19	21	0,24
3ª pessoa do plural	7/21	33	0,19
TOTAL	431/808	53	

De acordo com os resultados de Duarte (1993, 1995, 2003), a primeira e a segunda pessoas apresentam percentual de plenos superior ao apresentado pela terceira pessoa, não obstante a desinência distintiva em alguns tempos para primeira pessoa do singular. Tal fato demonstra estarem a primeira e a segunda pessoas mais adiantadas no processo de mudança, a terceira resiste por mais tempo, porque conta com alguns contextos que favorecem a categoria vazia, conforme apresentado no capítulo 2, seção 2.1.

No entanto, os nossos dados demonstraram ser a primeira pessoa a maior responsável pelos nulos em nossa amostra. No caso da primeira pessoa do plural, *nós*, não nos surpreendeu encontrar mais nulos do que plenos, pois se trata de uma pessoa gramatical cuja desinência ainda é distintiva e atua como favorecedora, principalmente na escrita, da omissão pronominal.

Contudo, o alto índice de nulos para a primeira pessoa do singular foi inesperado, pois, conforme visto, os resultados de Duarte (1993, 1995, 2000, 2003) demonstraram índices bem menores, os quais foram associados às características da primeira pessoa, apresentadas no

capítulo 2, seção 2.2. Decidimos, então, verificar os dados que apresentavam sujeitos nulos com a primeira pessoa do singular, a fim de observar os contextos em que eles eram realizados.

A primeira observação a ser feita é que a maior quantidade do total de dados é em primeira pessoa, porque a maioria das falas se concentra na personagem Mafalda, que se pronuncia muitas vezes em primeira pessoa:

(184) “*ec_i* Não sei o que *ec_i* tenho hoje! *ec_i* Estou com o moral no chão” (M) (t.27, p.11, br)

Dentre o total de nulos de primeira pessoa do singular, percebemos que havia usos que ainda favorecem uma categoria vazia, tais como as construções com o verbo epistêmico “achar”, com o verbo ser, com verbo “estar + gerúndio” e expressões do tipo “não sei, já sei, sei lá”. Acreditamos serem essas construções ambientes que ainda permitem o nulo em PB por estarem já “cristalizadas” pelo uso, para as quais os falantes não se preocupam em aplicar a nova regra de marcação do sujeito.

Segundo Duarte (1995), por exemplo, os verbos epistêmicos, “(eu) acho e (eu) não sei”, no presente do indicativo em sentenças raízes correspondem a um contexto muito freqüente, exigindo um controle diferenciado. A expressão “sei lá” é um contexto categórico de nulos e, por isso, foram excluídos das análises de Duarte (1995), mas não foi descartada de nossa amostra, embora tenhamos obtido apenas um dado selecionado. Foi, então, que resolvemos formular a tabela 4.10, a fim de apresentar a quantidade de nulos e plenos de primeira pessoa com essas construções:

Tabela 4.10 - Nulos e plenos de primeira pessoa do singular em contextos especiais

Condições	Ocorrências de nulos	Ocorrências de plenos
VERBO ACHAR	15	1
VERBO SER	20	7
ESTAR + GERÚNDIO	17	3
NÃO SEI	16	1
SEI LÁ	1	0
TOTAL	69	12

Como é possível observar em confronto com o índice de plenos com o mesmo contexto, essas construções parecem contribuir para a omissão do sujeito. O emprego do verbo “achar”, por exemplo, parece “tolerar” um sujeito nulo, o que se sobressaiu na nossa

amostra, uma vez que encontrou condições favoráveis a esse tipo de comportamento, por se tratar de um *corpus* escrito:

(185) “**ec Acho** que a Mafalda vai gostar (...)” (P) (t.103, p.30, br)

(186) “**ec_i Acho** que **ec_i** tenho, Miguelito” (M) (t.630, p.135, br)

O verbo ser, segundo Duarte (1995), corresponde a um contexto que também permite uma categoria vazia:

(187) “Escutem-me todos! **ec Sou** o famoso Trompetista Negro!” (Mg) (t.680, p.146, br)

(188) “**ec Sou** a Liberdade” (M) (t.711, p.152, br)

As construções com verbo “estar+ gerúndio” também se mostram favorecedoras do nulo em PB:

(189) “**ec Já estou** até me **vendo** à frente da minha rede de supermercados!” (Mn) (t.78,7 p.169, br)

(190) “**ec Não estou falando** sozinha, não senhor!” (Ma) (t.783, p.168, br)

Há, além dessas construções, o emprego de “não sei” e “sei lá”:

(191) “Afinal de contas **ec** não sei por que tanto entusiasmo pela chupeta” (M) (t.945, p.202, br)

(192) “**ec Sei lá!** Alguma coisa. (...)” (Mg) (t.490 p.105, br)

Essas ocorrências correspondem, portanto, a 26% do total de nulos em primeira pessoa do singular e, como pudemos observar, representam, em contraste com os plenos, ambiente favorável à opção nula. Acreditamos que, por se tratar de registro escrito, essas construções com sujeitos nulos encontram mais espaço para se realizarem.

Mais adiante, quando apresentarmos o grupo de fator tempo verbal, também selecionado por sua significância, veremos que o emprego do pretérito perfeito corroborou ainda mais os nulos de primeira pessoa. Veremos, ainda, com a estrutura de CP, que a ausência de material nessa camada foi responsável por boa parte dos nulos de primeira pessoa.

Quanto aos pronomes de segunda pessoa, os pesos relativos de 0,25, singular, e 0,24, plural, representam já a preferência, no português do Brasil, pelas formas pronominais plenas:

- (193) “**Você** estragou minha viagem de estudos ao Japão!” (M) (t.128, p.36, br)
 (194) “**Você** sonha sempre, Manolito?”(M) (t.211, p.46, br)
 (195) “**Vocês** conhecem a piada da formiguinha e do elefante? (...)”(F) (t.372, p.80. br)
 (196) “**Vocês** acham que a única coisa que me interessa é o armazém do meu pai ...”(Mn) (t.505, p.108, br)

Por outro lado, os 28 % de nulos com a segunda pessoa se concentraram estruturas que se mostraram favorecedoras da categoria vazia, tais como as orações interrogativas com verbo “estar + gerúndio” (197), com o verbo “sabe” (198) e as construções com o vocativo posposto (199):

- (197) “**ec** ESTÁ VENDENDO ISSO?” (O) (t.740, p.158, br)
 (198) “**ec_i** Sabe por que este mundo é bonito?”(M) (t.484, p.104, br)
 (199) “Por que **ec_i** está falando palavrão, **Susanita_i**?”(F) (t.220, p.48, Br)

Os resultados para segunda pessoa confirmam a distância do PB de uma língua de sujeito nulo. Assim como os obtidos por Duarte (1993, 1995), a segunda pessoa vem se consagrando como forma plena no português brasileiro.

A terceira pessoa realçou ainda mais a preferência pelos pronomes plenos, obtendo os pesos relativos de 0,15, para o singular, e 0,19, para o plural:

- (200) “**Ele** diz que as passagens custam uma barbaridade, que os hotéis custam...”(M) (t.280, p.61, br)
 (201) “Meu pai_i me contou que quando **ele_i** ia à escola o professor batia nos alunos que eram duros de aprender”(Mn) (t.313, p.68, br)
 (202) “Até que enfim **eles** conseguiram automatizar os vexames”(M) (t.578, p.124, br)
 (203) “**ec_i** Fico com pena da Mafalda_j; ontem **ela_j** me contou que este verão **NÃO ec_j** vai poder sair de férias com os pais” (S) (t.926, p.198, br)
 “Por quê?” (F) (t.926, p.198, br)

“Porque **eles** têm que esperar a chegada do futuro irmãozinho dela” (S) (t.926, p.198, br)

Os resultados de Duarte (1993, 1995, 2003) têm apresentado a terceira pessoa como a mais resistente à mudança do sistema para formas plenas em posição de sujeito, embora nos resultados obtidos para a escrita (Barbosa, Duarte & Kato, 2005), a autora tenha encontrado, para essa pessoa gramatical, 56% de aderência em comparação com o PE, que obteve apenas 22%. Segundo Duarte (1995), a terceira pessoa, por contar com um reforço que vem da referência externa, resiste por mais tempo em relação aos demais.

Contudo, os resultados aqui obtidos demonstram uma preferência pela expressão do pronome de terceira pessoa, o que sugere, ao menos, que esse já é um contexto em que o emprego do pronome pleno diferencia o PB das demais línguas românicas de sujeito nulo. De acordo com os resultados de Bravin dos Santos (2006), as estruturas em que o antecedente está acessível sintaticamente e o traço é [- animado] correspondem ainda a um contexto de maior incidência de nulos em PB. De fato constatamos que as estruturas com referentes distantes sintaticamente e o traço [+animado] corroboraram o pleno. Porém, foi possível, observar plenos em estruturas com referentes acessíveis e com sujeitos de traço [- animado]:

(204) “Por acaso, quando **meu pai**_i veio pra cá, **ele**_i não deixou a pátria dele por um país estrangeiro?” (Mn) (t.4, p.4, br)

(205) “**ec** Vi **uma metralhadora fantástica**_i! E à pilha! **Ela**_i solta faísca e acende uma luz roxa! Pedi para a minha mãe comprar para mim!”(Mg) (t.575, p.123, br)

4.3.2.2- Tempo Verbal

O tempo verbal vem se apresentando como fator significativa para a realização pronominal do sujeito (Cf. Duarte, 1995, Duarte, 2003). O futuro mostrou ser, dentre os tempos verbais, o contexto mais resistente ao pleno, apresentando percentual de 62% de nulos e peso relativo de 0,58. O pretérito perfeito também apresentou significância no favorecimento do nulo com o percentual de 57% e peso relativo de 0,53, demonstrando ser este também o tempo verbal que mais permite uma versão nula no lugar do pronome. Ocupam, assim, o posto de menos favorecedores do pronome nulo em posição de sujeito no português brasileiro o presente do indicativo, com 52% de nulos e peso relativo de 0,50, e o

pretérito imperfeito do indicativo, com apenas 30% de nulos e conseqüentemente, apresentando o peso relativo de 0,28:

Tabela 4.11 - Nulos em PB de acordo com o tempo verbal (input 0,63)

Tempo Verbal	Nulo/Total	%	Peso
Presente	255/486	52	0,50
Futuro	68/109	62	0,58
Pretérito perfeito	93/163	57	0,53
Pretérito imperfeito	15/50	30	0,28
TOTAL	431/808	53	

Dessa forma, o futuro é o maior responsável pelos nulos, embora já se evidencie uma possível concorrência entre nulos e plenos mesmo com esse tempo. Informamos, no entanto, o fato de apenas doze ocorrências do total de nulos terem sido para o futuro simples, em oposição ao futuro perifrástico que obteve cinquenta e seis:

- (206) “Adeus, ano velho. Nunca mais **ec** te **veremos**”(F) (t.604, p.130, br)
 (207) “...cuja arte inigualável nunca **ec esqueceremos**.”(O) (t.543, p.117, br)
 (208) “Você; já pensou no que **ec; vai ser** quando for grande?” (M) (t.13, p.8, br)
 (209) “**ec Vou pagar** salários EXCELENTES!!” (Mn) (t.798, p.171, br)

Observamos que das doze ocorrências, seis eram empregadas no modo subjuntivo, em orações com o padrão de referência A, ou seja, o antecedente do sujeito em análise era o sujeito da oração principal ou matriz, e estavam no mesmo período:

- (210) “**ec; Já falei** para vocês dos filhinhos que eu; quero ter quando **ec; for** uma senhora?” (S) (t.807, p.173, br)
 (211) “De tooodos os filhinhos que você; vai ter quando **ec; crescer!**” (M) (t.886, p.189, br)

As demais se referiam a casos isolados, em que o locutor de rádio fazia um pronunciamento, sujeito de primeira pessoa do plural, ou quando um personagem lia um texto escrito:

- (212) “... Sua morte priva o cinema de uma de suas maiores personalidades...cuja arte inigualável **ec** nunca **esqueceremos**.”(O) (t.543, p.117, br)

(213) “Se um pedreiro_i assenta 100 tijolos em 1 hora, quantos tijolos **ec_i assentará** em 2 ½ horas?” (F) (t.335, p.73, br)

Os resultados de Duarte (1995) para o tempo verbal mostraram ser o pretérito perfeito o mais resistente ao preenchimento. Em parte foi confirmado, pois, depois do futuro, foi o pretérito perfeito o tempo que mais escolheu o nulo, sendo a primeira pessoa responsável por 77%:

(214) “**ec Comprêi** três entradas para irmos ao teatro infantil” (P) (t.103, p.30, br)

(215) “**ec_i Ficou** maluco? **ec_j Dei** uma olhada e são uns sete mil!”(M)

Segundo Duarte (2003), ainda que os resultados venham apresentando que outros condicionamentos são atualmente os maiores responsáveis pelo preenchimento em PB, a menor saliência fônica apresentada por alguns tempos verbais, como o presente do indicativo, pode corresponder a um contexto favorecedor ao avanço do preenchimento pronominal do sujeito. Os dados no presente do indicativo em nossa amostra apresentaram, em consonância com o indicado pela autora, um menor índice de nulos em comparação com o futuro e o pretérito perfeito.

O pretérito imperfeito foi o que mais se destacou ao apresentar apenas 30% de nulos, peso relativo de 0,28. Interessante, portanto, pois o italiano obteve peso relativo de 0,22 para o mesmo tempo. Embora saibamos que o modo subjuntivo tenha contribuído bastante no caso da amostra italiana, ainda assim, como vimos na subseção 4.2.3, o imperfeito se mostrou mais favorável ao preenchimento também no modo indicativo. Sabemos que a mesma desinência desse tempo no PB coincide para mais de uma pessoa gramatical (eu cantava/cantasse, você cantava/cantasse, ele cantava/cantasse, a gente cantava/cantasse), o que explicaria, portanto, a maior incidência de plenos com esse fator, pois mesmo os contextos resistentes ao pleno cederiam espaço ao preenchimento:

(216) “Todo mundo vai saber como **você** me **maltratava**, pois entre os episódios amargos da minha infância vai estar ESTE!” (Mn) (t.336, p.73, br)

(217) “Ué... **Você** não estava de mal com ela?” (M) (t.332, p.72, br)

(218) “Meu pai_i me contou que quando **ele_j ia** à escola o professor batia nos alunos que eram duros de aprender” (Mn) (t.313, p.68, br)

(219) “Mas, Mafalda, mesmo que **eu explicasse** o problema do Vietnã, você não iria entender!” (P) (t.39, p.14, br)

“E se **você me explicasse** sem as partes pornográficas?” (M) (t.39, p.14, br)

4.3.2.3- Transitividade Verbal

O grupo da transitividade verbal obteve os seguintes resultados fornecidos pela tabela 4.12:

Tabela 4.12 - Nulos em PB de acordo com a transitividade Verbal (input 0,63)

Transitividade Verbal	Nulo/total	%	Peso
Transitivo	323/590	55	0,54
Intransitivo	42/101	42	0,35
Ligação	66/117	56	0,44
TOTAL	431/808	53	

Como havíamos demonstrado no capítulo de metodologia, parece haver uma tendência, dentre os verbos de ligação, de o verbo **ser** não preencher o sujeito (Duarte, 1995, Bravin dos Santos, 2006). De acordo com Bravin dos Santos, esses verbos comportam-se a favor do nulo em função de aspectos intrínsecos a eles e não necessariamente por razões sintáticas.

No presente trabalho, como é possível perceber, os resultados apontam para uma leve preferência pelos nulos com os verbos de ligação. Para verificar se esse comportamento se deve ao emprego do verbo **ser**, extraímos do total de ocorrências com verbos de ligação aquelas em que o **ser** aparecia. Verificamos que das sessenta e seis sentenças que apresentaram nulo, apenas treze eram com verbos do tipo **estar, ficar, parecer**, sendo todo o resto com o verbo **ser**. Um pouco diferente, das cinquenta e cinco ocorrências com plenos, os verbos **estar, ficar, parecer** apareceram igualmente apenas trezes vezes. Isso significa que as sentenças com o verbo **ser** podem representar uma estrutura ainda resistente à mudança.

Os verbos intransitivos se mostraram os mais favorecedores do pleno com índice de nulos de 42% e peso relativo de 0,35, o que nos levou a supor que, com a falta de objetos, o verbo se vê praticamente obrigado a preencher o sujeito por questões estruturais. Esse processo envolveria uma tendência entre as línguas românicas de que, quando o objeto não é expresso ou, no caso dos intransitivos, não são exigidos pela grade argumental do verbo, o favorecimento do pleno até então apresentado se acentuaria, visto que, caso contrário, a

sentença se apresentaria apenas com o verbo foneticamente expresso. Abaixo apresentamos nas sentenças de número (220), (221) e (222) alguns exemplos:

(220) “**Ele** dormiu?” (M) (t.80, p.25, br)

(221) “As menina da sociedade convidavam ele_i para as festas de 15 anos, e **ele_i** **danças** com aquela farda linda de cadete?”(S) (t.232, p.51, br)

(222) “**Você trabalha** como uma escrava na cozinha!... e pra fazer o quê? SOPA!” (M) (t.170, p.47 br)

Parecem, portanto, ambiente favorável ao preenchimento esses casos de verbo intransitivo, embora mereçam uma análise mais detalhada, que foge aos objetivos do presente trabalho. Por outro lado, vimos, ainda, que os transitivos não apresentaram o mesmo comportamento, o que mostra serem pouco mais resistentes aos plenos.

4.3.2.4- Estrutura do Sintagma Complementizador

Quanto ao CP, a análise dos dados obteve resultados que se somam aos demais encontrados nos estudos de Duarte (1995, 2003) sobre o pronome sujeito no português do Brasil. O CP preenchido favorece o preenchimento como pode ser visto na tabela 4.13:

Tabela 4.13 - Nulos em PB de acordo com a transitividade verbal (input 0,63)

Estrutura de CP	Nulo/total	%	Peso
Vazio	262/399	66	0,66
Spec de C preenchido	133/321	41	0,37
Núcleo de C preenchido	36/88	41	0,24
TOTAL	431/808	53	

A ausência de material nessa camada flexional representa ainda um contexto de conservação dos nulos, a qual foi a maior responsável pelos nulos de primeira pessoa:

(223) “**ec QUERO** UMA TELEVISÃO!” (M) (t.9-G, p.7, br)

(224) “**ec Conseguiu** um formicida fantástico” (M) (t.86, p.26, br)

(225) “**ec Chamou** alguma firma de dedetização?” (F) (t.90, p.27, br)

(226) “**ec FAÇO UM APELO EM FAVOR DO DESARMAMENTO MUNDIAL!**”(M)
(t.339, p.74, br)

Por outro lado, a presença de material em especificador e núcleo de CP vem se mostrando um forte contexto em que a mudança em direção ao pleno vem se implementando. No caso do especificador de CP, quando há elementos à esquerda do verbo ocupando essa posição, parece haver um distanciamento entre o sujeito e o seu antecedente e, conseqüentemente, a preferência pelo preenchimento:

(227) “**Mafalda_i, você_i** não é mais filha de uma mulher medíocre!”(Ma) (t.209, p.46, br)

(228) “**Querido diário, hoje eu** xinguei a minha mãe....”(M) (t.436, p.94, br)

As interrogativas com CP preenchido (229 e 230) corresponderam a 39% (73 ocorrências) do total de dados com pronomes plenos e especificador de CP preenchido, enquanto que as ocorrências de nulos no mesmo contexto foram de apenas 24 (231 e 232):

(229) “**Por que você_i** não vai para o jardim-de-infância, Manolito_i?” (M) (t.6, p.4, br)

(230) “**Do que vocês** estão brincando?” (Ma) (t.21, p.10, br)

(231) “**O que ec_i está esperando?** Afinal você_i TEM ou não tem que fazer a lição?” (M)
(t.48, p.17, br)

(232) “**O que ec_i está fazendo,** Mafalda_i?”(Mn) (t.348, p.75, br)

Igualmente relevantes foram as sentenças com pronomes plenos e material em núcleo de CP, dentre as quais destacamos, por representarem 96%, as orações substantivas, trinta e duas ocorrências, e as relativas, dezoito ocorrências. Das substantivas, percebemos que apenas cinco apresentavam o mesmo sujeito da matriz, significando, portanto, que, quando o sujeito da encaixada é diferente daquele apresentado pela matriz, há uma preferência por pronomes plenos:

(233) “Pode ficar tranquilo, Manolito_i, aqui ninguém acha **que você_i** é alguma coisa!”(S)
(t.505, p.108, br)

(234) “**ec_i** Acho que ninguém vai saber espontaneamente **que eu_i** sou um cara legal” (Mg)
(t.914)

(235) “Não é possível **que eu** não tenha força de vontade!” (F) (t.752, p.162, br)

As dezoito ocorrências de orações relativas com sujeito expresso representam 56% de adesão ao pleno nesses contextos, dado o número total de trinta e duas ocorrências de orações relativas na amostra analisada. A título de ilustração, exibimos os exemplos (236), (237), (238) e (239), que representam algumas dessas sentenças:

(236) “Uma das coisas **que eu** tenho que fazer na vida” (M) (t.124, p.35, br)

(237) “Mafalda_i, pegue o pulôver **que você_i** deixou jogado!” (Ma) (t.23, p.10, br)

(238) “Oi, Manolito. Minha mãe mandou ver se o uísque **que vocês** vendem é muito caro” (M) (t.891, p.190, br)

(239) “É a notícia mais maravilhosa **que já ec** recebi!” (Mn) (t.827, p.178, br)

Acreditamos ser, em razão da relevância atribuída pelo *VARBRUL*, a estrutura de CP não somente a responsável por contextos favorecedores do pleno em PB, mas, em razão dos nossos resultados para o italiano e os de Duarte (1995) para o PE, um fator sintático em que há uma abertura aos pronomes plenos mesmo nas línguas românicas de sujeito nulo, que se acentua naquelas que tenham deixado de apresentar a predileção pelos nulos, como é o caso do PB.

4.3.2.5- As condições de referência

As condições de referência também se mostraram significantes para a realização do sujeito. É possível, através da tabela 4.14 verificar a relevância dos padrões **A** e **B** (**b**) no favorecimento do sujeito nulo:

Tabela 4.14 - Nulos em PB de acordo com as condições de referência (input 0,63)

Condições de referência	Nulo/total	%	Peso
Estrutura A	61/81	75	0,85
Estrutura B	49/83	59	0,47
Estrutura b	57/86	66	0,55
Estrutura C	19/58	33	0,32
Estrutura c	6/12	50	0,31
Estrutura D	29/77	38	0,28
Estrutura d	12/30	40	0,29
Estrutura E	4/14	29	0,31

Estrutura e	9/11	82	0,80
Estrutura F	6/24	25	0,44
Estrutura G	11/30	37	0,57
TOTAL	263/506	52	

Verifica-se, portanto, que o contexto em que há referência entre o verbo da matriz e o da encaixada (240 e 241), estrutura A, é um forte aliado à contenção do avanço das formas plenas, embora já tenhamos, mesmo com esse padrão de referência, sujeitos plenos (242):

(240) “Meu **pai_i** disse que **ec_i** gastou uma fortuna com meu material escolar...”(Mn) (t.317, p.69, br)

(241) “**Você_i** já pensou no que **ec_i** vai ser quando for grande?” (M) (t.13, p.8, br)

(242) “Quer dizer que, quanto mais **ela_i** me conhece, mais desconto **ela_i** me faz”(Mn) (t.514, p.110, br)

À parte o padrão **e**, que representou casos isolados de falas de personagens que encontravam o referente na fala do outro e estruturas com CP vazio, o padrão G também se mostrou favorecedor do nulo em PB. Com peso relativo de 0,57, as sentenças em que a categoria vazia tem ligação com um vocativo se mostraram resistentes ao preenchimento. O que pudemos perceber, no entanto, é que foram casos, em sua maioria, de verbo auxiliar no presente do indicativo e verbo principal no gerúndio (243) e futuro perifrástico (244):

(243) “O que **ec_i** **está fazendo**, Mafalda_i?” (Ma) (t.788, p.169, br)

(244) “O que **ec_i** **vai ser** quando crescer, Susanita_i?” (M) (t.98, p.29, br)

Os demais padrões, tais como **C** (245), que encontra seu referente na oração anterior, mas em outra função, **D** (246), que representa o referente distante do sujeito uma ou mais orações, **E** (247), que encontra seu referente em outra função sintática e longe uma ou mais orações, e **F** (248), que apresenta o vocativo como antecedente, apresentaram-se já como contexto favorecedor do pleno em PB:

(245) “Se as idéias de desenvolvimento **do pai do Manolito_i** tivessem caído, **ele_i** não teria um armazém tão próspero!” (F) (t.17, p.9, br)

(246) “Quando **eu_i** fico de castigo **ec_i** imagino que a casa vai pegar fogo e **eu_i** vou salvar meus pais...”(S)

(247) “**Papai**_i! Elas estão carregando o formicida que **você**_i colocou!” (M) (t.87, p.26, _i br)

(248) “**Mafaldinha**_i, **você**_i está dormindo?” (P) (t.44, p.16, br)

Foram, portanto, confirmadas as hipóteses de que um outro candidato à referência do sujeito requer o preenchimento deste (Calabese, 1986). Confirmamos, ainda, a importância dos padrões criados para a classificação do sujeito (Cyrino, Duarte & Kato, 2000, Soares Silva, 2006), bem como o formulado para o presente trabalho, padrão G, pois nos permitiram verificar que, na resistência ao pleno, um referente esperado representa um contexto ainda favorecedor do nulo.

4.3.2.6- Traço semântico do sujeito

Os resultados obtidos para o traço semântico se somam àqueles que obtiveram para o traço [+ animado] um condicionamento ainda presente no PB para a preferência por nulos (Duarte, 1995, 2003). Vimos que o sujeito nulo com o traço [-animado] é categórico em italiano, 100% de nulos, e Soares da Silva (2006) também encontrou a mesma categoricidade no espanhol de Buenos Aires e Madri. Essa característica das línguas de sujeito nulo, embora já não se apresente como categórica, é possível ainda verificar em PB, vejamos a tabela 4.15:

Tabela 4.15 - Nulos em PB de acordo com o traço semântico do sujeito (*input 0,63*)

Traço semântico do sujeito	Nulo/total	%	Peso
[+ animado]	403/768	52	0,47
[- animado]	28/40	70	0,93
TOTAL	431/808	53	

Embora ainda com poucas ocorrências, os plenos com referente [- animado] vêm se firmando na língua brasileira do Brasil. Foram encontrados 12 sujeitos com esse traço, o que representa já uma importante mudança no comportamento do PB em relação às línguas românicas de sujeito nulo. Apresentamos alguns desses dados para que se demonstre a importância desse contexto estar cedendo, aos poucos, espaço às formas plenas dos pronomes:

(249) “**Meu boneco**_i é muito inteligente. Quando a gente aperta a barriga dele, **ele**_i diz ‘mamãe’” (S) (t.97, p.29, br)

(250) “**ec**_i Deve ser estrangeiro, não é?” (M) (t.97, p.29, br)

- “Porque se **ele**_i fosse daqui, quando apertassem a barriga dele...” (M) (t.97, p.29, br)
- (251) “Então afinal você tem **televisão**_i, hein?” (F) (t.11, p.7, br)
- “Venha ver... **ela**_i é fantástica!” (M) (t.11, p.7, br)
- (252) “Mamãe, me explica esse negocio **dos dentes de leite**_i. **Eles**_i caem todos de uma vez? POING?”(M)
- (253) “Minha tia Clarita tem umas **xícaras chinesas**_i que são divinas!” (S) (t.739, p.158, br)
- “**Elas**_i são do tempo em que os chineses faziam coisas lindas. Porque antes os chineses não eram maus” (S) (t.739, p.158, br)

4.4- O original espanhol e a versão em português europeu: observações gerais

Interessou-nos saber, em um momento da pesquisa, como os mesmos sujeitos pronominais utilizados na análise de dados eram realizados na versão original da história em quadrinhos *Toda Mafalda*. Decidimos, dessa forma, observar em espanhol as mesmas sentenças selecionadas no *corpus* brasileiro e no italiano.

A princípio, apenas 14 sentenças, de um total de 851, encontravam-se em espanhol³⁰ com verbos no infinitivo ou com sujeitos que não correspondiam aos realizados pelo PB e pelo italiano. Foram, por isso, excluídas da análise contrastiva, por exemplo, as seguintes estruturas (254) e (255), pois as correspondentes brasileiras, (256) e (258), e italianas, (257) e (259), apresentavam-se com estruturas diversas:

- (254) “_i Nunca **ec** voy a olvidar aquella vez que el cabo Siracussa me privó de franco **por saludar** sin el birrete puesto!”(P) (t.233, p.104, ar)
- (255) “Mi preocupa **mi mamá**”(Mg) (t.428, p.153, ar)
- (256) “Nunca **ec** vou me esquecer quando o cabo Siracusa me suspendeu a licença **porque ec bati continência** sem o quepe...” (P) (t.234, p.52, br)
- (257) “Non **ec** dimenticherò mai quando il caporale mi ha messo agli arresti **perché ec avevo fatto il saluto** senza berretto in testa!” (P) (233 p-55, It)
- (258) “**ec** Estou preocupado com a minha mãe”(Mg) (t.431, p.93, br)
- (259) “**ec** Sono in pensiero per la mamma” (Mg) (428 p- 94, It)

³⁰ O original foi escrito em espanhol da Argentina, variedade americana do espanhol peninsular.

Como também possuíamos a versão portuguesa das tiras, percebemos que haveria, ainda, a possibilidade de podermos confrontar o italiano, o PE e o PB com o espanhol. Esse processo poderia nos fornecer informações sobre o comportamento das duas línguas consideradas de sujeito nulo, o italiano e PE, frente ao original espanhol, que também é considerado uma LSN, bem como visualizar o comportamento do PB em contraste com essas três versões.

Recorremos, por isso, às histórias em quadrinhos da Mafalda na versão portuguesa e fizemos o mesmo processo que havíamos aplicado ao espanhol: selecionamos apenas as sentenças que se igualavam nas quatro versões. Foram, portanto, excluídas mais 12 sentenças, pois não correspondiam às demais analisadas para o PB, o italiano e o espanhol, como exemplificam os exemplos (260) e (261):

(260) “Não **era preciso** ficar assim. Todos fazemos burrices de vez em quando.”(M) (t.443, p.150, Pt)

(261) “**Ele não devia ficar** assim. Todo mundo faz burrada de vez em quando”(M) (t.446, p.96, br)

Foram realizadas, desse modo, 26 exclusões, a fim de que restassem apenas as estruturas semelhantes no espanhol, no italiano, no PE e no PB. Abaixo a tabela 4.16 apresenta os resultados obtidos para os pronomes nulos e plenos nas quatro versões:

Tabela 4.16 - Nulos e plenos no espanhol, italiano, PE e PB

<i>Corpus</i>	Sujeito Nulo	%	Sujeito Pleno	%	Total
espanhol	747	91	78	9	825
Italiano	752	91	73	9	825
português europeu	790	95	35	5	825
português brasileiro	422	51	403	49	825

O percentual de nulos para o original espanhol demonstra que se trata de uma língua de sujeito nulo, conforme já havíamos visto no capítulo 1, quando apontamos para o fato de a riqueza flexional, em línguas como o italiano e o espanhol, permitir uma categoria vazia que é recuperada pelo conteúdo da flexão. Como é possível observar também, o PE se equipara ao espanhol e ao italiano, apresentando, ainda, um leve aumento no índice de sujeitos nulos em relação a essas duas línguas. O PB, no entanto, destoa de todas elas, pois se destaca à medida que apresenta um percentual de nulos bem menor.

Para visualizar melhor o comportamento do PB em confronto com o espanhol, o italiano e o PE, rotulamos cada sentença de acordo com a realização do sujeito pronominal em cada versão. Dessa maneira, esquematizamos uma tabela, em que colocamos grupos de acordo com as combinações possíveis dos pronomes nulos e plenos, a fim de que pudéssemos comparar e confirmar o comportamento diferenciado do PB em relação ao sujeito pronominal. Obtivemos, assim, as seguintes taxas demonstradas na tabela 4.17, na qual “P” corresponde a pleno e “N” corresponde a nulo:

Tabela 4.17 - Distribuição de plenos e nulos em espanhol, italiano, PE e PB

Grupo	Espanhol	Italiano	PE	PB	Total
1	N	N	N	P	320
2	N	N	N	N	404
3	N	P	P	P	7
4	N	P	N	P	10
5	N	P	N	N	2
6	N	N	P	N	1
7	N	N	P	P	3
8	N	P	P	N	Ø
9	P	P	P	P	20
10	P	P	N	P	27
11	P	N	P	P	1
12	P	N	N	P	15
13	P	P	P	N	2
14	P	P	N	N	5
15	P	N	N	N	7
16	P	N	P	N	1
TOTAL GERAL:					825

Com essa separação em grupos, foi possível observar importantes informações. Uma delas é em relação ao fato de que, de um total de 825 dados, 340 vezes o PB passou o nulo do espanhol para pleno, enquanto que o italiano o fez apenas 19 vezes, cujo principal motivo foi o emprego do pretérito imperfeito (262) e o presente (263), ambos do modo subjuntivo:

(262) “Se **tu avessi** un fegato...che epatite, eh?”(M) (741 p-157, It)

(263) “Non è possibile che **io non abbia** volontà, no signore!”(F) (747 p-158, It)

O PE também converteu em plenos os nulos do espanhol, contudo, isso ocorreu apenas 11 vezes. Não foi possível extrair nenhuma sistematicidade desses dados transformados em plenos pelo PE, destacamos apenas a sentença em que se empregou a primeira pessoa do

singular com presente do subjuntivo (264), pois a desinência de primeira pessoa, nesse caso, concorre com a da terceira, e poderia ter sido, portanto, a responsável pelo preenchimento:

(264) “Não é possível que **eu não tenha** vontade, não senhor!”(F) (t. 747, p. 212, PE)

Destacamos, ainda, uma sentença com oração encaixada (265) em que o sujeito não era o mesmo da matriz e uma oração coordenada com sujeitos diferentes (266), pois podem ter sido determinantes na escolha do pronome pleno:

(265) “QUE QUANTIDADE DE ANOS DISSESTE **QUE ELE TEM?**”(Mg) (t. 885, p. 239, PE)

(266) “O Manelito_i pensa que ninguém consegue nada aos gritos com uma guitarra e **eu_j** acho que tem razão” (M) (t.943, p.254, pt)

Em relação aos pronomes plenos do espanhol, foram poucas as vezes em que o PB os passou a nulo, apenas 15 vezes, as quais corresponderam, principalmente, a sentenças com o verbo ser (267), achar (268) e pensar (269):

(267) “**ec Sou** um presidente” (M) (t.23, p.10, br)

(268) “**ec Acho** que é bem possível, Miguelito” (M) (t.818, p.175, br)

(269) “Puxa!... **ec Pensei** que os idiotas estivessem em greve, mas parece que hoje saíram para trabalhar.”(Mn)

O pequeno número de vezes em que os plenos do espanhol passaram a nulos no PB demonstra que este prefere manter os plenos. Por outro lado, o italiano passa os plenos do espanhol a nulos um pouco mais do que o PB, 24 vezes. O PE mostrou ainda maior resistência aos plenos do espanhol, passando a nulos 54 dos pronomes preenchidos nas sentenças da língua original.

Um outro dado importante foi que o grupo oito, cuja combinação é NPPN, não obteve nenhum dado, o que significa que nenhuma vez o PB sozinho manteve os nulos do espanhol. Por outro lado, o PE o fez 10 vezes (grupo 4), e o italiano, 3 vezes (grupo 7).

Observamos, ainda, em relação ao PE, que não foram encontrados pronomes preenchidos com o traço [- animado]. Como já foi apresentado, uma característica associada à marcação positiva do Parâmetro em questão é a categoricidade com que as LSNs produzem

sujeitos foneticamente nulos quando o traço semântico é [- animado]. Se o PE não apresentou pronomes preenchidos com esse traço, tal fato reitera sua condição de LSN. Abaixo apresentamos, a título de exemplificação, algumas das sentenças em PE realizadas com sujeitos nulos de traço semântico [- animado]:

(270) “A tia Clara tem **umas fabulosas chávenas de chá chinesas_i!**”(S)

“**ec_i** São do tempo em que os chineses faziam coisas belas. Porque dantes os chineses não eram nada maus!”(S)

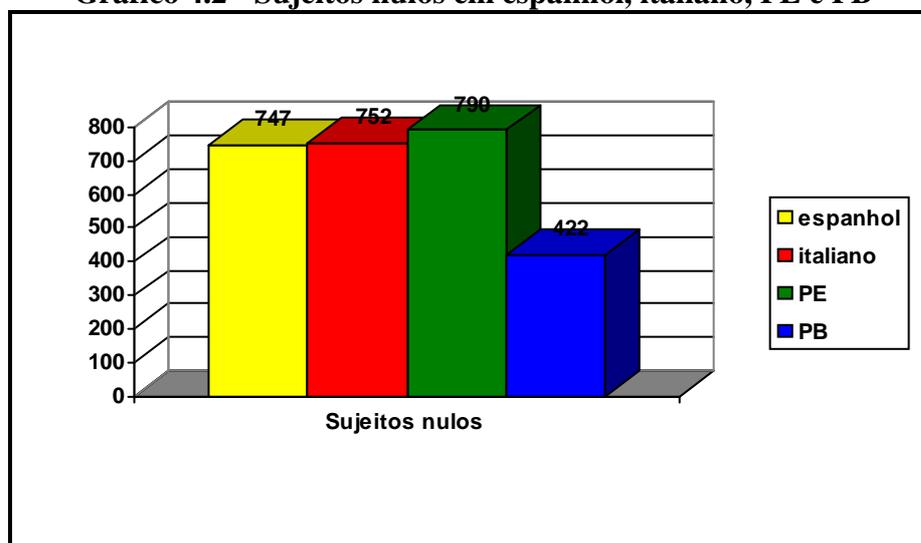
(271) “**ec** Vi **uma metralhadora fantástica_i**, a pilhas! **ec_i** Faz faíscas e acende uma luz encarnada. Tem tudo! Pedi à minha mãe para ma comprar[.]”(Mg) (t.571, p.177, Pt)

(272) “Explica-me essa coisa dos **dentes de leite_i**, mamã. **ec_i** Caem todos de uma vez? PUMBA?”(M) (t.515, p.164, Pt)

Acreditamos que, através do contraste realizado entre essas quatro versões, ficou evidente que o PB não se comporta como as demais línguas no que se refere ao preenchimento pronominal. O fato, por exemplo, de termos encontrado, na versão brasileira, alguns sujeitos preenchidos com o traço [- animado], demonstra que o PB já não opta categoricamente pelos nulos nesses contextos.

Para finalizar, ilustramos, através do gráfico 4.2, as taxas de sujeitos nulos nas sentenças das histórias em quadrinhos da Mafalda na versão original, espanhol de Buenos Aires, e nas versões italiana, portuguesa e brasileira:

Gráfico 4.2 - Sujeitos nulos em espanhol, italiano, PE e PB



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a postulação de um parâmetro referente à realização sintática do sujeito, a Teoria Gerativa abarcou uma possível explicação ao comportamento diferenciado das línguas humanas frente a essa construção sintática, o que não significou, no entanto, diferenças no princípio maior de que todas as línguas humanas possuem um lugar específico na estrutura sentencial para o sujeito.

Para o presente trabalho, foi de grande valia, portanto, a abordagem teórica do que ficou então conhecido como Parâmetro do Sujeito Nulo, apresentado no primeiro capítulo, pois nos permitiu associar o comportamento diferenciado do português do Brasil, no que se refere ao preenchimento pronominal em posição de sujeito, cada vez mais expressivo, em relação às demais línguas que, por outro lado, apresentam preferencialmente sujeitos nulos nessa posição. Faz-se necessário destacar também a importância da associação dessa Teoria ao modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov e Herzog, 1968), que se mostrou satisfatória para a realização da pesquisa e análise de dados.

Igualmente importantes foram os resultados de estudos anteriores, apresentados no segundo capítulo, sobre o referido parâmetro no PB, pois nos permitiram refletir sobre os mesmos e, então, focar diretamente nossos esforços em tentar entender principalmente quais contextos que ainda fazem com que o português do Brasil tolere uma categoria vazia em posição de sujeito. Para tanto, foram fundamentais os estudos desenvolvidos por Duarte (1993, 1995, 2003), Cyrino, Duarte & Kato (2000), Barbosa, Duarte & Kato (2005) entre outros citados ao longo desta dissertação.

A utilização de um *corpus* escrito com as características de fala oral e da maneira como veio a ser utilizado, conforme demonstrado no capítulo de metodologia, revelou-nos ser um material interessante para a análise contrastiva de duas línguas, na medida em que foi possível extrair sentenças de mesmo conteúdo estrutural e, desse modo, poder analisar as mesmas situações em que ocorrem sujeitos plenos ou nulos nas duas amostras.

Ressaltamos, portanto, que a escolha do italiano como idioma-fonte para o confronto do PB nos possibilitou, através dos resultados obtidos, confirmar a distância existente entre este e uma língua marcada positivamente no Parâmetro do Sujeito Nulo, conseqüentemente, o português europeu. Verificar que a força de AGR, quando atenuada no italiano em razão de um sincretismo entre as desinências de primeira e segunda pessoas no pretérito imperfeito do subjuntivo, abre espaços a diferentes caminhos para “driblar” o preenchimento pronominal,

que é, ao menos a princípio, a primeira solução para uma língua românica que, até então, utiliza a flexão verbal para a identificação e licenciamento do sujeito, é sugestivo, à medida que nos permite afirmar que a redução nas formas flexionais do PB é a maior responsável pelo freqüente índice de sujeitos plenos.

Do mesmo modo, a significância apontada pela estrutura do Sintagma Complementizador, no italiano, permitiu-nos confirmar que uma estrutura favorecedora do nulo em italiano pode corresponder a um contexto do qual o PB tenha se apropriado e estendido para o resto do sistema com a advinda redução das suas formas flexionais, o que havia sido previsto no terceiro capítulo. Para isso, tomamos como base a proposta de Duarte (1995) para as orações relativas em PE, que consistiu compreender esse tipo de sentença como o ponto pelo qual o PB deve ter iniciado a sua resistência ao nulo, visto que era o único contexto favorecedor do pleno em português europeu e se configurava como o contexto em que o comportamento rumo ao preenchimento pronominal se encontrava mais avançado no português brasileiro.

Embora as orações relativas, que acionam CP, não tenham se mostrado ambiente favorecedor ao pleno em italiano, as demais estruturas em que o especificador e o núcleo dessa camada funcional tenham sido ativados se mostraram flexíveis ao preenchimento. Dentre essas ocorrências se destacaram as orações encaixadas com sujeitos diferentes:

(273) “**ec_i** Ho pensato molto alle funzioni dell’uomo...e **ec_i** sono giunta alla conclusione **che noi_j** siamo appena nella matinée della vita”(M) (549 p-118, It)

Esse resultado está de acordo com o proposto por Calabrese (1986), o qual prevê que, nas estruturas em que o referente é esperado, há uma preferência pelo nulo, enquanto que, quando há um outro candidato à referência do sujeito, opta-se pela expressão fonética do pronome. É, portanto, previsível que esse mesmo tipo de estrutura em PB seja já um contexto categórico de plenos:

(274) “**ec_i** Andei pensando muito nas funções dos homens...e **ec_i** cheguei à conclusão de que **a gente** acabou de entrar na matinê da vida”(M)

O sujeito com o traço [- animado] não preencheu nenhuma vez o pronome em italiano, o que ratificou as hipóteses de que, em uma língua de sujeito nulo, esse é um contexto em que ocorre, categoricamente, o sujeito nulo, mostrando-nos, portanto que se o PB vem

preenchendo o sujeito com esse traço é devido à perda das características associadas à marcação positiva do Parâmetro do Sujeito Nulo.

Em relação aos resultados obtidos para o PB, observamos, primeiramente, que o nulo de primeira pessoa foi o único a encontrar espaço favorável nas tiras brasileiras analisadas, dado que as demais pessoas gramaticais se mostraram todas desfavorecedoras da categoria vazia em função de sujeito. Verificamos, no entanto, que uniram-se aos sujeitos de primeira pessoa fatores ainda favorecedores do nulo em PB, que devem ter havido, como já dissemos, mais espaço nas sentenças analisadas em razão de se tratar de um *corpus* escrito. Representaram, portanto, fatores importantes para a tolerância ao nulo de primeira pessoa o tempo verbal, pretérito imperfeito, e o CP vazio.

O tempos verbais futuro e pretérito perfeito foram os mais favorecedores do nulo, embora tenhamos observado que, do total de nulos para o futuro, a maior parte era de futuro perifrástico, sugerindo ser este um possível aliado à resistência ao preenchimento. O presente do indicativo e o pretérito imperfeito ficaram com as maiores taxas de plenos, sendo aquele menos significativo do que este, o qual apresentou apenas 30% de nulos. Esses resultados demonstram que o condicionamento morfológico, representado pelo tempo verbal, é um fator atuante nas línguas românicas, visto que foi significante tanto para o PB, quanto para o Italiano.

Dos condicionamentos sintáticos, o grupo da transitividade verbal também foi selecionado na análise de regra variável. Os verbos transitivos e os de ligação atuaram como ambiente mais favorecedor do nulo, quando comparados aos intransitivos, que se mostraram utilizar mais as formas plenas do que nulas do pronome. Observamos, ainda, que o emprego majoritário do verbo *ser* como verbo de ligação pode ter sido a causa da maior preferência por nulos, dado que se trata de um verbo para o qual se espera esse comportamento (Duarte, 1995, Bravin dos Santos, 2006).

Como já era esperado, o PB vem apresentado mais plenos quando se depara com a estrutura de CP preenchida. As sentenças que apresentaram tanto o especificador quanto o núcleo dessa camada flexional preenchidos obtiveram um maior índice de adesão às formas plenas. As interrogativas que acionaram o CP foram as maiores responsáveis pelos plenos nesse contexto, mostrando, ainda, que os nulos são desfavorecidos quando as interrogativas acionam o CP. Vimos ainda, no que se refere ao núcleo de CP preenchido, que as orações completivas, sem sujeitos correferentes, e as relativas confirmaram a predileção pela expressão fonética do sujeito em PB.

Os padrões A e B se mostraram como os maiores aliados ao sujeito nulo, confirmando, portanto, as hipóteses de Cyrino, Duarte & Kato (2000) de que um referente esperado ainda é um contexto de resistência ao preenchimento em PB. Os demais fatores se mostraram todos desfavorecedores do nulo, com exceção do padrão G, que se refere ao vocativo posposto ao sujeito, que favoreceu o nulo.

Em relação ao único fator semântico controlado em nossa análise, o traço semântico confirmou ser ainda um fator resistente à mudança em direção às formas plenas do pronome em posição de sujeito. O traço [+ animado] revelou ser o maior responsável pela variação em PB, dado que com o traço [- animado], ainda é um fator atuante em favor do nulo em PB. Contudo, como nas LSN sujeitos com traço [- animado] são categoricamente nulos, a quantidade registrada de plenos em nossa amostra sugere já o esforço de um sistema em progressão à marcação nula do parâmetro de sujeito nulo em preencher os sujeitos mesmo com esse traço.

Por fim, foi possível, através do contraste feito entre o italiano, o PB, o PE, e o original espanhol, visualizar a nítida preferência em todas as línguas, exceto o português brasileiro, pelos pronomes plenos. Observamos que o PB transformou em plenos boa parte dos pronomes realizados nulos nas sentenças da versão original espanhola, sugerindo, portanto, a recusa do PB, em certos contextos, à categoria vazia em posição de sujeito, bem como a confirmação de que já não se comporta mais como as LSN.

Esse confronto também demonstrou a autenticidade do material utilizado pelo presente trabalho como fonte dos dados, pois, não obstante o grande índice de nulos no original, o PB não se mostrou influenciado, preenchendo o sujeito principalmente nos contextos de maior recusa ao nulo. Evidenciamos, ainda, com a breve exposição dos resultados para as mesmas sentenças em português europeu, a distância deste em relação ao PB, pois, assim como o espanhol e o italiano, o PE apresentou comportamento condizente à sua condição de língua de sujeito nulo.

Acreditamos que contrastar os sujeitos pronominais da gramática do português brasileiro com os de uma língua prototípica de sujeito nulo, no caso o italiano, ajuda-nos a entender o fenômeno do sujeito nulo no PB. Tal crença se origina da possibilidade de os resultados nos fornecerem os pontos mais vulneráveis à mudança, a partir daqueles que também se mostram fracos em relação ao preenchimento do sujeito pronominal nas LSN, representando, portanto, os contextos em que a mudança deve estar mais adiantada no PB. É possível, ainda, através dos contextos mais fortes, entender que serão provavelmente esses

que levarão mais tempo a ceder espaço ao preenchimento numa língua que um dia foi marcada positivamente no parâmetro do sujeito nulo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Pilar; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; KATO, Mary Aizawa. Null Subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4, 2005, p. 11-52.

BRAVIN DOS SANTOS, Ângela Maria. *O sujeito anafórico de 3a pessoa na fala culta carioca: um estudo em tempo real*. Tese de Doutorado, UFRJ, 2006.

CALABRESE, Andrea. Pronomina: some properties of the italian pronominal system. In: FUKUI, N., RAPOPORT, T.; SAGEY, E. (orgs). *MIT Working Papers in Linguistics*, 8. 1986, p.1-46.

CHOMSKY, NOAM. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.

_____. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

_____. *Aspects of the theory of syntax*. The MIT Press, Cambridge. MA, 1965.

_____. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1995.

CYRINO, S.M.L.; DUARTE, M.E.L.; KATO, M.A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: Kato, M.; NEGRÃO, E. V. (orgs) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Madrid: Iberoamericana, 2000, p.55-73.

DARDANO, Maurizio; TRIFONE, Pietro. *La Lingua Italiana*. Bologna: Ed. Zanichelli, 2003.

DUARTE, M. Eugênia L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, M.A.(orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993, p.107-128

_____. *A perda do princípio "Evite Pronome" no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado, UNICAMP. 1995.

_____. Sociolinguística e Teoria de Princípios e Parâmetros. In: Anais do VIII congresso da Assel-Rio, 1999, p.1-8.

_____. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003, p.115-128.

FERNÁNDEZ SORIANO, Olga. El pronombre personal: formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. *Gramática descriptiva de la lengua española: sintaxis básica de las clases de palabras*. Madrid: Espasa, 1999, p.1309 - 1315

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. *A posição sujeito no Português Brasileiro*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.

_____. Main and embedded null subjects in Brazilian Portuguese. In: Kato, M.; NEGRÃO, E. V. (orgs) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Madrid: Iberoamericana, 2000, p.127-145.

FODOR, J. *The Modularity of Mind*. Cambridge (MA): MIT Press, 1983.

GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre a gramática do português*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HAEGEMAN, L.; GUÉRON, J. *English Syntax: a generative syntax*. Dordrecht, Kluwer, 1999.

HUANG, C. T. James. On the distribution and reference of the empty categories. *Linguistic Inquiry*, 15, 1984, p. 531-574.

_____. Pro-drop in Chinese: A Generalized Control Theory. In: O. Jaeggli; K. J. Safir (eds.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer. 1989, p. 185–214.

JAEGGLI, Osvaldo; SAFIR, Kenneth J. The Null Subject Parameter and Parametric Theory. In: O. Jaeggli ; K. J. Safir (eds.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer. 1989, p. 1-44.

KATO, Mary Aizawa. Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter. *PROBUS*, 11 (1), 1999, p. 1-37.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LIGHTFOOT, David. The development of grammars. *Glott International*, volume 3, Issue 1, 1998.

LOPES, Ruth Elizabeth Vasconcellos. Traços semânticos na aquisição da linguagem. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 41, nº 1, março 2006, p. 161-178.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M.C; LOPES, R.E.V. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Ed. Insular; 2005.

MOLLICA, Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Ed. Contexto; 2004, p. 9-14.

_____. Relevância das variáveis não lingüísticas. In: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Ed. Contexto; 2004, p. 27- 31.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Ed. Contexto, 2004, p.15-25.

NOCCHI, Susanna. *Grammatica pratica della lingua italiana: esercizi, test, giochi*. Firenze: Alma Edizioni; 2006.

OLIVEIRA, Marilza de. The pronominal subject in Italian and Brazilian Portuguese. In: Kato, M.; NEGRÃO, E. V. (orgs) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Madrid: Iberoamericana, 2000, p.37-53.

PIATELLI-PALMARINI, M. *Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem: o debate entre Jean Piaget e Noam Chomsky*. São Paulo: Cultrix, 1983.

QUINO, Joaquín Salvador Lavado. *Toda Mafalda*. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2005.

_____. *Mafalda la contestataria*. Milano: BUR; 1998.

_____. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes; 2000.

_____. *O mundo de Mafalda – as tiras, os inéditos, os testemunhos*. Braga: Bertrand Editora, 2002.

RAMOS, Jânia. Sociolinguística Paramétrica ou Variação Paramétrica? In: HORA, Dermeval da; CHRISTIANO, Elizabeth. (orgs.) *Estudos Linguísticos: Realidade Brasileira*. João Pessoa: Idéia, 1999, p.83-93.

RAPOSO, Eduardo Paiva. *Teoria da Gramática: a Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

RIZZI, Luigi. *Issues in Italian syntax*. Dordrecht: Foris, 1982.

_____. Null Objects in Italian and the Theory of pro. *Linguistic Inquiry*, 17, 501-558. 1986.

_____. *The new comparative syntax: principles and parameters of Universal Grammar*. ms. 1988.

_____. Residual Verb Second and the WH Criterion. *Technical Reports in Formal and Computational Linguistics* 3. Université de Genève, 1991.

_____. The Fine Structure of the Left Periphery. In: L. Haegeman (ed.) *Elements of Grammar*, Kluwer, Dordrecht. 1997, p. 281-337.

_____. On the Position “Int(errogative)” in the Left Periphery of the Clause. Università di Siena, 1999, P. 1-10. (manuscrito)

ROBERTS, Ian. *Verbs and Diachronic Syntax*. Dordrecht: Kluwer. 1993.

RÓNAI, Paulo. *A Tradução Vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ROTA, Piero. Il fumetto: traduzione e adattamento. In: *Texto a fronte*, v.28, Milano: Marcos y Marcos, 2003.

SERIANNI, Luca. *Grammatica Italiana: Italiano commune e lingua letteraria*. Torino: UTET Università, 2006.

SOARES DA SILVA, Humberto. *O parâmetro do sujeito nulo: confronto entre o português e o espanhol*. Dissertação de mestrado. UFRJ, 2006.

TARALLO, Fernando. Por uma sociolingüística românica “paramétrica”. *Ensaio de lingüística*, 13, 1987, p.51-83.

_____ ; KATO, Mary Aizawa. Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralingüística. *Preedição*, 5, Campinas, Unicamp. 1989.

_____. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudança sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

APÊNDICE A – Grupos de fatores não selecionados para o português brasileiro

Tabela A1 - Nulos em PB de acordo com o modo verbal

Tempo Verbal	Nulo/Total	%
Indicativo	423/776	55
Subjuntivo	8/32	25
TOTAL	431/808	53

Tabela A2 - Nulos em PB de acordo com a forma verbal

Forma Verbal	Nulo/Total	%
Simplex	298/574	52
Complexa	133/234	57
TOTAL	431/808	53

Tabela A3 - Nulos em PB de acordo com a presença de material entre o especificador de IP e I

Material	Nulo/Total	%
Ausente	334/629	53
Presente	97/179	54
TOTAL	431/808	53

Tabela A4 - Nulos em PB de acordo com a função sintática da oração

Oração	Nulo/Total	%
Principal	110/180	61
Absoluta	248/459	54
Adverbial posposta	20/29	69
Substantiva	36/79	49
Relativas	11/32	34
Adverbial anteposta	6/35	17
TOTAL	431/808	53

Tabela A5 - Nulos em PB de acordo com o tipo de oração

Tipo de oração	Nulo/Total	%
Declarativa	362/623	58
Interrogativa	69/185	37
TOTAL	431/808	53

Tabela A6 - Nulos em PB de acordo com a faixa etária do personagem

Personagem	Nulo/Total	%
Criança	385/727	53
Adulto	46/81	57
TOTAL	431/808	53

APÊNDICE B – Grupos de fatores não selecionados para o italiano

Tabela B1 - Nulos em italiano de acordo com a pessoa gramatical

Pessoa Gramatical	Nulo/total	%
1ª pessoa do singular	330/353	93
2ª pessoa do singular	172/189	91
3ª pessoa do singular	72/82	88
1ª pessoa do plural	75/80	94
2ª pessoa do plural	16/18	89
3ª pessoa do plural	10/13	77
TOTAL	675/735	92

Tabela B2 - Nulos em italiano de acordo com o modo verbal

Modo Verbal	Nulo/total	%
Indicativo	660/714	92
Subjuntivo	15/21	71
TOTAL	675/735	92

Tabela B3 - Nulos em italiano de acordo com a forma verbal

Forma verbal	Nulo/total	%
Simplex	450/491	92
Complexa	225/244	92
TOTAL	675/735	92

Tabela B4 - Nulos em italiano de acordo com a transitividade verbal

Transitividade verbal	Nulo/total	%
Transitivo	502/546	92
Intransitivo	82/89	92
Verbo de ligação	91/100	91
TOTAL	675/735	92

Tabela B5 - Nulos em italiano de acordo com a presença de material entre o especificador de IP e I

Material	Nulo/total	%
Presente	158/170	93
Ausente	517/565	92
TOTAL	675/735	92

Tabela B6 - Nulos em italiano de acordo com a função sintática da oração

Oração	Nulo/Total	%
Principal	155/168	92
Absoluta	369/396	93
Adverbial posposta	28/29	97
Substantiva	63/73	83
Relativas	29/31	94
Adverbial anteposta	31/38	82
TOTAL	675/735	92

Tabela B7 - Nulos em italiano de acordo com as condições de referência

Estrutura de CP	Nulo/total	%
Estrutura A	76/79	96
Estrutura b	65/71	92
Estrutura C	44/48	92
Estrutura F	19/23	83
Estrutura D	66/74	89
Estrutura d	24/27	89
Estrutura B	72/76	95
Estrutura E	7/11	64
Estrutura e	9/10	90
Estrutura c	7/8	88
TOTAL	389/427	91

Tabela B8 - Nulos em italiano de acordo com o tipo de oração

Tipo de oração	Nulo/Total	%
Declarativa	533/585	91
Interrogativa	142/150	95
TOTAL	675/735	92

Tabela B9 - Nulos em italiano de acordo com a faixa etária do personagem

Personagem	Nulo/Total	%
Criança	610/668	91
Adulto	65/67	97
TOTAL	675/735	92